ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 1 DE JUNHO DE 1971 N.º 17 400 ANO 51.º PREÇO 1$50

1x2 totoBOLA

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana? Na pág. 16 pode encontrar uma ajuda...

Manlio Brósio, secretário-geral da N. A. T. O., á entrada do gabinete do dr. Rui Patrício, no Palácio das Necessidades, onde esta manhã se deslocou para lhe apresentar cumprimentos. Manlio Brósio, que foi embaixador italiano em Moscovo, vai abandonar as funções de secretário-geral da Aliança Atlântica, devendo ser substituído pelo holandês Joseph Luns. O Presidente do Conselho recebe ainda hoje, em São Bento, o sr. Brósio, que lhe apresentará também cumprimentos. O Chefe do Governo português impor-lhe-á então a Grã-Cruz da Ordem de Cristo

(Ler na pág. 6)

A REUNIÃO DA N. A. T. O

WILLIAM ROGERS HOJE EM LISBOA

WASHINGTON, 1 — (R.) — O secretário de Estado norte-americano, William Rogers, partiu hoje para Lisboa (13 horas T. M. G.), a fim de assistir á conferência ministerial da N.A.T.O.

Nos círculos oficiais americanos espera-se que durante a conferência se consiga chegar a acordo sobre a forma da N.A.T.O. responder á proposta soviética de redução mútua das forças militares na Europa.

Nos mesmos círculos julga-se que os ministros estudarão as normas a adoptar para as conversações que venham a fazer-se entre a Aliança Atlantica e o Pacto de Varsóvia.

A questão de Berlim e, sobretudo, a do acesso de civis alemães áquela cidade será outro tema da conferência.

As fontes americanas notam, porém, que na opinião dos Estados Unidos as negociações para a redução de tropas na Europa não terão, necessáriamente, de ser precedidas por um acordo sobre Berlim.

Por seu turno, William Rogers fará sentir aos aliados europeus que no Congresso americano existe uma sensação cada vez maior de que não estão a contribuir o suficiente para as despesas da N.A.T.O.

O secretário de Estado norte-americano deverá ainda informar os outros membros da N.A.T.O. sobre os progressos alcançados nas conversações com a União Soviética com vista a limitação das armas estratégicas.

(Continua na 6.ª página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — LER NA PÁG. 20

CONTINUA O TEMPO INSTÁVEL

De acordo com a informação do Serviço Meteorológico Nacional, a evolução provável das condições meteorológicas no continente, na primeira quinzena deste mês, é a seguinte:

De 1 a 11 de Junho, Portugal continuará sob a acção de uma crista anticiclónica, que se estenderá da região dos Açores á Península Escandinava, podendo, nos ultimos dias do período, as regiões do norte serem atravessadas por superfícies frontais de fraca intensidade.

De 11 a 15 de Junho depressões provenientes das ilhas Britanicas provocarão agravamento do tempo.

Quanto á antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até 15 de Junho: de 1 a 11 de Junho, deverá haver céu limpo ou pouco nublado com períodos matinais de céu muito nublado nas regiões do litoral Oeste para norte do cabo Carvoeiro; condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro matinais; possibilidades de períodos de céu muito nublado e de chuvisco nas regiões do Norte; de 7 a 11, vento geralmente fraco, com regime de norte-da moderada no litoral Oeste para Sul do cabo Carvoeiro. A temperatura média do ar será acima dos valores normais para a época.

De 12 a 15 de Junho: céu muito nublado alternando com abertas; períodos de chuva ou aguaceiros fracos, especialmente nas regiões do Norte e Centro; vento geralmente moderado do quadrante Noroeste e temperatura média do ar próxima dos valores normais para a época.

uma iniciativa do DL

JOVEM LEITORA: CANDIDATE-SE A PRINCESA DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS

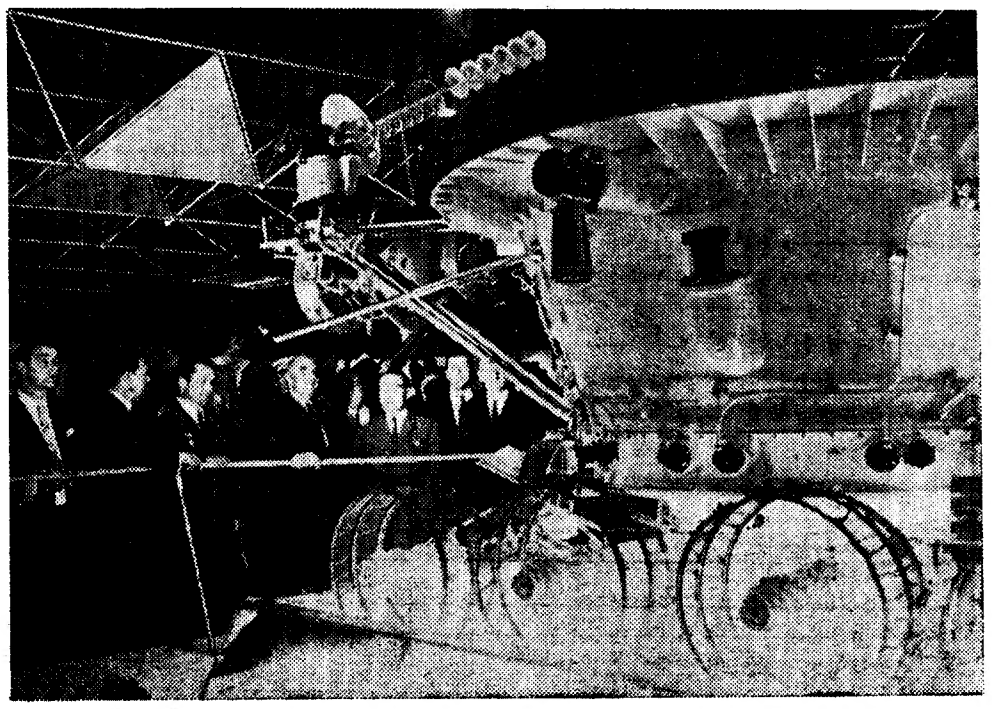
«VIAGENS APOLO» OFERECEM FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA PARA A SEGUNDA CLASSIFICADA (VER NOTÍCIA NA PÁG. 9)

VIAJAR SEM GASTAR APENAS POR SER LEITOR

LEITOR DO Diário de Lisboa

Proporcionar férias agradáveis aos participantes é um dos objectivos desta segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso jornal. Os apartamentos mobilados de Paço de Arcos são especialmente destinados a férias e fins-de-semana (embora naturalmente possam constituir residências com carácter permanente); o automóvel que é complemento do primeiro prémio (pois um apartamento e um carro encabeçam a lista dos

(Continua na página seguinte)



UMA RÉPLICA DO LUNOKHOD, que continua na superfície lunar, está exposta na exposição aeronáutica de Paris. Na FOTO, o presidente Pompidou diante do estranho engenho

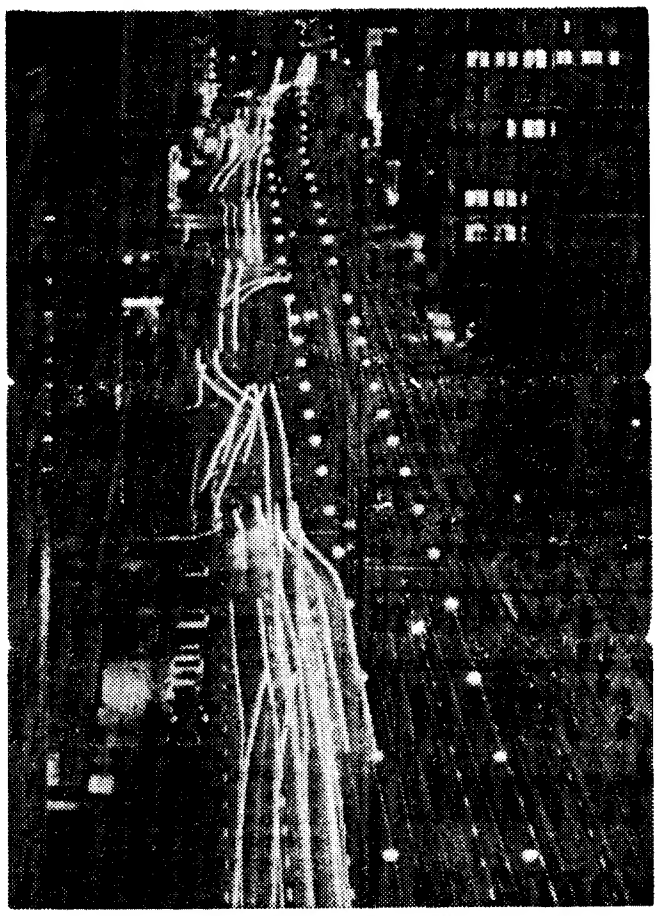
LEITOR DO Diário de Lisboa

(Continuação da pág. anterior)

prémios que reservámos para os nossos leitores) é, nem mais nem menos, um «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares, ideal para passeios por esse país fora. Mas não ficamos por aqui no desejo de proporcionar férias aos participantes da nossa iniciativa, acompanhada com o maior entusiasmo por muitos milhares de leitores em todos os pontos do País. Férias no Mundo estão, também, ao alcance dos que tomam parte nesta grande realização do «Diário de Lisboa».

Com a colaboração da Varig, da Canadian Pacific e da SAS, doze dos nossos leitores serão contemplados com uma viagem-dupla de avião e estada de oito dias numa das grandes cidades do mundo. Leitores do «Diário de Lisboa» e respectivos acompanhantes (familiares ou amigos), terão oportunidade de visitar o Rio de Janeiro, Toronto e Montreal e os famosos Cataratas do Niagara, a Escandinávia, com escala em Copenhague, Estocolmo e Oslo; Roma, Francoforte, Paris e Londres.

Muitas viagens estão, pois, ao alcance dos participantes nesta segunda fase da iniciativa do nosso jornal. A oportunidade de viajar sem gastar é posta ao seu alcance pelo simples facto de ser leitor do «Diário de Lisboa». Autêntico «mundo novo», o Canadá é justamente considerado o país das férias inesquecíveis. É exactamente no Canadá e através dos aviões da CP-Air. Canadian Pacific que alguns leitores do nosso jornal poderão passar oito dias inolvidáveis. O Canadá é um país de espantosas dimensões e contrastes. Aos nossos leitores é proporcionada a possibilidade de visitarem Montreal, a grande metrópole de língua francesa, e Toronto, centro de enorme complexo industrial, além das famosas Cataratas do Niagara e dos panoramas das pradarias a perder de vista, dos ranchos de gado, das agitadas pescas de salmão, das florestas sem fim, dos imensos campos de trigo, das minas de ouro, cobre, zinco e urânio. Por todos os lados reminiscências de um passado glorioso, os índios, a Polícia Montada, as fortificações onde franceses e ingleses lutaram por um «mundo novo». É exactamente esse «mundo» que se proporciona a leitores do «Diário de Lisboa», com a colaboração da Canadian Pacific, e pelo simples facto de quererem participar na nossa iniciativa.



Montreal é uma das grandes cidades do Canadá a serão visitadas por leitores do «Diário de Lisboa» dos na segunda fase da nossa iniciativa

Recordamos aos leitores que tomaram parte na primeira fase da iniciativa que se encontram automàticamente habilitados ao próximo sorteio. Aqueles que ainda o não fizeram, deverão remeter, depois de preenchido com letra bem legível mas apenas uma vez o cupão-duplo de identificação que continuamos a publicar diàriamente. O registo desse cupão-duplo nos nossos serviços faz com que o leitor seja considerado participante na iniciativa. Por isso, receberá o cartão que o identificará como leitor do «Diário de Lisboa» e o número que o habilitará ao sorteio.

Esclarecemos, mais uma vez, que nenhum dos prémios será entregue sem que o contemplado prove ser leitor regular do «Diário de Lisboa», exibindo a colecção de «cabeçalhos» (título e data do nosso jornal) publicados entre 7 de Abril último e 7 de Julho próximo. A exibição dos «cabeçalhos» (que fará com que o leitor entre na posse do prémio que lhe foi atribuído em sorteio) será feita perante um delegado do «Diário de Lisboa» e um representante da autoridade policial da localidade onde o leitor resida. Ainda está a tempo de tomar parte na nossa iniciativa. Pode viajar sem gastar e conhecer uma das maiores cidades do mundo.

JORNAIS ATRASADOS

Os pedidos de jornais atrasados devem ser sempre acompanhados da respectiva importância em selos, cheque ou vale de correio correspondendo 1$50 por cada jornal solicitado.

ATENÇÃO

Não envie o cupão-duplo em sobrescrito aberto. Remeta-o em sobrescrito fechado, com um selo de 1$00.

RESUMO DO REGULAMENTO

— A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGIVEL o cupão duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire regularmente o «Diário de Lisboa».

— Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185 1. Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios

— Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão-duplo

— O cartão de identidade do Leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

— O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir *na sua residência* o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de falta de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação

— A verificação dos «cabeçalhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente no cupão-duplo de identificação enviado no dia seguinte após a realização do sorteio, entre as 19 e as 23 horas, sendo realizada por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva, tendo o leitor (ou quem o represente) que exibir a sua identidade e o número de «cabeçalhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após o da realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste lapso de tempo), recorrer-se-á aos suplentes apurados para o efeito em sorteio. Abre-se assim, ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

— No caso de o participante não ter coleccionado o número suficiente de «cabeçalhos», o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabeçalhos» determinado, sendo a verificação feita no dia imediato à do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes. O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas, sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado, compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o represente), assim se procedendo, ucessivamente, em relação aos restantes suplentes

— O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971, data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação

— Fica estabelecido que a partida das viagens que constituem prémios seja feita de Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1.ª classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal de onde consta o título deste e a data de publicação.

ASSINATURAS

Aceitam-se assinaturas do «Diário de Lisboa» pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 meses — 250$00
12 meses — 485$00

Pagamento adiantado em cheque ou selo de correio.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º ..... (a)

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

..... TELEFONE (b) .....

PROFISSÃO (b) .....

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

.....

.....

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

..... (a)

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

..... TELEFONE (b) .....

PROFISSÃO (b) .....

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

.....

.....

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automàticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

MAIS DE 83% DOS PORTUGUESES NÃO TIVERAM FÉRIAS EM 1969

• A PERCENTAGEM DEVE TER SUBIDO PARA 86% NO ANO PASSADO

Cerca de 83 por cento da população portuguesa não teve férias em 1969 — segundo se afirma num documento do Gabinetet de Estudos e Planeamento da Direcção Geral do Turismo, intitulado «Estudo da situação de férias em 1969 e 1970 e opinião das vantagens e desvantagens do turismo (Portugal continental)» agora divulgado. Conclui-se, assim, que só 17 por cento da população teve férias há dois anos. A situação, porém, deve ter-se agravado em 1970. No mesmo estudo, salienta-se: «Para 1970 prevê-se um aumento do total da população sem férias (aproximadamente 86 por cento)». Deve recordar-se ainda que, neste caso, «férias» significa «deixar o domicílio habitual por um período superior a 48 horas».

Como se lê na introdução, *«O universo do estudo foi constituído por todas as donas de casa residentes em localidades maiores de 5 fogos em Portugal continental, definindo-se «dona de casa» como a pessoa responsável pelo governo doméstico do agregado familiar.»* Partiu-se de uma base de 2500 entrevistas em 149 lugares diferentes, assim distribuídos: Minho e Douro, 652; Trás-os-Montes, 111; Beira Litoral, 160; Beira Interior, 217; Estremadura, 1071; Alentejo, 201; Algarve, 88.

Entre todas estas regiões, a percentagem mais elevada dos «sem férias» em 1969 verificou-se no Algarve (98 por cento) e a mais baixa, na Estremadura (72 por cento). As percentagens verificadas nas cidades de Lisboa e Porto foram de 57 e 68 por cento, respectivamente. Em 1970 as posições extremas continuam a pertencer ao Algarve e á Estremadura. Relativamente a Lisboa, a percentagem de pessoas que gozam férias aumentou de 1969 (42.7 por cento) para 1970 (63.2 por cento).

Local mais escolhido: «interior ao norte do Tejo»

Em 1969 o local mais vezes escolhido para passagem de férias foi o «interior ao norte do Tejo», e os menos vezes preferidos, a «Madeira», a «cidade do Porto» e as «praias ao sul de Lisboa». Para 1970 pode prever-se que as posições se mantenham, com a diferença de que as «praias ao norte de Lisboa» serão agora escolhidas por quase tantas pessoas como o «interior ao norte do Tejo».

Saliente-se, entretanto, que apenas 1 % da população se deslocou ao estrangeiro em 1969 e igual percentagem se estima para 1970.

De notar que há grande interligação entre o ponto de origem e o local de férias escolhido. Por exemplo, as pessoas do Alentejo deslocam-se na sua maioria para o Algarve e as das Beiras para as praias ao norte de Lisboa. A Estremadura e o Minho e Douro contribuiram em conjunto com a quase totalidade das pessoas que se deslocaram em férias o que não será de admirar pois incluem as cidades de Lisboa e Porto.

Trasmontanos e beirões: férias em Fevereiro

De acordo com o mesmo estudo, cerca de 50 por cento das pessoas que tiveram férias em 1969, passaram-nas durante o mês de Agosto. Aparecem, depois, com mais de 40 por cento, os meses de Julho e Setembro. A grande excepção no que respeita a meses escolhidos vamos encontrá-la em Trás-os-Montes e na Beira Interior que contribuem, em conjunto, com 37 por cento do total das pessoas que escolhem o mês de Fevereiro para as suas férias.

Outro aspecto curioso do estudo que vimos seguindo diz respeito à deslocação das pessoas: entre as pessoas que tiveram férias, 17 por cento não se deslocaram, e os grupos mais frequentes, entre os 83 por cento que sairam de casa, são formados por 2 e 3 pessoas.

A duração das férias é quase sempre de 1 a 2 semanas ou então de um mês. Para 40 por cento das pessoas, é de cerca de 15 dias. Os que têm férias mais longas, vivem normalmente na Estremadura, Lisboa e Porto, e pertencem às classes mais elevadas.

Turismo em Portugal: «entrada de divisas»

No que se refere às vantagens do turismo efectuado pelos estrangeiros em Portugal, a resposta «não sabe» aparece numa tal percentagem quase 60 % que falseia muito os resultados. No entanto entre os que *sabem alguma coisa*, a vantagem mais vezes referida é a «entrada de divisas». Podem ainda considerar-se significativas as respostas que indicam «o desenvolvimento económico, comercial e industrial» e «por conhecer Portugal».

Quanto às desvantagens consideradas, muito pouco se poderá dizer, pois, para além dos 60 % que dizem «nada saber», há ainda 35 % que acham que o turismo estrangeiro não traz desvantagens. Restam apenas 5 % para as outras respostas. No entanto, considerando as respostas segundo a sua origem, 12 % dos algarvios e 9 % dos habitantes da Estremadura consideram que o turismo estrangeiro fez aumentar o custo de vida. Segundo a classe de origem, também a resposta «aumento do custo de vida» é a que aparece com maior frequência entre as classes mais elevadas.

ATENTADOS EM PORTO RICO

SAN JUAN — Após os dois ultimos atentados, os porto-riquenhos não escondem a sua cólera e inquietação perante a ameaça de uma nova vaga de terrorismo.

No decurso do mês de Abril, foram destruídas, por meio de bombas, as instalações ou os armazens de algumas empresas americanas, ou de companhias a elas ligadas. O ultimo atentado contra o «Grande Armazém de Nova York» causou prejuizos da ordem dos 350 000 dólares.

A Polícia e grande parte da população pensam que tais atentados só podem ser obra de um pequeno grupo de extremistas, partidários da independência de Porto Rico.

Os atentados á bomba contra os estabelecimentos americanos remontam ao plebiscito de 1967, em que os porto riquenhos tiveram de decidir se preferiam tornar-se um Estado dos U. S. A. independentes, ou continuar a gozar do estatuto actual. Mais de 60 por cento manifestaram-se a favor desta ultima fórmula, 39 por cento quiseram tornar-se um Estado da União e menos de um por cento a favor da independência.

Desde aí as empresas americanas, como a IBM a Woolworth a Sears e diversos hotéis, sofreram prejuizos superiores a 25 milhões de dólares, resultantes de atentados terroristas.

A organização terrorista mais militante chama-se «Comandos Armados de Liberation» Organizada na altura do plebiscito envia ás estações de rádio e aos jornais boletins copiografados, depois de cada acção terrorista.

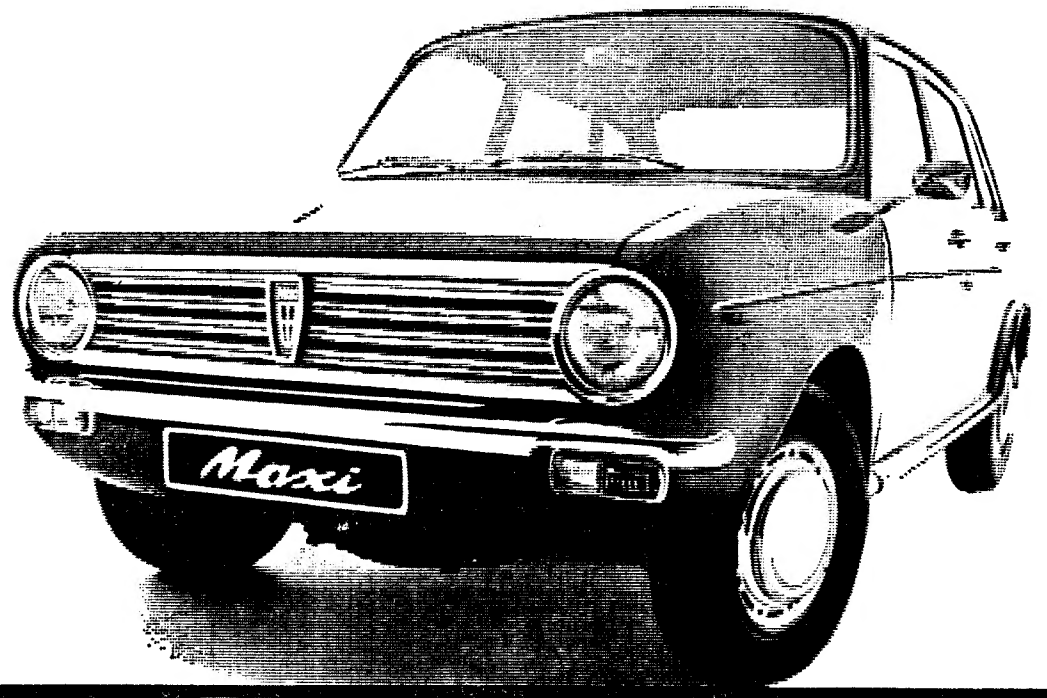
O dirigente do grupo declarou, numa entrevista a um jornal cubano que o seu movimento tinha como objectivo destruir 100 milhões de dolares de bens americanos. Segundo o director de uma importante companhia de seguros já se atingiu a quarta parte desse montante.

Mas os atentados terroristas daquele movimento têm consequências muito mais vastas: os homens de negocios americanos recusam-se, cada vez mais, a lançarem novos empreendimentos em Porto Rico enquanto os terroristas prosseguirem nas suas actividades acreditando certos observadores que a vaga de terrorismo é responsável pela diminuição da actividade turistica de há dois anos para cá.

Por IRWIN GOODWIN

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO



novo AUSTIN Maxi 1750
se quer saber o que o maxi faz pense no que não consegue fazer com o seu carro

DIST. GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L. LISBOA • PORTO • ÉVORA • BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS • AG. EM TODOS OS DISTRITOS

«STANDS» EM LISBOA: R. ALEX. HERCULANO, N.º 4 AV. DA REPÚBLICA, N.º 36-A R. TOMAS RIBEIRO, N.º 50-A

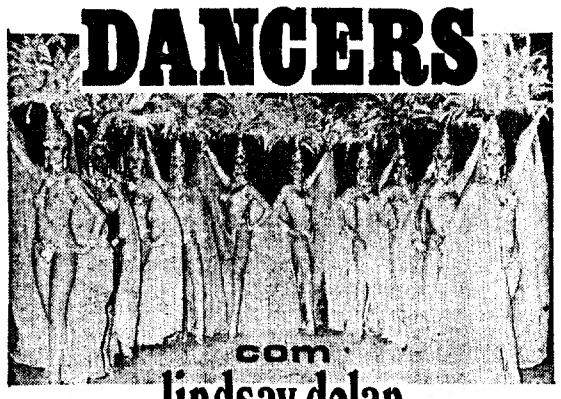
EM EXPOSIÇÃO DE 1 A 4 DO CORRENTE ATÉ ÀS 24 HORAS

71-AMX02

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÁS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

BENTYBER DANCERS



com
lindsay dolan

FAITH BROWN
VEDETA DA RÁDIO E DA TV INGLESA

GERD MARDEN
ILUSÃO E FANTASIA

BEATRIZ DA CONCEIÇÃO

"OS MODS" * "OS FLIERS"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DESIREE DESIR
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÁS 23,30 H.
maiores de 17 anos
NO WONDER BAR A 1,0H. maiores de 21 anos
TELEFONE 26 45 21

NOVO CASINO ESTORIL

*casino * novo casino estoril * casino estoril * casino estoril *

CICLO TEATRO NA EMPRESA

HUMOR A QUANTO OBRIGAS

«HUMOR PRÓPRIO», de Orlando Neves e Pedro Bandeira Freire. Encenação de A. Rego da Silva. Coreografia de Li Pascoal. Cenografia de José Manuel. Sonoplastia de Carlos Alberto. Intérpretes: Ana Maria Lopes Duarte, Lucília, M. C. Pedro, Maria Augusto Babo, Maria Clara Vieira, Maria José Fonseca, Armando Ferreira Pires, João Américo Branco, João de Assução Ramos, João Frutuoso Sequeira, José Luís Gil, Luís Manuel Barbosa, Manuel Candeias Magrinho, Manolo Rivera, Nelson Ferreira Soares, Orlando Rivera, Raimundo Alves Ferreira. Teatro de Ensaio Fima Lever, Teatro ABC, 25-5-71.

Creio que se trata de acontecimento inédito e importante: o grupo cénico de uma empresa (a Fima-Lever) encomendou a um dramaturgo jovem (Orlando Neves, crítico de teatro, autor da peça «*A Execução*») um texto para ser representado pelo seu Teatro de Ensaio. A Orlando Neves juntou-se Pedro Bandeira Freire, e ambos escreveram «*Humor Próprio*», tentativa de criação de uma linguagem nova que tem mais a ver com o teatro de revista do que com o chamado teatro declamado. Seguindo uma ideia de Millôr Fernandes («*Liberdade, liberdade*»), os autores fizeram uma antologia de humor (textos de Aristófanes, Molière, Vão Gôgo, Fernão Mendes Pinto, Manzoni, Fernando Luso Soares, Ionesco), indo da representação de breves cenas de clássicos, anedotas narradas ou representadas, citações de textos sobre o humor, até quadros de revista e pequenos *sketches* cómicos. O texto segue uma linha ascensional procurando, didàcticamente, uma demonstração de humor de qualidade, que é o humor crítico, a partir do seu elemento mais simples.

Belas intenções que se ficaram, em grande parte, pelo tinteiro. Mesmo assim, o conseguido justifica o esforço e revela a possibilidade de criação de espectáculos ao mesmo tempo populares e críticos.

O que há de melhor em «*Humor Próprio*» é o combate constante entre o grupo de actores que pretende representar um texto e três capitalistas que se propõem financiar o espectáculo e sobre ele exercem uma apertada e severa (ler: ridícula) vigilancia. A própria fragmentação do espectáculo, constantemente interrompido pelos capitalistas-censores que em tudo vêem fantasmas, mesmo em Fernão Mendes Pinto, é a prova da impossibilidade de espectáculos vivos e intervenientes apoiados em estruturas capitalistas. Mas, ao mesmo tempo, a sua existência é, pelo contrário, prova de que pode ser feito — ambiguidade que não deixa de ser perturbadora mas não deixa também de ser dialéctica. Não se livra o espectáculo de outras ambiguidades, como seja: a crítica a um humor de cócegas (gratuito), embora recorrendo a ele; a caricatura do espectáculo de revista não resulta pelo menos no 1.º quadro, que obedece às estruturas habituais sob o ponto de vista de linguagem. Em compensação, o 2.º quadro — sobre cobranças e cobradores —, com a destruição de canções comerciais pela adaptação de letras críticas, é um dos momentos conseguidos do espectáculo e prova de que temos ali dois possíveis autores de revista (estejamos tranquilos: ninguém os convidará). Além desse, outros números do espectáculo, como «Cavalos Marinhos», subtil e contundente, e alguns *sketches* de humor absurdo resgataram-no, parcialmente, das suas muitas debilidades.

O facto de alguns actores pràticamente não saberem os papéis e da evidente impreparação global prejudicou o ritmo do espectáculo, que se ressentiu muito por isso. O que devia ser trepidante, vivo, alegre saiu muitas vezes mortiço e retardado. Difícil, nestas circunstancias, fazer um juízo sobre a encenação que acabou por parecer demasiado ineficaz e, ao mesmo tempo, irresponsável na medida em que a impreparação do espectáculo lhe deve ser imputada.

Resumirei: «*Humor Próprio*» parte duma bela ideia. É um texto conseguido sempre que não força o humor, sempre que este aparece integrado e não sobreposto, ou seja, sempre que o humor é involutário. É-o ainda na estruturação humor contra poderes da tristeza. Como espectáculo possui ainda uma mecanica muito incipiente e contém aspectos excessivamente amadorísticos (no mau sentido).

Ana Maria Duarte (bem em Molière, óptima na revista), Maria Clara Vieira (sempre intencional), Luís Manuel Barbosa (que interveio pràticamente em todo o espectáculo, se esquecermos a falta de memória, muito certo); Raimundo Alves Ferreira (muito bem na revista), merecem uma chamada especial. Cenários funcionais e apontamentos sonoros sem grande interesse. Coreografia certa, embora sem originalidade.

CARLOS PORTO

• Hoje, às 20.45 e 23 horas

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM, EM PLENO ÊXITO,

MARIA VITÓRIA

M/ 17 ANOS

DORA LEAL na «Lulu dos Manjericos»

A SENSACIONAL REVISTA

• CALA-TE, BOCA!...

O triunfo de um óptimo elenco, com:
• JOSÉ VIANA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
• ÂNGELA RIBEIRO • JÚLIA BABO
A cantora lírica
• SUZETE DINIS
e no «compère»
• OCTÁVIO DE MATOS
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM ESPECTACULAR «BALLET» INTERNACIONAL!

• 2.º MÊS DE UM ENORME ÊXITO!

TECIDOS DIVERSOS

ALGUNS COM AVARIAS, VENDEM-SE, BOA OPORTUNIDADE PARA AMBULANTES. VER NA RUA BUENOS AIRES, 7, DAS 15 ÀS 19 HORAS.

MODELO Supermercados

OFERTAS SENSACIONAIS comemorativas da inauguração do novo Supermercado no Campo Grande Lisboa

MARS 3 POR	15$00 AGORA	10$40
CAFÉ SICAL 5 ESTRELAS	7$50 AGORA	5$70
VINHO VERDE G.M.	11$50 AGORA	8$90
ÓLEO DE CARTAMO aaa.	20$00 AGORA	17$30
PORTO CINTRA SECO E ROYAL	45$00 AGORA	34$40
AÇUCAR GRANULADO	8$50 AGORA	7$50
SORTIDO RIVIERA 32 GRANDE	17$50 AGORA	12$80
ARROZ AGULHA	13$00 AGORA	9$60
OMO PACOTÃO	14$50 AGORA	10$90
OMO GIGANTE	9$50 AGORA	6$90
Massa Spaghetti TRIUNFO 500 g. «SÉMOLAS SELECCIONADAS»	8$70 AGORA	7$20
AZEITE EXTRA	25$50 AGORA	24$50
ÓLEO FULA	17$50 AGORA	15$70
SALSICHAS ISIDORO	10$00 AGORA	7$40
PUDINS ROYAL	5$00 AGORA	3$60
CALDOS FAMILIARES KNORR	9$00 AGORA	6$50
ATUM TONECA (AZEITE E TOMATE)	10$50 AGORA	7$90
DOCES DE FRUTA E GELEIA CASA DE MATEUS	22$50 AGORA	14$90
TOCAFÉ 90 GRS. C/ CAFEINA	24$00 AGORA	14$80
TOFINA 200 GRS.	27$50 AGORA	19$40
MARTINI TINTO	35$00 AGORA	27$20
GIN BOSFORD	47$00 AGORA	35$70
LARANJADA VIPS	5$00 AGORA	3$70
GASOSA VIPS	4$00 AGORA	3$20
CERA GALO 250 GRS.	10$50 AGORA	7$60
SABÃO CLARIM 400 GRS.	5$00 AGORA	3$40
INSECTICIDA BANZÉ G.	50$00 AGORA	29$80
ÁGUA DE COLÓNIA FRAICHE G.	37$50 AGORA	27$80
ESCOVA DE DENTES ULTRA RARO (805)	16$00 AGORA	9$50
ESCOVA DE FATO RARO (411)	11$00 AGORA	7$30

Válidas até 30 de Junho, em todos os MODELO E INVICTOS SUPERMERCADOS

PORQUÊ PAGAR MAIS?

EÇA AGORA!...

— «EL BANQUERO ME MALTRATABA PORQUE YO ERA FRIA CON EL!...

CONCHA (aliás Paquita Villalba)

VÁ VÊ-LA (E OUVI-LA)

A CAPITAL

de EÇA DE QUEIROZ

COM

ANTÓNIO MONTEZ

NO PROTAGONISTA

UM GRANDE ACTOR NUMA GRANDE CRIAÇÃO

GAT GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

ADULTOS

Subsidiado pelo Fundo de Teatro

TEATRO VILLARET

HOJE: 21.00 E 23.00 H.

A CLÁSSICA DO IMPÉRIO

O cinema Império exibe amanhã, ás 18 e 30, em mais uma das suas sessões clássicas, o filme de Mike Nichols «A primeira noite» (The Graduate»), com Dustin Hoffman no protagonista.

AVENTURA! ACÇÃO! ESPECTÁCULO!

DOIS HOMENS DUROS E SEM ESCRÚPULOS, DOIS AVENTUREIROS IMPLACÁVEIS, LUTANDO PELA CONQUISTA DUMA FORTALEZA E PELA POSSE DE UMA BELA MULHER!...

o tesouro de "El Condor"

NATIONAL GENERAL PICTURES apresenta

JIM BROWN LEE VAN CLEEF

70 m/m EM: EL CONDOR

ECRAN GIGANTE

COM MARIANA HILL

PATRICK O'NEAL

ARG. LARRY COHEN • STEVEN CARABATSOS | HIST. STEVEN CARABATSOS | PROD. ANDRÉ DE TOTH | REAL. JOHN GUILLERMIN

Música de MAURICE JARRE | TECHNICOLOR | MAIORES 12 anos

HOJE ESPECTACULAR ESTREIA NO MONUMENTAL

Um aspecto parcial da parte reconstruida do Palacio Nacional da Ajuda, onde, nos próximos dias 3 e 4 de Junho, decorrerão os trabalhos da reunião ministerial da N.A.T.O.

N. A. T. O.: SEGURANÇA DE VOO

Uniformização dos sinais dos pilotos e mecânicos discutida em Monsanto

— *Os acidentes são causados por pessoas e podem ser evitados por outras pessoas. Estamos aqui reunidos para isso* — disse, esta manhã, o general Almeida Viana, vice-chefe do Estado Maior da Força Aérea, na sessão de abertura da IX Reunião do Grupo de Trabalho de Segurança de Voo da N. A. T. O., a qual tem por fim discutir a uniformização dos sinais dos pilotos e mecanicos daquele facto.

Até ao dia 4 do corrente o mencionado grupo estudará as medidas que melhor possam contribuir para o aumento da segurança de voo das aeronaves pertencentes aos países da N. A. T. O.

Uma troca de informações sobre acidentes de aviação é um dos capítulos da agenda de trabalhos do Grupo de Segurança de Voo.

A delegação portuguesa é constituida pelo major Luís Miguel e pelo capitão-aviador Rolando Montalvani. A reunião decorre na Messe da Força Aérea, em Monsanto, tendo sido este ano a F. A. P. escolhida como entidade organizadora do encontro, á qual comparecem 30 delegados dos países membros da N. A. T. O.

Segundo nos foi dito por um informador junto da Reunião, á aviação comercial será dado conhecimento de certas soluções com vista a evitar actos de pirataria aérea.

MANLIO BRÓSIO APRESENTOU CUMPRIMENTOS A RUI PATRÍCIO

O secretário-geral da N. A. T. O., sr. Manlio Brósio, deslocou-se, esta manhã ao Ministério dos Negócios Estrangeiros a fim de apresentar cumprimentos ao dr. Rui Patrício.

Manlio Brósio deslocou-se na companhia do sr. Maeschi, chefe-adjunto do seu gabinete e pelo dr. Melo Gouveia, funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros destacado para acompanhar o secretário-geral da Aliança Atlântica durante a sua estadia em Lisboa.

Foi recebido, á entrada pelo embaixador Caldeira Coelho, director-geral dos Assuntos Políticos e pelo dr. Lemonde de Macedo, chefe do protocolo. O dr. Rui Patrício esperava o sr. Manlio Brósio na antecâmara do seu gabinete onde apresentou ao visitante alguns dos seus mais directos colaboradores.

O ministro português dos Negócios Estrangeiros e o sr. Manlio Brósio tiveram uma longa troca de impressões, tendo o dr. Rui Patrício, após quarenta minutos de conversações convidado a entrar o seu chefe de gabinete, dr. Luís Navega, e o sr. Maeschi.

Cumprimentos do representante grego

Poucos minutos antes da chegada do secretário-geral da N. A. T. O., o dr. Rui Patrício tinha vindo acompanhar á porta do Palácio das Necessidades o sr. Palamas, secretário de Estado grego dos Negócios Estrangeiros, que ali se deslocara para lhe apresentar cumprimentos. O sr. Palamas representa o Governo de Atenas na reunião do Conselho Ministerial da N. A. T. O.

As 16 horas de hoje o Presidente do Conselho recebe, no Palácio de São Bento, o sr. Manlio Brósio que lhe vai igualmente apresentar cumprimentos. O prof. dr. Marcello Caetano condecorará na ocasião o secretário-geral da N. A. T. O. e antigo embaixador italiano em Moscovo com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo.

SENSACIONAL

16 mil contos por um palpite!

Entram apenas vinte e cinco mil números no sensacional sorteio da LOTARIA DE SANTO ANTÓNIO, que se realiza no dia 11 de Junho. Além do prémio de dezasseis milhões de escudos, serão ainda contemplados mais 3.819 bilhetes, num total de 27.900 contos.

Qualquer comprador poderá multiplicar oito mil vezes o seu dinheiro!

Rogers e Home hoje em Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

De Lisboa, Rogers seguirá para Paris a fim de tomar parte numa conferência da O.C.D.E., aproveitando aí a oportunidade para discutir com o ministro japonês dos Negócios Estrangeiros alguns pontos ainda pendentes sobre a devolução da ilha de Okinawa ao Japão, no próximo ano.

«Sir» Douglas-Home esperado esta tarde

Por seu turno é esperado esta tarde em Lisboa, «sir» Douglas-Home, chefe da diplomacia britânica, que ás 18 e 15 será também recebido pelo Presidente do Conselho. O chefe do Foreign Office desloca-se a Lisboa em visita oficial, imediatamente antes da reunião da Aliança Atlântica, na qual representa o Governo Heath.

A noite, o dr. Rui Patrício oferece no Palácio das Necessidades um jantar em honra do seu colega britânico.

DESPISTE COM UM MORTO

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal, por ter chegado já morto ao Hospital de S. José, o automobilista Manuel Firmino Jardim, de 50 anos, residente em Vila da Feira, cujo carro se despistou perto de Queluz, indo embater com uma árvore.

FAMÍLIA AFLITA POR CAUSA DE UMA MALA PERDIDA

Esta manhã, entre as estações de Santos e de Oeiras, a sr.ª D. Maria Helena Alves de Oliveira Cunha, deixou, por esquecimento, a sua mala de mão na carruagem do comboio em que seguia. A mala continha importante quantia em dinheiro, que não lhe pertencia e que terá de entregar aos proprietários, os documentos de identificação e as chaves de casa.

Trata-se de uma família pobre, que se encontra aflita, pelo que pedimos à pessoa que encontrou a mala que a entregue na Rua Brito Pais, lote 11, 3.º, Eq.ª, na Parede, ou telefone para 3 04 55.

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

ÀS TRÊS, FOI DE VEZ.

Pedro da Costa e Silva, português radicado no Brasil, trouxe o gosto pelas modinhas di lá. Não será razão para uma presença no «Canal 13», mas será difícil descortinar outra.

A propósito de boxe, Luís Filipe Costa conversou torrencialmente com o treinador Francisco de Brito e com o pugilista em actividade Diamantino Rodrigues, que tem 27 anos e que, até aos 30, ainda terá possibilidade de ganhar uns tostões. Quanto a Francisco de Brito, e mais os seus 50 anos ao serviço do pugilismo, ei-lo a aguardar ansiosamente a sessão de beneficência em projecto no Coliseu, onde espera receber os magros, os miseráveis cobres que a «nobre arte» recusa aos seus fiéis e devotados servidores.

Passámos quase sem darmos por isso pelo coro da Universidade de Lisboa, ancilosado em modas que não correspondem ao apelo, às vivências, à exigência do público actual.

Mena Matos trouxe-nos algumas imitações do seu vastíssimo repertório. Mais imitação, menos imitação, tanto faz — num programa que, desde o início, se colocou sob o signo do macaquinho.

A entrevista com Alves Pinheiro, do jornal «O Globo», foi longa, salpicada, como esteve, de tantos convencionalismos. Seria já agora, interessante tomar-se conhecimento da obra de Alves Pinheiro sobre o rei Afonso VI. Trata-se, na sua opinião, de um rei muito pouco conhecido tanto cá como lá, talvez mais cá do que lá, o que será uma injustiça, pois se trata de *«um dos maiores homens que já passaram pela História do Brasil.»*

«Canal 13» apresentou-nos, ao cerrar os taipais, uma cançonetista donde?

Era o fim.

... E SEM ABSOLVIÇÃO

Dos homens de quem se esperava algum benefício para o programa do ABC, apenas Luís Andrade responde à chamada. O que sucede de bom no programa, a ele o devemos e à sua equipa: a procura de elementos vivos de reportagem, a compreensão daquilo que uma cena parada exige, do realizador, para se completar, para se dinamizar (recordemos, na entrevista do boxe, a viagem sincopada da câmara para o rosto apagado do antigo treinador, para as luvas, para a cara parada do jogador...) o esforço no tratamento do público como de um elemento indispensável do espectáculo.

Infelizmente, porém, Luís Andrade não pode resolver o problema do «Canal 13».

Quanto a Luís Filipe Costa, é evidente a sua intenção de combater os pontos mortos, de destruir os hiatos, de atar o melhor possível os cordelinhos que prendem a precária, a frágil atenção do público. Evitou, porém, o essencial na entrevista com o jogador de boxe: investigar as razões da sua presença no ringue, fugiu ao principal da questão do «regresso» de Belarmino; e contribuiu, com as suas próprias palavras para a pública aceitação desse antidesporto que se chama boxe. Estará Luís Filipe Costa tão certo como isso, quando diz ser o boxe um desporto muito nobre e leal? Um desporto muito digno? Estará Luís Filipe Costa certo de não estar a dar imerecida cobertura ao boxe ao dizer que «não é um convite à violência».

Importa saber que o boxe não é um jogo defensivo: é, por carácter, ofensivo. Nele sai vencedor quem *der* mais, quem derrubar mais e por mais tempo o adversário, quem, em menos tempo, o destruir. Com os actuais regulamentos, o boxe é um jogo que tende à criação de um estado de agressividade, de um ambiente de tensão. No boxe, os socos matam. Pode o desporto ser assassino?

Era isto que Luís Filipe Costa devia perguntar. E ao tempo de querer saber se o Diamantino lera Romeu Correia, talvez não fosse mau aconselhar-lhe (a ele e aos telespectadores) a leitura do livro de Fernando Ferreira *«O boxe — negação do Desporto»* (colecção *«História e Sociologia do Desporto»*, dirigida por José Esteves).

Quanto ao mais, não deixou de ser notória a ausência do canalizador, encarnado por Camilo de Oliveira. Em certos meios procura-se mesmo lançar as culpas do insucesso sobre o texto de Aníbal Nazaré.

É evidente que Aníbal Nazaré esteve infeliz nos referidos textos, pese embora a sua longa experiência humorística. O seu pecado maior, no entanto, consistiu em aceitar escrever num tempo (que é o nosso) para um actor (que é o Camilo). O tempo (que é o nosso) não admite o riso gratuito; Camilo de Oliveira é um actor demasiado gasto nos tiques fáceis da revista, incapaz de entender quanto o humor na televisão exige de naturalidade e de presença humana.

Vá, perca-se de vez o hábito demoníaco de procurar bodes expiatórios. É muito feio. Assuma cada qual as suas responsabilidades.

Fútil, inútil, foi a rubrica *«Um dia com...»*, da hora do almoço, onde compareceu Jorge Peixinho, o músico da vanguarda.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Sinal horário — Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude, 17 e 30: «Estante» «As Aventuras do Senhor Pickwickio», Programa por Odette de Saint-Maurice; 18 e 05: O convidado de hoje: Paco Ibañez; 12 e 20: Espectáculo—Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com os Jethrot Tull; 19 e 10: Orquestras e Canções; 20: Diário Sonoro; 20 e2 0: Interludio; 20 e 30: 26.º Episódio do Folhetim «Pero da Covilhã — O Viajante Enfeitiçado»; 20 e 50: Melodias em piano, por Emil Stern; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir?; 21 e 55: Viagem ao Passado, por Judite Navarro; 22 e 10: Vamos ouvir... José Cheta; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23 e 05: A Vida e a Mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24 Fecho

2.º Programa metropolitano— Às 16: Uma obra... Duas interpretações—Árias de óperas; 17 e 15: Curiosidades musicais; 17 e 45: Programa pelo Orquestra de Câmara do Radiodifusão Holandesa; 1 8e 11: 5 peças para orquestra op 16. (Schöenberg); 18 e 30: Sonatas para Cravo de Domenico Scarlattl; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solos em viola dedilhada — Dois minuetes (SOR) — Alborada (Tárrega), por William Gomez; 20 e 30: Concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 20 e 47: Allegro em lá menor (Schubert), para dois pianos, por Paul Badura-Skoda e Jörg Demus; 21: O Coro da Rádio de Berlim, dirigido por Helmut Koch; 21 e 45: Recital de Cravo por Irene de Mello; 22 e 05: Fantasia (William Byrd), órgão, Joseph Payne, 22 e 15: O Gosto pela Musica, pelo dr João de Freitas Branco, 22 e 45: Os Solistas de Zagreb (Conjunto de Câmara da Rádio de Zagreb), dirigidos por António Janigro — Divertimento em ré maior K. 136 (Mozart); 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2 — Às 21: Canções; 21 e 30: Melodias por orquestras; 22: Conjuntos ligeiros; 22 e 30: Musica portuguesa, pelo acordeonista Tino Costa; 22 e 40: James Last Band; 23: As Grandes sinfonias — Sinfonia n.º 6, em si menor op. 74 «Patética» (Tchaikovsky); 23 e 50: Musica de câmara — Concerto em mi menor op. 121 (Fauré), pelo Quarteto «Loewenguth»; 0 e 18: Musica de tecla; Solos de órgão por Helmut Walcha — Obras de Bach, Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: A orquestra de ..; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 05: Novas de Alegria; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64, 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 25: Musica para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Canções da Europa; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Mensageiro do Evangelho; 23 e 18: Clube da Juventude

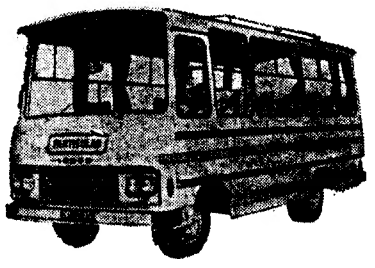
RÁDIO RENASCENÇA—238,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano, 19 e 30: Página 1; 20 e 55 Meditando; 21: Parâmetro; 21 e 30: Cartaz musical da América Latina; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 25.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama, 18: Quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Página um: 20 e 55: Meditando; 21: Modo de ler; 21 e 15: Musica portuguesa; 22: Auditório; 23: A 25.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 198 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22 **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

ISUZU

* NOVO MODELO
* CAMISAS CROMO-NÍQUEL
* MAIOR POTÊNCIA
* E AGORA, COM 5 VELOCIDADES



AUTOCARROS DE 10 A 24 LUGARES

Representantes: INVICLA

Telefs. 706693 — 707578

Estrada de Benfica, 682-A (Rua Particular, A)

LISBOA-4

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Portugal no Mundo; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho. **2.º período** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 15: Vamos jogar no Totobola; 19 e 30: Eurovisão — Futebol — Directamente de Londres, do Estádio de Wembley, transmissão do jogo Ajax-Panathinaikos. Final da Taça dos Campeões Europeus; 21 e 40: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico; 22 e 10: Concerto, recital de dois violinos, por Herbert Zils e Aníbal Lima; 22 e 40: «A Família Forsyte», 16.º episódio; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série «Júlia»; 21 e 40: Telejornal; 22 e 10: Documentário de viagens; 22 e 35: Concerto para jovens, com a Orquestra Filarmónica de Nova York, dirigida por Leonard Bernstein; 23 e 25: Fecho.

mais música
mais luz
mais movimento
TUDOR

AS TABACARIAS PASSAM A ENCERRAR ÀS 20 HORAS

Entram hoje em vigor os contratos colectivos de trabalho para as tabacarias e papelarias de Lisboa (caixeiros). Em virtude destes diplomas, todas as tabacarias passam a encerrar às 20 horas.

INSTRUÇÃO PASTORAL SOBRE MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Da Conferência Episcopal Metropolitana recebemos a seguinte informação:

«No próximo dia 3 de Junho, vai ser publicada em Roma uma instrução pastoral sobre os meios de comunicação social.

Este importante documento virá completar a doutrina anunciada no decreto conciliar «Inter mirifica» e foi preparado, ao longo de vários anos, por especialistas de diversos países. O projecto foi préviamente submetido aos bispos para consulta.

Como consta do referido decreto conciliar (número 23), os bispos tinham confiado ao organismo competente da Santa Sé, o encarg de elaborar esta instrução, com a ajuda de peritos. Em 11 de Abril de 1964, Paulo VI constituiu a Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais e cometeu-lhe o mandato do concílio. Logo no mesmo ano, dentro da comissão pontifícia, formou-se um grupo de trabalho, composto por bispos dos cinco continentes e pelos presidentes das três organizações internacionais católicas que se dedicam à Imprensa, ao Cinema e à Rádio-Televisão. Este grupo foi, em seguida, notàvelmente alargado e enriquecido com peritos e consultores do mundo inteiro.

Entre 1964 e 1970, o projecto de instrução pastoral passou por várias redacções e sofreu numerosas emendas. O texto que vai agora ser publicado é fruto de muito trabalho e contribuirá, em larga escala, para o desenvolvimento da acção pastoral da Igreja, no domínio das comunicações sociais».

Alunos do Liceu António Vieira

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Associação das Famílias dos Alunos do Liceu Padre António Vieira. Ficam a presidir á assembleia geral, á direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. Armando Palma Carlos, Armando Nogueira e Armando Sales Luís.

CANTINA ESCOLAR Prof. Cândido Duarte

No passado dia 25 de Maio realizou-se no Bairro de Santa Cruz, em Benfica, na Cantina Escolar Professor Candido Duarte, uma cerimónia evocativa da pessoa do seu fundador, que á obra dedicava o maior carinho e para a manutenção da qual deixou um legado de 25 contos.

À hora da refeição das crianças, compareceu o director-geral de Ensino Primário, que na presença da viuva, senhoras da Obra das Mães, familiares e amigos do extinto (entre os quais o general Moura Santos), proferiu breves palavras de saudade e gratidão a que se seguiu um momento de piedoso recolhimento.

NOVA CARREIRA DA PAN AMERICAN

A Pan American acaba de inaugurar uma nova carreira aérea, com superjactos, entre Nova Iorque e Bucareste, com a frequência de dois voos semanais.

Os aviões que servem a Roménia terão escala em Glasgow, Dusseldorf e Belgrado.

O tempo de voo entre Nova Iorque e Bucareste é de 14 horas

O SUPREMO TRIBUNAL MILITAR JULGOU QUATRO RECURSOS

O Supremo Tribunal Militar, em audiência publica, julgou os recursos interpostos por quatro réus.

Começou por apreciar o recurso do sr. Armando Correia Ribeiro, solteiro, de 28 anos, natural da freguesia de Sebal Grande, concelho de Condeixa-a-Nova, 1.º cabo do Depósito de Adidos da Guine, foi condenado no Tribunal Militar Territorial daquela província, em cumulo jurídico das várias penas parcelares que lhe foram impostas, na pena unitária de 5 anos e meio de presídio militar, na alternativa de igual tempo de deportação militar, substituída por 6 anos, 10 meses e 15 dias de incorporação em depósito disciplinar, mas que, se vier a ser cumprida no Ultramar, será reduzida a um terço.

O Tribunal Militar da Guiné deu como provado que o réu se ausentara ilegítimamente do seu aquartelamento em Bula, onde se encontrava no cumprimento do serviço militar, no dia 5 de Setembro de 1966, constituindo-se em deserção no dia 13 seguinte, e só vindo a ser capturado na Metrópole, em casa de seus pais, em Ribeira de Frades, distrito de Coimbra, no dia 22 de Março de 1969, depois de ter estado na Guiné Francesa, na Argélia, em Marrocos e em Espanha, tendo entrado em Portugal, no regresso, pela fronteira de Elvas. Durante a sua permanência no estrangeiro, o réu gravou duas mensagens que foram radiodifundidas em Conakry e na Argélia, nas quais convidava os seus camaradas a desertarem, incitando-os ao descontentamento e á traição aos seus deveres de militares e de portugueses.

Embora o réu tenha pretendido defender-se alegando que tudo isso praticara sob coacção, a verdade é que nunca pretendeu regressar ás tropas portuguesas, nem mesmo quando os inimigos lhe propuseram que entrasse no aquartelamento fardado de soldado para abater a sentinela e permitir, assim, que eles entrassem em acção. E é evidente que se entrasse no aquartelamento, em vez de facilitar os desejos do inimigo poderia denunciá-lo e entregar-se. Também durante a sua permanência na Argélia, em Marrocos e em Espanha não se apresentou nas embaixadas que tratam dos assuntos portugueses, como igualmente se não apresentou ás autoridades fronteiriças ao reentrar no País, sabendo bem que era desertor.

Ainda o Tribunal Militar da Guiné deu como provado que o réu é desfavorecido pelas agravantes de haver produzido outro mal, além do que resultou da deserção em si mesma, da acumulação de crimes, do seu mau comportamento militar e das condenações que constam do seu registo criminal. Por fim, o Tribunal declarou que o réu depois de passar á situação de disponibilidade, deverá ser objecto de cuidada vigilancia.

Inconformado com a decisão proferida, o réu interpôs recurso por intermédio do seu defensor oficioso, alegando, em resumo, que não cometera a deserção, pois que fora capturado por elementos terroristas, e que foi sob coacção que fizera as gravações de incitamento dos seus camaradas á deserção, pois estivera detido na Republica da Guiné onde guardas armados o obrigaram a ler declarações antipatrióticas.

O Supremo Tribunal Militar, apreciando no seu acórdão o recurso interposto, começou por declarar que as alegações do réu apenas referem matéria de facto, de que não pode conhecer, visto que o seu julgamento é função dos tribunais de instancias que a julgam em consciência, com plena liberdade de apreciação e definitivamente. Assim, ao Supremo Tribunal Militar apenas cumpre tomar como certo o que ali é provado e examinar se o regime jurídico aplicado foi ou não o que a lei determina.

Entrando na apreciação da matéria de direito, declara nada haver a censurar relativamente ao crime de deserção dado por provado. E depois de outras considerações, o Supremo Tribunal Militar entendeu que o passado criminal do réu, ilustrado com numerosas condenações por furto e ofensas corporais voluntárias (já nesse tempo o réu era conhecido pela alcunha de «Vilão») contribuía para tornar quase nulas as condições atenuantes.

O Tribunal, depois de confirmar a pena parcelar imposta pelo Tribunal recorrido pelo crime de deserção, anulou as restantes e o cumulo jurídico ali operado e, depois de punir o réu nas várias penas parcelares respeitantes aos demais crimes, terminou por impor definitivamente, em cumulo jurídico, a pena unitária de 6 anos de presídio militar, na alternativa de igual tempo de deportação militar, substituída por 7 anos, 2 meses e 7 dias de incorporação em depósito disciplinar, em cujo cumprimento se levará em conta metade do tempo de prisão preventiva sofrida. Porém, se o réu vier a cumprir a pena no Ultramar, a sua duração ficará reduzida a um terço. Por fim, ainda foi declarado que, em virtude da espécie dos crimes praticados, acabado o cumprimento da pena e quando o réu passar á situação de disponibilidade deverá tal facto ser comunicado á Direcção-Geral de Segurança, para os efeitos que forem tidos por convenientes.

Em seguida, o Tribunal apreciou o recurso do sr. Luis António Lopes, de 22 anos, solteiro, estudante, natural da freguesia de Cuangar, Baixo Cubango, 1.º cabo miliciano do Centro de Instrução de Comandos de Angola. Tinha sido condenado pelo 1.º Tribunal Territorial de Angola por falsificar sucessivos documentos escolares com o fito de ser oficial.

O Supremo termina o seu acórdão por condenar definitivamente o réu na pena de 2 anos e 45 dias de prisão maior, em cujo cumprimento será levado em conta, por metade, o tempo de prisão preventiva sofrida. Com esta alteração, negou provimento ao recurso.

Por ultimo, o Supremo negou provimento aos seguintes recursos: do sr. João Paulo Salvador, de 22 anos, serralheiro, natural de Samora Correia, condenado por deserção em dois anos, seis meses e doze dias de incorporação em depósito disciplinar; e do sr. José Manuel Fernandes Coelho Prata, de 23 anos, casado, empregado do Estado, natural da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, Lisboa, 1.º cabo do pelotão de Morteiros n.º 2164, de Angola, que fora condenado em 9 meses de incorporação em depósito disciplinar, por se ter provado que furtou vários objectos pertencentes a soldados.

Manhã na praça

OS FILETES DE PESCADA CONGELADA

Os filetes de pescada congelada subiram de preço. Este facto, no entanto, não surpreendeu ninguém. A falta de pescada congelada, como tivemos ocasião de referir nesta secção, prenunciava o referido aumento. Hoje, no Mercado do Chile, havia pouca pescada congelada, de tamanho pequeno a 16$00. E filetes de pescada (também congelada) a 26$00 e 29$00.

Disse-nos a vendedeira que os filetes de 26$00 eram de 25$00. Portanto, sofreram um aumento de 1$00; os filetes de 29$00 vendiam-se antes a 25$00. O aumento foi, pois, de 4$00 em quilo, o que já se pode considerar significativo.

Vem a propósito lembrar que há comerciantes de peixe dispostos a importar pescada congelada de Espanha a preços inferiores aos que vigoravam até agora. Quatro a cinco escudos menos.

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo das favas a 2$00 e 2$50; azeitonas, a 8$40, 9$00 e 12$00; alhos, a 52$00 e novos a 25$00; feijão verde, a 10$00 e 11$00; ervilhas de grão, a 4$00 e 4$50; tomate, a 18$00; ervilha de quebrar, a 10$00; cenouras, a 3$00 e 3$50; cebolas, a 2$50; pimentos a 35$00; batata nova, a 2$00, e velha, a 2$50.

A alface vendia-se a 1$00; o nabo, a 1$00 e dois, 1$50; a couve portuguesa, a 2$00; o coração, a 2$50, 3$50, 7$50 e 8$00; a couve-flor, a 7$50; a lombarda, a 10$ e 12$50; e o alho francês, a 2$00.

O molho da beterraba vendia-se a 7$00; dos rabanetes, a 3$00; das nabiças, a 6$50; e dos grelos, a 7$00 e 7$50.

PEIXE

O quilo do pargo vendia-se a 84$00 e 45$00; da marmota, a 32$00; do carapau, a 12$40, 15$00, 16$00, 20$00 e 22$50; do besugo, a 20$00; da faneca, a 21$00; dos chocos, a 26$00 e 36$00; do polvo, a 18$00; do safio, a 27$00; da lula, a 36$; da dourada, a 10$00; do mero, a 27$30; do goraz, a 25$00 e 28$00; do peixe-espada, a 24$00; da pescada, a 35$00 e 36$; do robalo, a 40$00; do cachucho, a 18$00; dos salmonetes a 55$00; da garoupa, a 48$00; do cherne, a 36$00; do linguado, a 68$00 e 74$00; do chicharro, a 6$30; dos filetes, da pescada congelada, a 26$00 e 29$00; da sarda, a 61$00; do besugo, a 16$00; da pescadinha, a 20$00; do eirós, a 40$00; e do sável a 22$00.

CRIAÇÃO E OVOS

Vendia-se o quilo do frango limpo a 28$00; e vivo de aviário, a 21$00; e do campo, a 28$00; do coelho limpo, a 45$00; do pato morto e depenado, a 31$00; e do pato vivo, a 28$00.

A duzia dos ovos estava tabelada a 12$00, 13$60, 13$70, 14$00, 14$20 e 15$00.

FRUTA

Na secção da fruta, vimos o quilo das nêsperas a 13$00 e 15$00; do pero «golden», a 17$00 e 18$; da banana, a 12$00 e 12$50; do pero «stark», a 20$00; da laranja, o 8$00, 10$40 e 13$00; da maçã reineta, a 18$00 e 20$00; e do limão, a 14$30.

DONA DE CASA

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 79021)
JANTARES DANÇANTES AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 5 anos)

restaurante arameiro
LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
RIA
PREMIO DO S. N. I.

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

Restaurante breque
A deliciosa cozinha, Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com música de fundo estereofónica.
(Sala na cave)
Domingo: PERNA DE CABRITO À PADEIRO e ENSOPADO DE ENGUIAS
Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D —— Telefs. 677006 - 679993

MUITOS CONVITES (E CONTRATOS) PARA «OS 3 DE PORTUGAL»

O conjunto vocal «Os 3 de Portugal», agora constituído por José Luís, Pedro Machado e José Vilela (por esta ordem na gravura), é agora atracção da «Casa da Mariquinhas», restaurante típico do Porto, por cedência da direcção do «Folclore», a cujo elenco pertence. Por acordo estabelecido, o conjunto vai deslocar-se possivelmente ainda antes do fim deste mês a Lourenço Marques, tendo já assegurada a participação numa série de espectáculos em Moçambique e a possibilidade de algumas actuações na Rodésia e na África do Sul. Não fica posta de parte a possibilidade de seguir directamente de Moçambique para o Brasil onde será cumprido contrato com o empresário português Joaquim Saraiva (actuações no restaurante português «Lisboa á Noite», em Copacabana e em vários problemas de televisão). Entretanto, dentro de dias será lançado um disco onde «Os 3 de Portugal» registaram as suas ultimas interpretações, entre as quais uma selecção de «grandes marchas de Lisboa» (melodias de Raul Ferrão e versos de Norberto de Araujo), que apresentaram, aliás, na noite de evocação do nosso saudoso camarada, realizada com o patrocínio do «Diário de Lisboa» na Adega Mesquita.

«ZOOS» EM CONGRESSO

Reuniu-se em Barcelona o II Congresso da União Ibérica de «Zoos», da qual o Jardim Zoológico de Lisboa faz parte, e onde esteve representado pelos administrador sr. prof. Fernando Frade Viegas da Costa e adjunto da Direcção sr. Augusto de Miranda Pinho, que apresentaram comunicações acerca da reprodução de animais, alguns raros, existentes no «Zoo» de Lisboa.

Também tomou parte no Congresso o sr. Manuel Casimiro, na qualidade de vereador da Câmara Municipal de Lisboa, convidado de honra do presidente do «Ayuntamiento» de Barcelona.

O Congresso, além dos estudos relativos aos «Zoos», ocupou-se de outros assuntos de ordem cultural, designadamente: a exposição de livros, publicações, e outros documentos. Também se realizou uma exposição de trabalhos de estudantes sobre temática zoológica.

A conservação da fauna mereceu especial relevo, não só porque se fez a distribuição de prémios do Concurso «Proteccion de la Naturaleza», mas também porque foi aceite com muita simpatia a sugestão da delegação portuguesa no sentido de que o Parque Nacional do Gerez, recentemente criado, seja acompanhado, do lado da Espanha, por idêntica zona de protecção.

A ELEIÇÃO DA «PRINCESA PORTUGUESA DAS TEEN-AGERS»

«VIAGENS APOLO» OFERECEM FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA PARA A SEGUNDA CLASSIFICADA

A menos de 15 dias do fecho das inscrições para a Eleição da Princesa das Teen Agers Portuguesas aumenta o interesse por esta iniciativa do Diário de Lisboa que permitirá a uma jovem portuguesa estar presente na Eleição Mundial que este ano se realiza em Portugal.

Até agora todas as inscrições recebidas são de concorrentes de Lisboa, Cascais, Oeiras e outras localidades dos arredores da capital, mas como aconteceu no ano passado, estamos certos que também outras cidades e vilas do País terão as suas representantes com idênticas possibilidades de êxito às das jovens lisboetas. Lembremos que na ultima eleição uma das mais sérias candidatas foi justamente uma algarvia de Portimão.

Respondendo a várias perguntas que nos têm sido dirigidas, esclarecemos que o concurso das Teen Agers não tem quaisquer objectivos comerciais contando essencialmente para a atribuição do titulo as qualidades e predicados de cada uma das jovens concorrentes que melhor exprimam ideia de juventude. Não se trata também de um concurso de beleza embora as dez finalistas participem num desfile no dia da proclamação da vencedora, primeiro em «hot-pants» e depois em vestido de noite, confeccionado ao gosto de cada uma com tecido oferecido pela Bayer. Às dez finalistas da Eleição Nacional estão reservados prémios de interesse dos quais se destacam aliciantes viagens de férias. E estas não são apenas para a vencedora. A segunda classificada terá também uma viagem de avião e estadia de sete dias em Palma de Maiorca, oferecida por Viagens Apolo, uma organização que tem a seu cargo viagens para Palma de Maiorca e Torremolinos, trabalhando apenas exclusivamente com agentes e não directamente com o publico.

Condições para concorrer à eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas

- Ter nacionalidade portuguesa
- Não ser nem ter sido casada
- Ter 19 anos feitos no dia 10 de Julho e não completar 19 anos antes do mesmo dia 10 de Julho
- Preencher o boletim de inscrição, acompanhado de uma foto de busto e outra de corpo inteiro

princesa das teen-agers portuguesas

cupão de inscrição

NOME

MORADA TELEF

LOCALIDADE

DIA DO NACIMENTO DE DE 19

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE

BAYER

DL

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen-Agers — Rua Castilho 185-1.º — LISBOA 1

[redacted] o fado e o folclore — restaurantes típicos [redacted]

VIELA
cantam: Sérgio Berto Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Besso e Fernando Reis ✲ Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas 14 ✲ Tel. 32 72 56

TAVERNA DO EMBUÇADO
Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Ana Rosmaninho, Colaboração de Vicente do Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando Emílio Reis, Luís Braga. Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431

ADEGA MESQUITA
cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Encerra aos domingos

[redacted] restaurantes, bares, «boites» e «dancings» [redacted]

CASINO ESTORIL
Jogo autorizado ✲ variedades internacionais ✲ Telefs.: 264521 - 264526-264596-264621-264946

ADAGGIO
A presença de JOSÉ LETRIA Pop — Saul e Undergroung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695

TAMILA
Morão - c/ Conjunto ✲ Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinés todos os dias ✲ Encerra aos domingos

CLUBE ANDALUZ
Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes 64-66 ✲ Telef. 667264

«PORTAS DO SOL»
Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA—Tel. 86 683

D. QUIXOTE — Bar-Boite
com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até às 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA
Um pouco de Africa em Lisboa — Música constante ✲ Av. Marechal Carmona ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra às 3 horas

MAXIME
Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366

HIPOPPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrado aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 56 19 49

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé 73 ✲ Telef. 530171

BATACLAM
BAR DISCOTECA
Rua Ramalho Ortigão, 39-A
Telef. 56 04 30
BAR: Aberto das 19.00 às 3,30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

ESTA ESTRANHA LISBOA

DA NECESSIDADE DA PROFISSIONALIZAÇÃO NO ENSINO

O ensino tem de orientar-se no sentido da profissionalização, sobretudo se o pensarmos em termos de reciclagem e educação permanente. Não queremos, porém, significar profissionalização como especialização deformante, mas antes como respeito pela vocação do indivíduo ou pela actividade que ele, se adulto, já exerce Assim, numa sociedade de modelo capitalista pouco desenvolvida como a nossa, verifica-se que o ensino, com prejuízo da rentabilidade global, está desligado da realidade empresarial e escorrega por múltiplos atalhos de inutilidade, ou de sabença para esquecer, o oposto da cultura viva. Importa vinculá-lo às oportunidades de aplicação de conhecimentos: à fábrica, ao agro, ao escritório moderno. Seria lógico que o estudante se formasse em fun:ão do mercado de trabalho, já que não pode sê-lo — pois tal requeria um contexto socialista — em função do superior interesse colectivo e da sua própria e inteira realização. Sejamos realistas Façamos, ao menos, no defeituoso espaço do viável imediato, a união entre a escola e a empresa.

A escola dinâmica, claro! E a dessacralização da cultura letrada (cuja validade não se põe em dúvida, note-se bem) em favor da potencialização e dignificação da contabilidade, do secretariado, da mecânica, da electrónica (não nos referimos à engenharia académica mas especialmente aos cursos médios), da hotelaria, das relações públicas... Só nos repugna por de mais proferir a palavra propaganda. Digamos «turismo», limpando o vocábulo do selo que o envolve.

Num país como o nosso, tão carecido de uma promoção acelerada de quadros, até se justificariam os cursos de dois anos, repartidos por semestres, e abrangendo, nalguns casos, cadeiras sobre a linguagem dos computadores, o sistema tributário ou, noutros, sobre as novas relações espaço-tempo, os meios audiovisuais, etc. Em suma, uma tentativa (a par com o ensino especializado) de compreensão racional dos instrumentos do quotidiano que revestem ainda para muitos homens um valor mágico ou carismático.

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

O CRÉDITO FACULTADO A PELO BANCO DE FO ASCENDEU A QUASE 2,2 —afirmou o prof. I

Sob a presidência do sr. dr. Cândido Mouteira Guerreiro, director-geral da Fazenda Publica, em representação do Estado, reuniu-se a assembleia geral ordinária do Banco de Fomento Nacional que apreciou o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal relativos ao exercício de 1970 que foram aprovados por unanimidade.

Durante a assembleia, usou da palavra o prof. Daniel Barbosa que, depois de cumprimentar o presidente da assembleia geral e os accionistas e de prestar homenagem á memória do prof. Oliveira Salazar, afirmou:

«Procuremos, aprendida a lição que nos deu, prestar-lhe uma outra homenagem, que, por certo, lhe seria mais cara do que todas as palavras laudatórias e do que todos os comovidos recolhimentos: a de, na continuidade dos princípios basilares que estabeleceu e materializou, contribuirmos, renovando e alterando, corajosamente, o que tiver de ser renovado e alterado para o progresso acelerado do País, tanto nas suas estruturas económicas, sociais e administrativas, como na sua mentalidade, que se deseja aberta para as realidades de hoje e não marasmada na contemplação de esquemas que a vida tenha ultrapassado.

«Tal é, de resto, a linha de rumo em que se insere toda a vasta acção desenvolvida pelo actual presidente do Conselho.

«E não será descabido sublinhar, a este propósito, o quanto a política do prof. Marcelo Caetano se estrutura na base viril de uma síntese dialéctica de conceitos aparentemente contrários, através da qual renovação e continuidade se fundem harmoniosamente, ousadia e sensatez administrativa se tornam uma unica palavra de ordem, liberdade e autoridade se combinam e reforçam, integração e descentralização deixam de se contrapor, — e tudo conduzido por um homem dinâmicamente sereno, que quer ir devagar para chegar depressa e que sabe sobrepor a objectividade dos juízos realistas à euforia irresponsável das promessas gratuitas ou precipitadas, à embriaguês das grandes e sedições palavras vazias, ao sortilégio demagógico das atitudes «para a História» e ao temor reverencial do «sempre se fez assim».

Identidade da poupança e do investimento

O prof. Daniel Barbosa falou a seguir da identidade da poupança e do investimento, afirmando:

«Antes de mais, o investimento que interessa, do ponto de vista do progresso económico social, não é o que se exprime por um desnecessário aumento de existências (apenas indicador, aliás, de mau funcionamento da economia), mas o que, referindo-se à aquisição de bens de equipamento, se traduz em efectivo acréscimo de capacidade do aparelho produtivo nacional.

«Depois — e é esta também uma consideração qualitativa da maior importância — não basta que o investimento se efective em bens de capital: importa que, pela sua localização sectorial e geográfica, coresponda aos reais interesses do País, inserindo-se na linha de prioridades que a estruturação racional da sua economia imponha.

«Em terceiro lugar — e trata-se, ainda aqui, de apontamento de natureza qualitativa —, necessário se torna que o investimento se faça em empreendimentos válidos, tanto do ponto de vista da sua consistência técnica e económica, como da sua exequibilidade financeira e da capacidade empresarial de quem os lança e dirige.

Por ultimo, dependendo o crescimento de uma economia essencialmente do ritmo a que se processe a sua formação de capital fixo, cumprirá que o investimento —correctamente orientado nos termos que referi — se acelere e diversifique, aumentando em exponencial o volume e adensando a gama da produção interna do País.

«Eis, pois, algumas das coordenadas fundamentais em que tem de enquadrar-se toda a problemática do investimento e da sua cobertura financeira. E delas resulta que, devendo por um lado, o investimento traduzir-se na formação de capital fixo, em sectores e regiões que a estratégia do desenvolvimento imponha e em projectos técnica, económica, financeira e administrativamente viáveis, — e havendo, por outro lado, que intensificá-lo tanto quanto possível (sem prejuízo, embora, dos limites que a própria dimensão, estrutura e gestão da economia no seu conjunto envolvam) — é absolutamente indispensável assegurar pelos meios apropriados, a canalização para o investimento de toda a poupança formada.

«Sem recursos não é, óbviamente, possível investir. E os únicos meios cuja natureza se compadece com o tipo e o prazo dos financiamentos que o investimento reclama são, sem sombra de dúvida, os que integram o aforro nacional. Permitir ou promover que este último se estirilize ou que se dirija a outras aplicações susceptíveis de serem cobertas pelo mecanismo usual da criação monetária, seria actuar contra os interesses vitais do País, que dependem cada vez mais estreitamente da celeridade com que, num mundo evoluído e apressado, consigamos industrializar-nos.

«Porque meus senhores, se continuássemos a malbaratar levianamente a poupança nos circuitos do consumo; se be-

MINI-BAILARINOS NA GULBENKIAN

Como já noticiámos em tempo, está aberta até amanhã a inscrição para o concurso destinado ao preenchimento de um numero (reduzido) de vagas para novos alunos nas Classes de Iniciação de Bailado, promovidas pela Fundação Gulbenkian na sua sede. São admitidos a concurso rapazinhos com idades compreendidas entre 9 e 12 anos e meninas entre os 12 e os 14 (que não perfaçam 15 anos até 31 de Dezembro próximo).

A fim de efectuar a inscrição, que se fará mediante o preenchimento de um boletim e a entrega de duas fotografias tipo bilhete de identidade, os interessados deverão dirigir-se á sede da Fundação (Avenida de Berna), nos dias uteis, com excepção de sábado, das 9 ás 13 e das 15 ás 18 horas.

As provas de concurso serão no estudio da Rua Cristóvão de Figueiredo, 10-B, nos próximos dias 3 e 4 de Junho, ás 19 horas. Os candidatos serão também, e oportunamente, submetidos a um exame médico.

A ESTÂNCIA TERMAL DO VIMEIRO

É O LOCAL IDEAL PARA FÉRIAS E TRATAMENTOS

a 1 hora de automóvel de Lisboa

BALNEÁRIO DA FONTE DOS FRADES

COM CABINES: FISIOTERAPIA, BANHOS DE IMERSÃO, MASSAGENS SUBAQUÁTICAS, DUCHAS FILIFORMES E LOMBARES, SEMICÚPIOS, GINECOLÓGICOS E INTEROCLISES, TRATAMENTO DAS DOENÇAS DE NUTRIÇÃO, HEPÁTICAS, DOS INTESTINOS, HEMORROIDAL E GINECOLÓGICAS

FONTE SANTA

TRATAMENTO DAS DOENÇAS DOS RINS, BEXIGA, FÍGADO E PELE

Assistência Médica — Dr. Pedro Garcia Anacleto

PISCINAS ABASTECIDAS COM ÁGUA MINERAL CORRENTE A 27º, NÃO RECUPERADA, CONTENDO BICARBONATOS DE CÁLCIO E SÓDIO, MAGNÉSIO, FLUORETOS, BROMETO DE ZINCO, DE EFEITOS SURPREENDENTES NA PELE

Golfe 9 buracos com 2.350 m2 — Campos de ténis — Equitação e pesca em rio e mar
3 magníficas praias do Atlântico — Instrutores de Golfe, de Equitação e Natação

HOTEL DAS TERMAS — HOTEL GOLFE MAR — 1.ª classe

Informações e marcações:
AV. CONSELHEIRO FERNANDO DE SOUSA, 1 (às Amoreiras) — Telefs. 65 12 02 - 68 05 68 - 68 01 43
e A-dos-Cunhados, 3, 6 e 57

EXCURSÕES ESPECIAIS PARA OS FERIADOS DE JUNHO

MADRID Preço desde 1100$00
SEVILHA Preço desde 1250$00
MAJORCA Preço desde 2115$00
PARIS Preço desde 4145$00
LONDRES Preço desde 3925$00

Rua Rosa Araujo, 2
Telef. 53 69 71

Melia

ROMANCES DE:
HENRI TROYAT
IRVING WALLACE
MORRIS WEST
FEIRA DO LIVRO
PAVILHÃO N.º 8

APARELHAGEM
Electro-domésticos
TUDO PARA V/ CASA
— S/ FIADOR
CASA MAX
193—R. D. Estefânia, 193-F

...O À ECONOMIA EM 1970
...FOMENTO NACIONAL
...2,2 MILHÕES DE CONTOS

...of. Daniel Barbosa na assembleia geral

...sitássemos em adoptar as medidas, mais ou menos drásticas, e os esquemas, mais ou menos inovatórios, que o saneamento dessa situação naturalmente exigirá; se, por inércia ou comodismo, nos perdêssemos num debate inútil, que serviria apenas para iludir com palavras a nossa fundamental obrigação de actuar e de corrigir, — estéril e ocioso se tornaria, então, todo este empenhamento de alguns e a meta basilar do nosso acelerado desenvolvimento económico e social não passaria nunca do domínio das aspirações irrealizáveis.

«O problema desenvolve-se em vários momentos sucessivos: o da própria formação da poupança; o da orientação do aforro constituído para o mercado financeiro e o da sua adequada aplicação e formalização nesse mercado; o da efectiva canalização para o investimento da parcela que aflua às instituições de crédito; e, por último, o da observância, na distribuição dos recursos em causa, dos critérios de selectividade que, sectorial ou regionalmente e em função das próprias características de cada projecto, a estratégia do desenvolvimento impuser.

«No que toca à formação da poupança, a percentagem de cerca de 17% do Rendimento nacional em que, segundo os números do Instituto Nacional de Estatística, aquela se exprimiu nos últimos três anos — e que traduz a propensão média ao aforro —, não pode considerar-se satisfatória, situando-se em nível bastante inferior ao de países como a França, a Itália e a Bélgica e, até, a Espanha. Certo é, porém, que estimativas elaboradas no nosso banco indicam que os aforros se encontrarão subavaliados nos referidos números, sendo, assim, possível que a propensão à poupança se represente, no nosso País, por taxa mais significativa

«De qualquer modo, porém, o problema da necessidade de aumentar o volume do aforro nacional subsistirá. E não me propondo analisá-lo aqui, até pela complexidade que reveste, limitar-me-ei a referir a conveniência da instituição de esquemas que incrementem a propensão á poupança, e de, sempre que necessário e compatível com outros interesses a atender também, complementar esta ultima com a importação de poupança externa, através de operações de capital, em particular das «ligadas» à importação de equipamentos.

«A segunda questão que se suscita é a da efectiva orientação da poupança para o mercado financeiro e da sua adequada aplicação e formalização nesse mercado. Já mais de uma vez tive oportunidade de me referir aos inconvenientes que resultam, quer do entesouramento puro e simples do aforro, em espécies monetárias, nas mãos dos seus detentores (fenómeno que, com a progressiva elevação do nível cultural médio do nosso povo, julgo ter hoje uma incidência extremamente limitada), quer do entesouramento em sentido mais amplo de que falam alguns autores, traduzido na aplicação da poupança em formas de alto grau de liquidez, como os depósitos à vista e de muito curto prazo. Num caso e noutro, o aforro perde-se para o investimento: no primeiro, porque, de todo em todo os recursos são subtraídos à circulação; no segundo, porque, assimilados formalmente às meras tesourarias, podem servir de base, através do crédito a curto prazo, á evriação de moeda, mas de maneira alguma se torna admissível a sua «transformação» em financiamentos a médio e longo prazo, únicos susceptíveis de apoiar adequadamente o investimento.

«Significa isto que por ambas as formas a poupança nacional é, na prática, amputada de parcelas mais ou menos substanciais, reduzindo-se na mesma medida, para os agentes económicos, a possibilidade real de investir.

«O problema adquire, como é óbvio, acuidade tanto maior quanto mais acentuado for o desejo de liquidez do aforrador. E no mundo dos nossos dias, em que a instabilidade monetária internacional, os movimentos generalizados de inflacção, as oscilações de comportamento das economias e a fenomenologia política se conjugam para gerar um clima cada vez mais tenso de incerteza e de insegurança, o desejo de liquidez tornou-se por toda a parte endémico, exigindo das autoridades e das instituições monetárias e financeiras novos esforços e soluções naturalmente complexas.

«A resposta tem, como é manifesto, de desenvolver-se em duas frentes».

«Há que combater o desejo de liquidez do aforrador»

Prosseguindo na análise do problema disse o prof. Daniel Barbosa.

«Antes de mais, há que combater directamente o desejo de liquidez do aforrador. E, para tanto, impõe-se multiplicar os instrumentos de captação da poupança, procurando diversificá-los, a fim de ter disponível para cada situação particular de aforro a solução que lhe convém; impõe-se, ainda, rever os esquemas tradicionais em que se integram os títulos correntemente emitidos, simplificando, na medida do possível, o seu processamento e manuseio e vulgarizando do mesmo passo, fórmulas operacionais e acessíveis; impõe-se, também, acentuar, no tocante à remuneração o diferencial entre as formas líquidas de aplicação, que traduzem uma verdadeira esterilização da poupança, e as formas menos líquidas, que viabilizam a canalização directa dos recursos para o investimento; impõe-se por outro lado, repensar os condicionalismos usuais das várias modalidades de aplicação que ao aforro se deparam, desde os títulos de rendimento fixo e variável, até aos depósitos a prazo, conferindo-lhes maior flexibilidade, enriquecendo o seu regime.

(Continua na 14.ª página)

Um veículo de três lugares quase inteiramente construído em plástico, pesando apenas 250 quilos e capaz de atingir 130 km/hora, foi recentemente apresentado na Feira de Hanover. O veículo, que se chama «Flexi-Traction», sobre as ladeiras mais íngremes e domina todos os acidentes de terreno, pelo que se recomenda aos agricultores e silvicultores. O Japão e os Estados Unidos já estão interessados.

ESCLARECE A TAP

Não tem qualquer fundamento a notícia da criação de transportes aéreos de Moçambique

Com o pedido de publicação, recebemos da TAP a seguinte nota:

«O jornal «The Financial Gazette» de Salisbúria, no seu número de 14 do corrente, noticiou ter-lhe sido dito por «fontes informadas» de Lourenço Marques que ia ser criada naquela cidade uma nova empresa de aviação com a designação de «TAM — Transportes Aéreos de Moçambique» em cujo capital a DETA tomaria 51 %, sendo os restantes 49 % distribuídos pela TAP, Banco Nacional Ultramarino e Banco Português do Atlantico. Acrescenta a notícia que a nova Companhia operaria voos para Joanesburgo, Durban, Salisbúria, Blantyre, Malagazy, Seicheles, Nairobi e Paquistão, utilizando aviões Boeing 707 baseados em Lourenço Marques.

«Antes mesmo de poder averiguar a idoneidade das «fontes» citadas na notícia em referência, a TAP julga dever esclarecer na parte que lhe diz respeito, que tal notícia não tem qualquer fundamento e informa que, para cumprimento dos programas estabelecidos para as linhas integradas no seu contrato de concessão se manterá a operação com os seus aviões Boeing 707, das actuais ligações de Lisboa, via Luanda, com Lourenço Marques, Beira, Joanesburgo e Salisbúria.

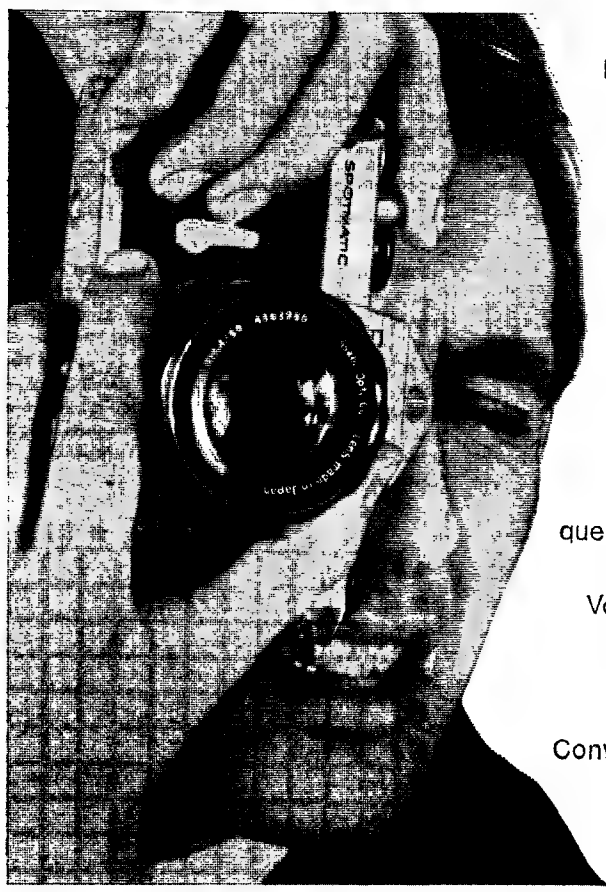
Além destas, haverá que manter as ligações necessárias para estabelecer o enlace em Luanda, a partir de 1 de Abril de 1972, com os voos de e para Lisboa operados com os novos aviões gigantes Boeing 747, que serão de início exclusivamente utilizados nas rotas Lisboa-Luanda e Lisboa-Nova York, o que exige o estacionamento em Lourenço Marques dos seus aviões Boeing 707, em certos dias da semana.

«De acordo com a programação em estudo, o número total de voos previstos com os dois tipos de avião no período de ponta do Verão IATA de 1972, será, em princípio, de 7 entre Lisboa e Lourenço Marques, 7 entre Lisboa e a Beira, 2 entre Lisboa e Salisbúria e 3 entre Lisboa e Joanesburgo, os quais no seu conjunto representam 11 voos além Luanda que, juntos com 7 voos com término nesta cidade em avião Boeing 747, perfazem o total de 18 voos entre Lisboa e Luanda, o que, comparado com os 22 voos dos horários em vigor para o ano corrente, corresponde a cerca de 29 voos semanais com uma operação exclusivamente efectuada em Boeing 707.»

NOVO CÁLCULO DAS PENSÕES DA C. N. S. D. P.

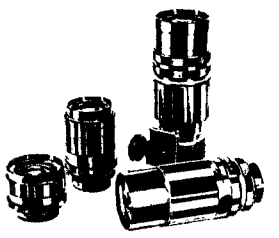
A Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais foi autorizada a elevar de 30$00 para 60$00 o limite de salário diário a considerar por inteiro no cálculo das pensões de responsabilidade dessa caixa, segundo um despacho do secretário de Estado do Trabalho e Previdência.

O seu amigo que tem uma Asahi Pentax é o nosso melhor anúncio.



Pergunte ao seu amigo porque é que ele prefere a Asahi Pentax. E prepare-se para ouvir um discurso sobre a leveza da câmara. O manejo fácil. O visor prismático com espêlho de retôrno instantâneo. O sistema de medição de luz através da objectiva. A completa linha de equipamentos: lentes Takumar e acessórios. Depois veja a nitidez e a perfeição das fotos que o seu amigo consegue com a Asahi Pentax. É a prova final! Você também vai preferir uma Asahi Pentax. Conforme já acontece com mais de um milhão e meio de pessoas, em todo o mundo. Converse com o seu amigo. Ele é o nosso melhor vendedor.

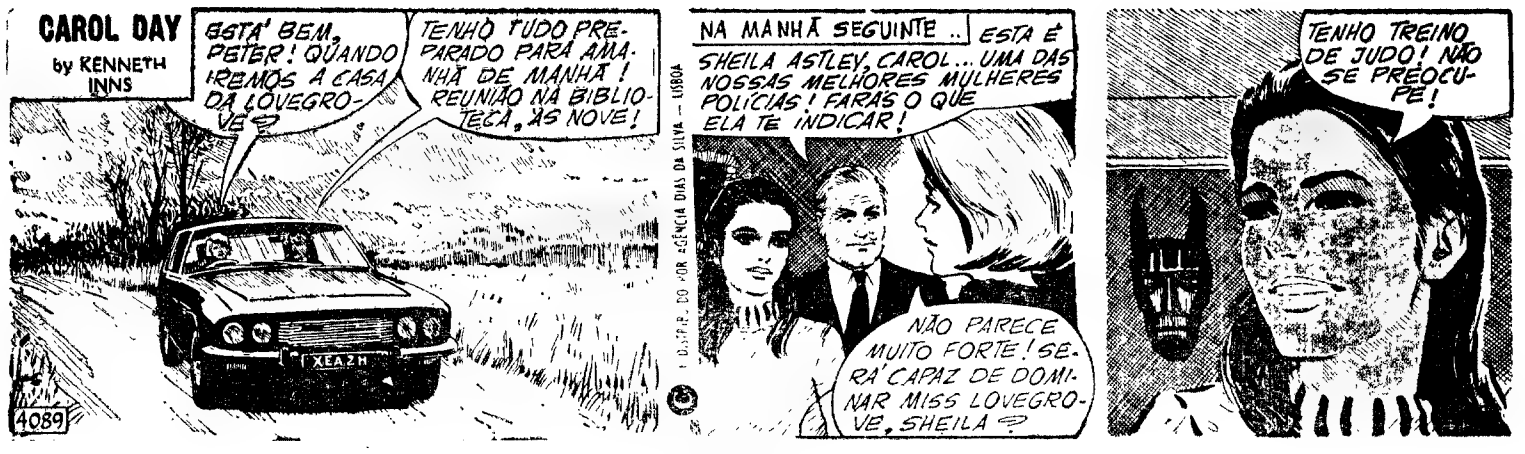
ASAHI PENTAX
a máquina fotográfica de alta qualidade mais vendida em todo o mundo



CORTE ESTE TALÃO E ENVIE A:
BELTRÃO COELHO, LDA.
RUA CASTILHO, 1 A/E - LISBOA 1

QUEIRAM ENVIAR-ME, GRÁTIS, UM CATÁLOGO DOS PRODUTOS ASAHI PENTAX
NOME _____
ENDEREÇO _____

OS PEATNUTS



CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Junho de 1941 publicava:

«LONDRES, 1.—O texto do armistício entre a Inglaterra e o Irak foi assinado ontem, á tarde. Nele se estabelece que o Governo britanico se compromete a não infringir a independência do Irak e dará ao regente deste país toda a assistência para restabelecer a autoridade do governo legal.»

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 208, r/c., Esq.º (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

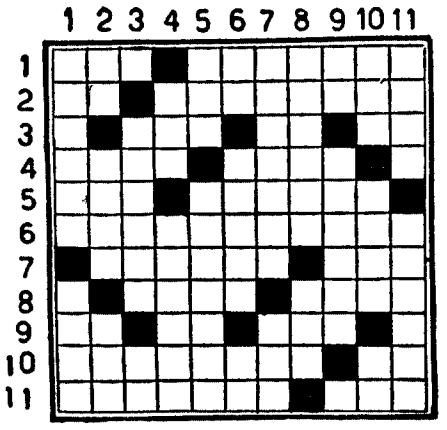
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5910

HORIZONTAIS: 1 — Nome de planeta. Esconderá. 2 — Preposição. Anunciar. 3 — Camareira. Alumínio (s. q.). Pronome reflexo. 4 — Pequena península russa, entre o mar de Azove e o mar Negro. Amanhã (ant.). 5 — Letra grega. Foras pelo ar com grande velocidade. 6 — Investigariamos. 7 — Albergas por esmola. Olá. 8 — Queimo. Acreditar. 9 — Idem (abrev.). Cálcio (s. q.). Recusa. Tempo do verbo ser. 10 — Principiantes em qualquer matéria (fig.). Prefixo de privação. 11 — Lavrasses. Falda.

VERTICAIS: 1 — Professores catedráticos. Afiança. 2 — Antigo indefinido. Leva á sirga. Oferecer. 3 — Doméstica. Nota musical. 4 — Piedoso. Peças ou objectos chatos e circulares. 5 — Lavra. Dançais a valsa. 6 — O lado do vento. O mesmo que Alarcão. Nota musical. 7 — Poisas no mar (o avião). Em as. 8 — Tirara a pele a. Cabelos brancos. 9 — átomo (abrev.). Antigo reino da ilha de Timor, na região central dos Belos. 9 — Rente. Ave trepadora de Caconda. Prefixo que designa afastamento. 11 — Lavrem. Espécie de batedeira, de movimento sereno para fazer manteiga.



Resolveu completamente este problema? Veja em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5909

HORIZONTAIS: 1 — DINHEIRO. CI. 2 — Amansai. NÃO. 3 — Ab. Toscas. 4 — Olé. Casam. 5 — MATA. Dás. Do. 6 — Ath. Air. Cás. 7 — Dá. Ema. Tosa. 8 — Ocelo. For. 9 — Amarão. Ta. 10 — Ida. Nomeara. 11 — Má. Cosenias.

VERTICAIS: 1 — Dá. Amado. In. 2 — Imã. Atacado. 3 — Naboth. Ema. 4 — HN. La. Ela. 5 — Este. Amorno. 6 — Ião. Bia. Aos. 7 — Riscar. FOME. 8 — Cóós. To. Er. 9 — Nas. Contai. 10 — Casadas. Ará. 11 — Io. Mesas. As.

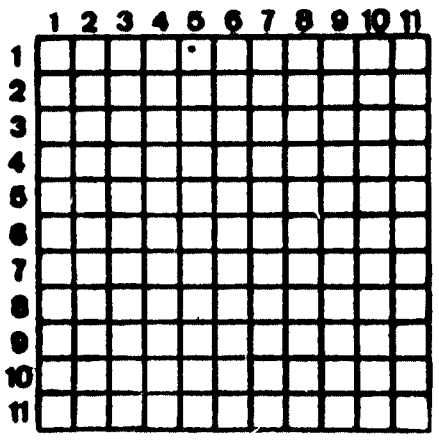
PROVÉRBIO: Dinheiro não mata fome.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9753

HORIZONTAIS: 1 — Brado. Rasto luminoso dos cometas. 2 — Espécie de andorinha. Sela pequena e rasa. 3 — Rio da Alemanha. Derrota. 4 — Cidade da Finlandia. Dia (Bras.). Vai para fora. 5 — Letra grega. Da Grécia. Seguia. 6 — Ilha do Pequeno Balt. Intimos. 7 — Deus dos pastores. Abreviatura que se usa em musica. 8 — Czar da Russia cognominado «O Terrível». Suspiros. Gavinha. 9 — Cidade da Polónia. Detrás. 10 — Fileiras. Mamífero roedor (fem.). 11 — Lançassemos as sementes.

VERTICAIS: 1 — Disfarçar. Sovas (fig.). 2 — Cidade de Portugal. Significa. 3 — Jarro (planta). Sermem (fig.). 4 — Oceano Grande. Guarneça de asas. 5 — O sono das crianças. Anel. Prefixo de privação. 6 — Medida de superfície. Li. Artigo definido. 7 — Césio (s. q.). Procedi. Apelido. 8 — Prefixo que designa ar. Espédua. O mesmo que três. 9 — Gritos. Cumprem. 10 — Inspirais (fig.). Extensivo. 11 — Bailarina cigana, espanhola, já falecida. Nome de flores.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9752

HORIZONTAIS: 1 — Purão. Resta. 2 — Ano. Seu. Are. 3 — Item. Elar. 4 — Ridás. Avise. 5 — Amara. Parto. 6 — Rio. 7 — Carolos. 8 — Alice. Oledo. 9 — Riná. Aros. 10 — Ter. Com. Ais. 11 — Amolo. Missa.

VERTICAIS: 1 — Parra. Farta. 2 — Intimo. Liem. 3 — Roera. Cirro. 4 — Mar. Aco. 5 — Os. Sarre. Ca. 6 — Em. Io. Fó. 7 — Ru. Apolo. MM. 8 — Eva. Olá. 9 — Salir. Srás. 10 — Troste. Dois. 11 — Aéreo. Cossa.

O MAIOR TESOURO DO MUNDO da Pré-História à Actualidade

Os frisos do Parténon ... a Magna Carta ... a Cabeça de Afrodite ... as Bíblias de Gutenberg ... as jóias gregas do séc. VII ... as pinturas egípcias do séc. V antes de Cristo ... os 7 milhões de selos ... as 750.000 moedas ... — constituem uma pequena parte da maior colecção de cultura ocidental e oriental, reunida através dos séculos. Mas ... eis o grande dilema: como visitar o Museu Britânico? Por onde começar?

Este é um dos 21 artigos da Revista de Maio — já à venda em todo o país.—

Seleções do Reader's Digest

CRONOGRAFO

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Incabloc Resistente

100% impermeável

A morte de Renato Boaventura

Causou o maior pesar nos meios ligados á Informação a morte inesperada do nosso querido companheiro Renato Boaventura, subchefe de Redacção do «Diário de Lisboa». Como ontem noticiámos, a morte do nosso malogrado camarada de trabalho ocorreu anteontem, ao fim da tarde, em Toledo onde, acompanhado pela mulher e pela filha, Renato Boaventura se encontrava a passar férias iniciadas na sexta-feira.

Ontem, de manhã seguiram para Toledo o nosso director, dr. António Pedro Ruella Ramos, e o chefe de Redacção, dr. Vítor Direito para ali tratarem das diversas formalidades relacionadas com a trasladação do corpo para Lisboa. Não é possível, porém, saber ainda a data da trasladação que, de qualquer modo, deve ser feita dentro de breves dias. Entretanto regressam hoje a Lisboa a viuva e a filha do nosso infortunado companheiro, que são acompanhadas pelos drs. Ruella Ramos e Vítor Direito.

Todos os nossos colegas de Lisboa e do Porto se referiram com palavras de muito apreço, a nosso camarada e de grande pesar pela sua morte. Assinalamos e agradecemos as referências dos jornais «Diário de Notícias», «O Século», «Jornal do Comércio», «Novidades» «Época», «Diário Popular», «A Capital», «Republica», «A Bola», «O Primeiro de Janeiro», «O Comércio do Porto», «Jorna. de Notícias» e «Diário do Norte».

Entretanto, têm chegado á nossa Redacção inumeras manifestações de pesar, nomeadamente de camaradas da Imprensa. Estiveram no «Diário de Lisboa», ou dirigiram-se-nos telefónicamente ou por escrito os jornalistas Haendel de Oliveira, Manuel Figueira, José de Freitas, Mário Rocha, Adriano de Carvalho, Artur Alpedrinha, Alfredo Farinha, Vítor Santos, Carlos Pinhão, Nuno Ferrari, Francisco Camilo, Guita Junior, Gustavo da Fonseca, Vasco de Oliveira, Rodrigo Pinto e Luís Lupi.

Recebemos ainda telegramas e cartões da Mobiloil Portuguesa, Fernando Rodrigues (jornal «O Debate»), A. Gama Reis (Mr. Cork) e esposa, do sr. Candido António Luís e da sr.ª D. Magda da Costa.

Necrologia

FUNERAIS

José Rodrigues Júnior

Da igreja de Santos-o-Velho para o cemitério de Benfica, realizou-se, hoje, o funeral do sr. José Rodrigues Júnior, de 67 anos, que foi funcionário da administração e de revisão do nosso prezado colega «O Século».

O extinto era casado com a sr.ª D. Fernanda Maria da Costa Casanova Rodrigues.

«Diário do Alentejo»

Completou 39 anos de publicação o nosso prezado colega «Diário do Alentejo», vespertino bejense, a cujo director, sr. Valentim Alferes e aos colaboradores apresentamos as nossas felicitações.

HOMENAGEM à memória de Ricardo Covões

Assinalando o 20.º aniversário do falecimento do saudoso empresário do Coliseu dos Recreios Ricardo Covões, a Associação dos Inválidos do Comércio promove uma romagem ao seu tumulo, no cemitério do Lumiar, amanhã, ás 12 horas.

COTONANG

DIVIDENDO DE 1970 — CUPÃO N.º 36

Avisam-se os Senhores Accionistas que se encontra a pagamento, na Sede da Companhia em Malanje, o dividendo do exercício de 1970 — cupão N.º 36.

De harmonia com as normas da Inspecção de Crédito e Seguros de Angola o pedido de transferência é efectuado pela Sede da Companhia até ao dia 21 de Agosto de 1971.

Os Escritórios da Cotonang em Lisboa na Rua dos Fanqueiros, 12-3.º Dt.º prestarão todos os esclarecimentos

COMPANHIA GERAL DOS ALGODÕES DE ANGOLA

O Administrador-Delegado
a) João da Fonseca George

DINHEIRO DIFERENTE... ...MAS MAIS CONVENIENTE!

Dinheiro de facto conveniente

Dinheiro que vale sempre aquilo que vale, excepto quando se perde ou se extravia...

...se não estiver duplamente assinado por si, nada perde.

Troque sem qualquer encargo o seu dinheiro pelos nossos cheques de viagem e sinta-se seguro.

1 Só o próprio os pode utilizar

Contràriamente às notas, cada cheque de viagem só é válido quando assinado por si. Trata-se, pois, de dinheiro estrictamente pessoal.

2 O número de série protege-o

A numeração dos nossos cheques de viagem é devidamente registada. Se os seus cheques se perderem ou forem roubados, os respectivos números de série habilitam-no a ser prontamente reembolsado na Sede ou qualquer Filial, Agência ou Dependência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

3 Trata-se, verdadeiramente, de "escudos"

Pode gastar cheques de viagem do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa em hoteis, restaurantes, lojas, etc., em toda a parte de Portugal Continental e Insular.

4 Envio de dinheiro com segurança total

Bastam as suas 2 assinaturas e a inscrição, na linha central, do nome da pessoa a quem se pretende que o cheque seja pago ou do nome do Banco onde pretenda levar o cheque a crédito da sua conta

TROQUE NOTAS POR CHEQUES DE VIAGEM SEM QUALQUER DESPESA

Na Sede ou em qualquer Filial, Agência ou Dependência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, nos valores nominais de 100$00, 500$00 ou 1.000$00

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

A ASSEMBLEIA DO BANCO DE FOMENTO NACIONAL

(Continuação da pág. central)

adensando nos vários sentidos possíveis as vantagens que atribuem ao aforrador, etc.; impõe-se reestruturar e regulamentar adequadamente o o funcionamento das bolsas de valores; impõe-se trazer as empresas, ainda as de média dimensão, ao mercado de títulos, através de soluções apropriadas, como os consórcios de emissão; impõem-se, em suma, mil outras coisas que levariam longo tempo a enumerar.

«Criar uma rede de esquemas que encaminhem seguramente a poupança no sentido de aplicações susceptíveis de permitirem a sua canalização directa e imediata para o investimento economicamente reprodutivo constitui desiderato que, a meu ver, surge com anterioridade relativamente a todos os objectivos de desenvolvimento que se possam fixar, já que da consecução daquele depende, irremissivelmente, a efectiva consecução destes últimos. Reveste-se, por isso, de alta prioridade. Ignorá-lo seria querer começar pelo fim, renunciando antecipadamente a atingir quaisquer metas válidas. E muito nos congratulamos, certamente, todos por ver a clarividência com que, no ministério das Finanças, estes problemas fundamentais estão a ser encarados e o acerto de soluções que têm vindo a lume, com reflexos imediatos no funcionamento do conjunto do mercado de capitais.

«O Banco de Fomento, por seu lado, consciente de que a sua natureza de promotor do investimento português lhe exige uma colaboração efectiva com o Governo no equacionamento e ponderação de todos os problemas que com o investimento se prendem, não se tem, ainda neste domínio, mantido inactivo. Entendemos, aliás, que as instituições e as empresas, quando as comanda, não apenas nas palavras (o que é vulgar), mas também nos actos (o que é bastante mais raro), o interesse fundamental do País, devem prestar ao Governo, através dos seus serviços técnicos, toda a colaboração que se encontre ao seu alcance, suscitando problemas, detectando dificuldades, analisando situações estruturais ou conjunturais, ideando novos esquemas, estudando e propondo soluções.

«E nessa linha de pensamento, o Banco ocupou-se da problemática das obrigações convertíveis, acabando por apresentar ao Ministério das Finanças um exaustivo estudo das questões envolvidas, bem como um projecto de diploma em cuja elaboração participaram também os Serviços da Companhia Portuguesa de Electricidade. Por outro lado, gizou e submeteu à apreciação do Governo um esquema genérico para a emissão de obrigações a médio prazo, em termos que se julgam adaptados às características actuais do aforro. Examinou ainda, aprofundadamente, o problema dos «depósitos de poupança», que estendidos para além das concretizações dessa figura já consagradas na lei, constituirão uma via extremamente eficaz de alicíamento do aforro. E serviço válido que se presta também ao Governo e ao País julgo que representará a extensa Análise da Conjuntura que V. Ex.as acabam de receber e que, para além do exame da evolução anual da economia no conjunto do espaço português, contém numerosas informações de tipo estrutural, e um longo capítulo dedicado aos mercados monetário e financeiro.

A «transformação» de recursos

«Uma outra forma de atacar o desejo de liquidez do aforrador é indirecta e consiste na bem conhecida «transformação» de recursos.

«Trata-se, afinal, de, onde a liquidez indevida apesar de tudo subsiste, proceder — em termos particularmente cautelosos — como se a poupança houvesse sido efectivamente aplicada em formas menos líquidas.

«A «transformação» comporta, todavia, riscos graves.

«Em primeiro lugar, torna-se impossível distinguir, na massa de recursos depositados em formas de pronunciada liquidez, os que correspondem a verdadeira poupança, podendo, por conseguinte, servir de base, em termos mais ou menos latos, á pretendida «transformação», dos que representam simples tesourarias e que, por isso mesmo, só é, em princípio, legítimo aplicar em activos também extremamente líquidos, ou seja, em crédito a curto prazo. E esta dificuldade impõe que a «transformação» desde logo se limite a recursos dotados de um mínimo de estabilidade, designadamente num país como o nosso, em que os depósitos revelam preocupantes anomalias de comportamento. Não será ocioso lembrar, a propósito, e a título de exemplo, a evolução dos depósitos a prazo nos bancos comerciais, que subiram de 29,5 milhões de contos em 30 de Novembro de 1968 para 53,5 milhões de contos em 30 de Novembro de 1970, enquanto os depósitos à vista passavam, no mesmo intervalo, de 46 milhões de contos para 52,5 milhões. Como interessará observar que essa evolução — que elevou os depósitos a mais de 180 dias na banca comercial para cerca de 51 milhões de contos no fecho de 1970 — se processa com movimentos nas duas variáveis claramente indicadores de transferências volumosas de recursos de uma para outra modalidade, designadamente a partir de Abril do ano findo. Compreendem-se, assim, as dúvidas que se suscitam quanto á verdadeira natureza e ao grau de estabilidade de uma parcela, mais ou menos substancial, dos recursos em causa, — designadamente quando se pondera que parece haver-se esbatido a vinculação teòricamente exigível ao prazo por que os depósitos se convencionam.

«Tudo o que fica dito referiu-se apenas para servir de explicação e de enquadramento às cautelas de que o legislador avisadamente entendeu dever rodear o fenómeno da «transformação», através dos Decretos-Leis n.os 46 492, 48 948 e 48 950, o primeiro de 18 de Agosto de 1965 e os dois últimos de 8 de Abril de 1969, com as modificações que lhes foram posteriormente introduzidas e a regulamentação actual que resulta do Aviso da Inspecção-Geral de Crédito e Seguros de 5 de Fevereiro de 1971. Com efeito, o Decreto-Lei n.º 46 492 abriu à banca — em termos apertados no atinente ao prazo das operações activas, mas amplos quanto ao seu montante global — o campo do médio prazo até 2 anos, para aplicação dos depósitos a mais de 90 dias; os Decretos-Leis n.os 48 948 e 48 950 autorizaram-na a praticar, com base nos depósitos a mais de 180 dias, e dentro de limites mais estreitos, o chamado crédito a médio prazo (até 7 anos, portanto, com regime especial e o crédito à exportação nacional por mais de 2 anos.

«As medidas assim tomadas representam, sem sombra de dúvida, uma tentativa séria e bem concebida, tanto nas suas raízes teóricas como na sua contextura operacional, para vencer a barreira da excessiva liquidez dos recursos.

«Razões várias terão obstado a que a banca tivesse respondido até agora, em termos significativos, a este implícito propósito do legislador, como claramente resulta do confronto entre os números por que se exprimem os seus depósitos a mais de 90 e de 180 dias e os que traduzem a sua carteira de operações activas a mais de um ano.

«Não significa isto, contudo, que os esquemas e os requisitos previstos nos já mencionados Decretos-Leis para a «transformação» não sejam adequados. São-no, sem sombra de duvida, em nossa opinião, desde que se verifiquem duas condições essenciais: em primeiro lugar, que a realidade das operações passivas em causa coincida com a sua aparência, — isto é, que os depósitos a mais de 90 e de 180 dias, sobre que incida a «transformação», sejam, efectivamente, depósitos a esse prazo, correspondendo, por conseguinte, a poupança ou quase poupança; em segundo lugar, que a aplicação dos recursos, quando se trate de crédito comercial, se faça em operações de «autoliquidação» garantida, e que, quando esteja em causa crédito para investimento, se dirija a empreendimentos de viabilidade técnica, económica e financeira devidamente investigada e assegurada.

«E a «transformação» de tais recursos, sejam quais forem as instituições que a realizem, tem de considerar-se *necessidade inelutável* em face da excessiva liquidez que a poupança procura. Só assim, com efeito, se conseguirá, por um lado, alargar apropriadamente a base financeira de sustentação do investimento, imprimindo-lhe ritmo que acelere, como se deseja, a nossa industrialização, — e se poderá, por outro lado, retirar do circuito do consumo, onde, naturalmente, reforçando a procura, originam graves tensões inflacionistas, meios que deveriam, de sua própria natureza, dirigir-se para o investimento reprodutivo, multiplicando e diversificando a oferta e atenuando, desse modo, a pressão sobre os preços.

«Nesta perspectiva, não pode deixar de destacar-se a importantíssima função de «transformação» que a Caixa Geral de Depósitos vem exercendo cada vez mais dinâmicamente, — como não pode deixar de referir-se também embora num outro plano, a actividade de «transformação» que caracteriza o crédito do Banco de Fomento Nacional, pelo menos sempre que ele se traduz na aplicação de fundos obtidos através de depósitos a prazo.

«E, assim — deixando de lado a magna questão da estrutura, das condições de funcionamento e do papel a desempenhar pelos mercados primário e secundário de títulos —, surge o problema da efectiva canalização para o investimento da parcela da poupança que aflui ás instituições de crédito. Trata-se, aliás, de aspecto que, ao falar sobre a «transformação», já tive, em larga medida, oportunidade de esclarecer. Restaria mencionar, se fosse possível determiná-lo o montante que é encaminhado para o investimento através das operações de curto prazo renovável, — via sobre cuja essencial inadequação seria inútil repetir considerações já tantas vezes alinhadas.

8,5 milhões de contos de crédito em 1970

«Acrescentar-se-á que o crédito facultado à economia em 1970 pela Caixa Geral de Depósitos e pelo Banco de Fomento Nacional, no seu conjunto, ascendeu — e falo de *operações de financiamento a médio e longo prazo realizadas* — a cerca de 8,5 milhões de contos, tendo ficado a dever-se aproximadamente 6,3 milhões à Caixa e perto de 2,2 milhões ao Banco. Se ponderarmos que o acréscimo dos depósitos a prazo na Caixa se limitou a 2,3 milhões de contos, ascendendo sòmente a 5,2 milhões o aumento de todas as modalidades de depósitos nela constituídos, — e se recordarmos, por outro lado, que os depósitos a prazo no Banco de Fomento Nacional subiram, durante o exercício, apenas de cerca de um milhão e cem mil contos. — tem-se uma ideia precisa dos termos em que as duas instituições aplicam no investimento nacional os recursos que a elas afluem.

«No caso do Banco, pode ainda fornecer-se uma outra indicação igualmente elucidativa. E é ela a de que, havendo o saldo dos nossos depósitos a prazo crescido, entre 31 de Dezembro de 1969 e 31 de Dezembro de 1970, tão-sòmente de 1087 milhares de contos, o aumento do saldo das operações de financiamento em vigor no fim do exercício situou-se nos 1500 milhares de contos.

«Amplamente demonstrados consideramos, portanto, dois factos: a capacidade do Banco de Fomento como entidade de veiculadora de recursos para o investimento; e o dinamismo com que a referida canalização se processa, evitando toda a esterilização, mesmo temporária, da poupança recolhida.

«Assim tem, aliás, de ser. E enquanto procedimento igual se não verificar em relação a todo o aforro que a economia gera, comprometida continuará a consecução de metas de desenvolvimento que, transcendendo as projecções dos Planos, têm de situar-se em níveis cada dia mais ambiciosos.

«Apenas para completar a análise do conjunto de problemas que de princípio enumerámos, resta-nos, no domínio da poupança, fazer uma breve referência aos *critérios de selectividade* a que a sua aplicação tem de subordinar-se.

«Também neste ponto o Governo estabeleceu, mais de uma vez, princípios e regras claras. Fê-lo, desde logo, em relação ao Banco de Fomento e à Caixa Geral de Depósitos, na legislação respeitante a cada uma destas instituições. Fê-lo, igualmente, no que concerne à banca comercial, como o evidenciam, entre outros diplomas, os Decretos-Leis n.os 48 948 e 48 950, que já antes mencionei.

«A observância desses critérios de selectividade pela Caixa e pelo Banco de Fomento constitui um dado indiscutível, verdadeiro axioma de toda a sua actuação: sendo o que são, não podem, porque não devem, proceder de outro modo.

«E, para além do absoluto acatamento das prioridades explicitamente fixadas nos Planos de Fomento, nos respectivos programas anuais de execução e em deliberações do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, procura o Banco articular sempre a sua actividade com a dos diversos departamentos governamentais orientadores e executores da política financeira e económica das diferentes parcelas do espaço português, e inserir o restante da sua intervenção creditícia no quadro amplo da estratégia que porventura resulte dos elementos de base que referi.»

«Só assim, de resto, se tornará possível caminhar com segurança e eficácia, *e com o mínimo de custos*, na construção de uma economia coesa, dotada de uma teia de relações intra e intersectoriais racional e progressivamente adensada, que lhe permita tirar o máximo partido dos efeitos de multiplicação de cada investimento ou «bloco de investimentos» que realize.

«E a análise da distribuição sectorial e geográfica das operações aprovadas e realizadas pelo Banco de Fomento, feita no Relatório do exercício que V. Ex.as vão apreciar, ilustra, de maneira flagrante, o quanto a actividade creditícia da nossa instituição se filia nesse conjunto de motivações».

A terminar, o prof. Daniel Barbosa falou de promoção industrial e de assistência técnica às empresas e analisou, em pormenor, o exercício de 1970 que foi — acentuou — para o Banco, e de longe, o melhor de todos.

Os pedidos de financiamento atingiram 6 319 075 contos (mais 22,8 por cento que em 1969)

A actividade do Banco de Fomento Nacional, durante o ano de 1970, ficou assinalada, de forma muito expressiva, pela evolução nitidamente favorável dos vários factores que atestam uma presença cada vez mais viva e operante daquela instituição no desenvolvimento económico do País. O relatório do Conselho de Administração, agora vindo a público, dá conta dessa situação, ao evidenciar as notas mais salientes do exercício findo.

Verifica-se, assim, que continuaram a afluir ao Banco, em ritmo crescente, as solicitações de financiamento, que atingiram, em 1970, um valor global de 6 319 075 contos, o que representa um acréscimo de 22,8 por cento em relação ao ano precedente. Por outro lado, as operações aprovadas, no mesmo período, ascenderam a 4 817 812 contos, superando em 40 por cento o montante de 3 437 258 contos, em 1969, que constitui o máximo até então alcançado.

Eis alguns outros números que atestam a firme expansão das actividades do importante estabelecimento de crédito: as realizações elevaram-se a 2 965 150 contos (mais 19 por cento que no ano anterior) o saldo das operações de crédito em vigor subiu, de 9 200 076 contos em 31 de Dezembro de 1969, para 10 784 820 contos em fins de 1970. O aumento verificado — que pela primeira vez na vida do Banco excedeu o milhão de contos (precisamente 1 684 744) — traduz-se numa taxa de crescimento de 17,2 por cento (contra 8,6 por cento no exercício precedente). Os depósitos a prazo tiveram igualmente um aumento substancial: no fim do exercício, o saldo era de 3 432 204 contos, o que significa mais 1 086 894 contos que em 1969 e corresponde à taxa de expansão de 46,3 por cento. O número de contas abertas acusou ainda um incremento particularmente significativo, na medida em que o respectivo ritmo de progressão (63,9 por cento) mostra haver-se reduzido sensivelmente o valor médio de cada conta de depósito. Este facto evidencia o peso crescente que a pequena poupança vai assumindo no conjunto dos recursos obtidos pelo Banco.

O lucro líquido do exercício, revelando uma linha de progresso firme e constante, em perfeita correlação com a regular expansão do crédito concedido, situou-se, por seu turno, em 96 309 contos, o que representa, em relação ao exercício transacto, um aumento de 5,4 por cento.

O movimento expresso pelo total do balanço que, em 1969, e excluídas as contas de ordem, se exprimia por 8 705 879 contos, cifrou-se, em 1970, em 10 228 596 contos: o aumento verificado, que não encontra paralelo em qualquer dos anteriores exercícios, e no qual veio a influir nitidamente o acréscimo das operações de financiamento em vigor, traduz-se num ritmo de expansão de 17,5 por cento.

Dentro desta evolução globalmente positiva, a participação do Banco no III Plano de Fomento alcançou o volume apreciável de 2 280 811 contos no domínio das operações aprovadas (contra 1 629 494 contos em 1969) e de 1 678 785 contos no que diz respeito às realizações (em confronto com 853 996 contos no exercício precedente).

Intensificou-se extraordinàriamente o apoio financeiro ao Ultramar, que beneficiou, em 1970, de 1 695 134 contos de financiamentos aprovados (o que representa um acréscimo de 104,8 por cento em relação ao ano precedente).

Sintoma da política dinâmica do Banco de Fomento Nacional, foi o arranque, em 1970, das actividades de promoção industrial depois do estudo de detecção das oportunidades de investimento e nas quais são de evidenciar a elaboração de pré-projectos a oferecer à iniciativa privada e a definição do conteúdo de diversos programas de promoção, quer no âmbito sectorial, quer a nível regional.

Criaram-se também no ano passado os Serviços de Operações Especiais de Crédito, destinados a reforçar a orgânica do Banco em moldes adequados à execução de uma política eficiente de concessão de financiamentos, quer á produção e venda de bens de equipamento no mercado interno, quer á exportação.

Referem-se, por outro lado, no relatório como notas salientes da vida da instituição em 1970, a inauguração das novas instalações da sede do Banco e da Direcção-Geral em Moçambique, e a abertura de delegações em Évora, Viseu, Braga, Santarém, Coimbra e Aveiro.

Em resumo: o exercício de 1970 da administração do Banco de Fomento Nacional, pela segura expansão imprimida à actividade creditícia e pelo forte impulso dado à sua organização e ao seu apetrechamento técnico e material, veio consolidar substancialmente a posição que ocupa no conjunto das instalações financeiras do País.

Actualidade internacional

CAMPANHA DOS PALESTINIANOS PARA DERRUBAR HUSSEIN

AMÃ, 1 — (A. N. I.) — O governo jordano acusa os guerrilheiros palestinianos de iniciarem uma campanha de sabotagem, destinada a destronar o rei Hussein, a destruir as instalações vitais do país e a estabelecer um Estado palestiniano.

Um informador governamental acusou também os guerrilheiros de procurarem provocar o Exército, levando-o a disparar contra eles.

O informador acusou ainda alguns países árabes, cujos nomes não citou, de colaborarem com «elementos suspeitos» para se servirem dos guerrilheiros, como «cabeças de turco».

Num comentário difundido por Rádio Amã, esse informador governamental declarou:

«O objectivo é fazer crer que o governo se mostra incompetente, para se proteger e para proteger as suas instalações e os cidadãos. Deste modo, esperam o início de recontros, dando a entender que o governo deseja liquidar o movimento palestiniano»

Os guerrilheiros, pelo seu lado, declararam que as forças governamentais abriram fogo de metralhadora e de artilharia pesada contra as suas bases, instaladas perto da cidade de Jerash, ao norte de Amã.

O governo não mencionou os recontros, mas acusa os guerrilheiros de terem colocado minas nas estradas das zonas nortenhas.

O informador governamental acentuou que os métodos seguidos pelos países árabes, cujos nomes não citou, consistiam em forçar os palestinianos a aceitarem a ideia de um Estado, convencendo-os de que outro povo — os jordanos — está na disposição de o exterminar. E acrescentou que o próximo passo será o estabelecimento de um governo palestiniano no exílio.

O rei Hussein rejeitou, repetidamente, as sugestões para o estabelecimento de um Estado palestiniano na margem ocidental do Jordão, depois da retirada das forças ocupantes israelitas.

ELA ANDA A PENSAR NO MONSTRO DE LOCH NESS. Por enquanto, a elegante Kathy Trout é apenas a tratadora e domadora dos golfinhos do «Dolfinarium» de Londres. Diz ela que, bem equipada com um fato de homem-rã, poderá acabar «de uma vez para sempre» com o mito do monstro do célebre lago escocês ou, então, encontra-lo.

NOVO CASO SNOWDON

LONDRES, 1 — (F. P.) — Um acidente de automóvel parece provocar um novo caso Snowdon. Com efeito, o carro de lorde Snowdon foi bater no de um fotógrafo profissional, Ray Bellizario, que vai apresentar queixa. Bellizario é um dos «paparazi» britanicos mais conhecidos.

Segundo declara, na tarde do acidente, tinha tirado várias fotografias a lorde Snowdon, num «garden party», quando este passeava com a encantadora «lady» Jacqueline Rufus Isaacs. Já se tem falado dela e de Tony, e houve mesmo a este respeito boatos de divórcio.

Bellizario afirma que lorde Snowdon ficou zangado quando deu por ele. Saiu rápidamente, com a princesa e os seus dois filhos.

«Um pouco mais tarde», diz o fotógrafo, «quando regressava a Londres, por uma estrada secundária, vi o carro de lorde Snowdon que voltava para tras. Apercebi-me imediatamente de que iamos chocar».

Bellizario já esteve para ir a tribunal por ter atravessado os limites da propriedade real em 1963, em Windsor, a fim de fotografar a princesa Ana. Em 1964 também foi criticado pelo «Press Council», por causa de fotografias da princesa Margarida, tiradas perto de Ascot, a vestir um fato de esqui náutico. A família real protestou contra estas fotografias.

FOI SALVA A JOVEM QUE ESTAVA EM PODER DE TERRORISTAS TURCOS

ISTAMBUL, 1 — (R.) — Foi salva hoje pelas forças de segurança a jovem Sibel Erkan, de 14 anos, filha de um oficial do Exército, que se encontrava em poder de terroristas armados, desde domingo de manhã.

As 11 e 40, a Polícia com fatos á prova de bala, entrou no apartamento e, após uma rápida troca de tiros, apoderou-se dos dois homens, Mahir Canay e Huseyin Cevahir que mantinham a jovem como refém. Segundo as primeiras notícias, teria ficado ferido um polícia

No momento em que os dois terroristas eram trazidos para fora de casa, a multidão saltou sobre eles atacando-os e matando Mahir Canay, no decorrer de uma cena de furia sanguinária

O segundo terrorista, Huseyin Cevahir, conseguiu sair com vida daquela confusão, ao que parece salvo á ultima hora, por soldados que o conseguiram proteger.

Simplificação do processo católico da anulação do casamento

ROMA, 1 — (A. N. I.) — Paulo VI decidiu simplificar o processo de anulação dos casamentos, tendo assinado no sábado o decreto que introduz estas alterações — anunciam os jornais italianos «Il Messagero» e «Il Tempo».

Os jornais não revelam exactamente quais são estas simplificações, mas declaram que o seu objectivo é tornar mais rápido o andamento do processo desde os tribunais diocesanos até aos tribunais superiores do Vaticano — Santa Rota e Signatura Apostolica.

Conferência da OIT

NAÇÕES UNIDAS (Genebra), 1 — (F. P.) — «A liberdade através do diálogo», título do relatório de Wilfred Jenks, director-geral da Organização Internacional do Trabalho (O.I.T.), será o tema essencial da 56.ª Conferência Internacional do Trabalho, que se reunirá em Genebra, de 2 a 24 de Junho.

Os 121 países membros da Organização Internacional do Trabalho serão representados cada um nesta Assembleia por dois delegados governamentais, um delegado trabalhador e um delegado patronal.

Além do relatório de Jenks, a conferência examinará diversas questões, designadamente o programa mundial do emprego e a protecção dos representantes dos trabalhadores na empresa e as facilidades de que devem gozar.

Será também apresentado um relatório especial acerca da política de «apartheid» adoptada pela África do Sul.

CANHONEIRA NORTE-COREANA AFUNDADA POR AVIÕES

SEUL, 1 — (F. P.) — Durante uma operação conjunta, a Marinha e a Aviação sul-coreanas afundaram hoje, de manhã, uma canhoneira de 70 toneladas, com 17 homens a bordo, perto da ilha de Huksando, ao largo da extremidade sudoeste da península coreana.

O comunicado difundido sobre o caso pelo quartel-general dos serviços sul-coreanos de luta contra a infiltração informa que morreram todos os norte-coreanos que se encontravam a bordo da canhoneira. O comunicado acrescenta que um avião C-46, sul-coreano, com uma tripulação de sete homens, foi dado como desaparecido depois do combate. Receia-se que tenha sido atingido pela DCA do barco comunista. Apesar de atingido pelo fogo inimigo, outro avião sul-coreano pôde voltar á base.

A canhoneira norte-coreana foi descoberta por um barco-patrulha sul-coreano, perto da ilha Heju Do, quando, aparentemente, tentava desembarcar espiões. A aviação de caça foi imediatamente alertada. Após três horas de perseguição e de violenta batalha, os caças sul-coreanos conseguiram atingir directamente a casa das máquinas. A canhoneira envolta em chamas de 25 metros de altura, foi rápidamente a pique — acrescenta o comunicado

Há 16 dias, ocorreu um incidente semelhante ao largo da costa oriental da Coreia.

Atentados em Phnom Penh

PNHOM PENH, 1 — (A. N. I. e R.) — Duas explosões provocadas por terroristas do centro de Phnom Penh danificaram, esta madrugada, duas residências americanas e feriram um militar.

As explosões registaram-se com poucos minutos de intervalo a 500 metros uma da outra. Na primeira, ficou ferido um elemento da missão militar americana que se ocupa de fornecimento de material de guerra. Outros três americanos que vivem na mesma casa escaparam ilesos.

A segunda explosão partiu todas as vidraças de uma casa onde vivem cinco guardas militares da Embaixada americana.

Fontes oficiais disseram que ambas as explosões foram causadas por cargas de plástico.

Planfletos encontrados no local da primeira explosão, pedem aos cambojanos que «esmaguem os agressores imperialistas norte-americanos e os seus auxiliares».

Três cambojanos foram presos no local da primeira explosão, perto das Embaixadas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

CIDADE RETOMADA PELO VIETCONG

SAIGÃO, 1 — (F. P.) — As forças comunistas teriam retomado a cidade cambojana de Snul, perto da fronteira sul-vietnamita, soube-se hoje de fonte militar.

Esta mesma fonte confirmou que as forças sul-vietnamitas «já não ocupam» a cidade, que já mudou duas vezes de mãos durante combates muito violentos, a semana passada.

Não pôde ser obtida qualquer confirmação oficial quanto à reocupação desta cidade pelos «vietcongs» ou norte-vietnamitas, a qual fora quase totalmente destruída por blindados e pela aviação dos americanos e sul-vietnamitas há mais de um ano

A mesma fonte afirma que Snul não possui interesse estratégico.

Ceausescu em Pequim

HONG-KONG, 1 — (F. P.) — Nicolae Ceausescu, chefe do Estado e do Partido Comunista Romeno, chegou hoje a Pequim.

A visita que o chefe do Estado romeno efectua á China Popular foi descrita como «acontecimento histórico» por Rádio Pequim.

Greve nos EUA

NOVA YORK, 1 — (R.) — Entraram hoje em greve em todos os Estados Unidos cerca de 20 000 funcionários da companhia Western Union Telegraph depois de não terem conseguido chegar a acordo sobre novos contratos de trabalho. O contrato em vigor, válido por três anos acabava hoje à meia-noite.

A companhia fechou todas as agências, dando-lhes instruções para que não aceitassem telegramas.

VENDA DOS NAVIOS

«CARVALHO ARAÚJO»

«SETE CIDADES»

«LAGOA»

«CEDROS»

Recebem-se propostas até às **15 horas** do dia **30 de Junho** próximo, reservando-se o direito de não objudicar a venda.

★

Para informações queiram-se dirigir aos Serviços de Exploração da

Empresa Insulana de Navegação, SARL

Telef. 37 03 41

Marsans

VIAGENS DE AUTOCARRO E AVIÃO

PARTIDAS DE LISBOA

LOURDES — ANDORRA — MADRID
9 dias 3.900$00
LOURDES — ANDORRA — PARIS — MADRID
15 dias 5.500$00
BENELUX — VALE DO RENO — SUIÇA — ANDORRA
21 dias 9 750$00
SUIÇA — AUSTRIA — ITÁLIA
24 dias 10.950$00
ITÁLIA — GRÉCIA
19 dias 14.850$00
ISTAMBUL E BALCÃS
22 dias 13.950$00
ESCANDINAVIA — RÚSSIA — POLÓNIA 15.285$00

— VIAGENS DE FÉRIAS
— CRUZEIROS
— VIAGENS IT
— APARTAMENTOS
— BILHETES
— PASSAPORTES

PEÇA CATALOGOS

INFORMAÇÕES E RESERVAS
AV. DA LIBERDADE, 72-A
TELS. 35505-323142-370000

Marsans

Através de mais uma época de concursos — que se aproxima do seu termo — o Totobola continuou e desenvolveu o seu inestimável apoio aos valores de interesse nacional a que se vota: a assistência aos diminuídos físicos e o fomento do desporto.

1x2 totoBOLA

O próximo concurso

TRÊS COMPETIÇÕES EM FASE DECISIVA

Dois jogos da Taça de Portuga., outros tantos das meias-finais do Nacional da 3.ª divisão e nove da Taça Ribeiro dos Reis constituem o «programa» deste 39.º concurso da temporada totobolística.

Um relance sobre esses treze jogos:

TAÇA DE PORTUGAL

1. Sporting - Belenenses — Natural favoritismo do Sporting que, para além da sua reconhecida superioridade, joga no seu campo. No passado domingo, no Restelo, empate por 2-2. Se não houver «1» ...há surpresa.

2. Setúbal-Porto — Já vencedor no Estádio das Antas (1-0), os setubalenses têm, agora no seu campo, compreensível favoritismo.

3.ª DIVISÃO

3. Gil Vicente - Alba — Reencontram-se agora em Barcelos, terreno do Gil Vicente, depois do empate de anteontem (1-1) no campo do Alba.

4. Nazarenos-C. Piedade — No jogo da 1.ª «mão» (anteontem, na Cova da Piedade) os visitados ganharam (por 1-0. Cabe-lhes agora serem visitantes e não será surpresa se a vantagem pertencer agora ao grupo da Nazaré.

TAÇA RIBEIRO DOS REIS

5. Riopele-Braga — Jogo da 1.ª série onde estas duas equipas estão empatadas no comando com 6 pontos. O Riopele ainda não perdeu (2 v. e 2 emp.) e o Sp. de Braga conta 3 vit. e 1 derrota.

6. Boavista-Penafiel — Estão também juntos — mas na cauda da classificação da 2.ª série, com 3 pontos. O Boavista tem 1 vit., 1 emp. e 2 derrotas, enquanto o Penafiel ainda não ganhou: 3 emp. e 1 derrota.

7. Beira-Mar-U. de Coimbra — Mais duas equipas igualadas em pontos (6) que partilham o 1.º lugar da 3.ª série, com relevo para o U. de Coimbra que só tem 3 jogos — todos com vitórias. Os aveirenses, em 4 jogos, ganharam dois e tiveram dois empates.

8. Lamas-Gouveia — Outro jogo da 3.ª série, mas este a envolver precisamente os dois últimos. Pode ser que o Lamas consiga a sua primeira vitória, já que joga no seu campo.

9. Marinhense-U. Tomar — Cada uma destas equipas disputou 3 jogos — e alcançou 3 vitórias Comandam, com 6 pontos, a classificação da 4.ª série, muito distanciados dos outros concorrentes.

10. T. Novas-U. Leiria — Pertencem também à 4.ª série, onde o T. Novas conta por derrotas os jogos disputados (3) e ainda não marcou um único golo e os leirienses só ganharam uma vez, sofrendo duas derrotas.

11. Peniche - Atlético — Iguais, com 5 pontos, na 5.ª série. Os mesmos resultados, até agora: 2 vit., 1 emp. e 1 derrota

12. Torriense - Oriental — São os dois últimos — sem qualquer vitória — na 5.ª série. Os pontos que possuem foram conseguidos com empates, 2 o Oriental, 1 o Torriense.

13. Benfica (R.)-Sintrense Grande favoritismo para os «encarnados» pois a sua «reserva» é muito forte e joga na Luz. O Benfica comanda a classificação da 5.ª série, com 3 vit. e 1 emp. e o Sintrense está no 4.º lugar (2 vit. e 2 derrotas).

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

De Coimbra chega-nos, através do Sr. J. Casimiro, o pedido de um sistema «condicionado ao 12», com quatro *triplas* e sete *duplas*

Este sistema garante a obtenção de 12 RESULTADOS CERTOS se não houver qualquer falha nos fixos e nas duplas. A percentagem para o treze é de 11, 11.

O desdobramento e feito em 9 boletins de 128 apostas e o seu preço é de 2304$00.

TRIPLA	1	X	2	1	X	2	1	X	2
TRIPLA	1	X	2	X	2	1	2	1	X
TRIPLA	1	X	2	2	1	X	X	2	1
TRIPLA	1	1	1	X	X	X	2	2	2
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X

As duplas apresentam-se todas para 1-X e poderão ser alteradas para 1-2 ou X-2, sem que a estrutura do sistema se altere.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos Concursos n.º 39 das nove épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

61-62	-22	111	12x	1112
62-63	1xx	1x2	121	222x
63-64	121	1x1	12x	2111
64-65	22x	121	11x	x112
65-66	111	21x	212	22xx
66-67	1x2	x12	xx2	22x1
67-68	12x	1x2	xx1	x211
68-69	121	111	112	1x2x
69-70	121	111	12x	11x1

a) Nas épocas 61-62 e 66-67 não houve totalistas. Note-se que no concurso da época 61 62 apenas contaram 12 jogos e apesar disso não houve quem fosse além de 11 acertos;

b) O jogo n.º 1 tem grande tendência para a saída de símbolos «1» e nunca nele aparece nenhum «X».

O CONCURSO DO DIA 13

São os seguintes os treze jogos (todos da Taça Ribeiro dos Reis) escolhidos para o concurso do próximo dia 13:

1. Famalicão-Vizela
2. Varzim-Braga
3. Guimarães-Riopele
4. Espinho-Penafiel
5. U. Coimbra-Gouveia
6. Lamas-Sanjoanese
7. Académica-Beira-Mar
8. U. Tomar-Tramagal
9. Marinhense-T. Novas
10. Atlético-Oriental
11. Torriense-Sintrense
12. Peniche-Benfica (R.)
13. C. U. F.-Barreirense

rega por aspersão "BAUER"

rega em todo o terreno... rega todas as culturas.

Ao Serviço Informativo ENG-GUSTAVO CUDELL
Apartado 248 - Porto
Queiram enviar-me literatura sobre:
- Rega de humidificação;
- Rega com chorume;
- Equip. p/estabulações;
- Viaturas cisternas;
- Bombas para tractor.

Temos muitas centenas de instalações "BAUER" em todo Portugal!... ...adquira V. Ex.ª também UMA.

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO REGA

ENG.º GUSTAVO CUDELL

● DIVISÃO O+P ● DIV. REGA ● DIV. MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●

PORTO - Rua do Bolhão, 157 Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723

LISBOA 1 - Rua Passos Manuel, 69-A Telef. 539127 (4 linhas) - Telex 1439

UNIÃO DAS COOPERATIVAS DOS PRODUTORES DE LEITE DE ENTRE DOURO E MINHO

COMUNICADO

A propósito de artigos, alta e injustamente, ofensivos da honra e consideração devidas à UNIAO DAS COOPERATIVAS DOS PRODUTORES DE LEITE DE ENTRE DOURO E MINHO, seus dirigentes e colaboradores, que publicou e por que se acha já criminalmente demandado, o semanário «Actualidades» presta, no seu n.º 401, o seguinte, embora inaceitável, esclarecimento:

«Foram publicados nos números 376 e 378 de 14 e 28 de Novembro de 1970, «os artigos sob estes títulos, neste jornal. Nos termos e para os efeitos do «parágrafo 1.º do artigo 19.º do decreto 12 008, o director deste jornal «declara que não teve conhecimento dos referidos artigos antes da sua «publicação e que não lhes daria publicidade, se os tivesse conhecido.»

Vila do Conde, 19 de Maio de 1971

O PRESIDENTE DA DIRECÇAO DA UNIAO DAS COOPERATIVAS DOS PRODUTORES DE LEITE DE ENTRE DOURO E MINHO
José Antunes de Azevedo

TRÊS HORAS NO TEJO

A C. P., concretizando uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa organiza aos domingos, desde 30 de Maio até 29 de Agosto, passeios no Tejo, numa das suas modernas embarcações

PREÇO POR PASSAGEIRO ..... 12$00

HORÁRIO

Embarque na estação de Terreiro do Paço ..... *15 h.*

Desembarque na mesma estação ..... *18 h.*

Tribunal da Comarca de Lisboa

3.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 8.º Juízo Cível de Lisboa e nos autos de Acção Especial para declaração judicial de morte presumida em que é Requerente Cidália de Sousa Azevedo Ramos Pereira, casada, apanhadeira de malhas, residente na Avenida João Crisóstomo n.º 59-1.º, em Lisboa, correm éditos de 6 meses, a contar da publicação deste anúncio, citando José Vicente Gomes Pereira, casado, cujo último domicílio conhecido foi na Rua José Estevão, n.º 7, cave, em Lisboa, para no prazo de 20 dias, findo o dos éditos, contestar, a referida acção e ainda o pedido de assistência judiciária, sob pena de ser declarada a morte presumida no citando, pelos fundamentos da petição inicial, cujo duplicado está á sua disposição na Secretaria deste Juízo

Lisboa, 19 de Maio de 1971.

O JUIZ DE DIREITO,
a) **António Garcia da Fonseca**

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) **José Roque**

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Decorreu com grande interesse o Concurso de Conforto e Elegância Automóvel do Estoril

Nesta Primavera chuvosa, abriu-se um domingo de excepção para encher de sol o Estoril enquanto ali decorreu, durante o dia de ontem, o já tradicional Concurso de Elegancia e Conforto Automóvel. Devidamente enraizado nuns sectores relacionados com o nosso meio automobilístico, esta iniciativa da Sociedade Estoril-Sol teve, á semelhança do que tem acontecido em anos anteriores, o patrocínio do Automóvel Clube de Portugal e a colaboração do Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul.

Este ano, o concurso registou sessenta e cinco inscrições. Foi este, portanto, o numero de automóveis que, logo de manhã, foram pormenorizadamente examinados por um juri constituído pelos srs. eng.º António Gervásio Leite, dr. Augusto Filipe Martins, eng.º Mário Rodrigues, José Luís Ahrens Novais e dr. José Maria Paiva Raposo, pelo A. C. P., eng.º António Palmeirim, pelo Grémio referido, e dr. Manuel Teles, na sua qualidade de presidente do conselho de administração da Estoril-Sol. Durante toda a manhã e princípio da tarde, perante a curiosidade de um publico numeroso que acorreu a presenciar o invulgar espectáculo, os componentes do juri apreciaram os automóveis concorrentes, tendo em linha de conta a sua elegancia de linhas, harmonia de cores, acessibilidade, comodidade, visibilidade a partir do interior, acabamentos, apresentação e aspecto funcional. Foi em função destes requisitos que se estabeleceu a classificação final que foi a seguinte:

CATEGORIA I

Automóveis de turismo de duas portas

PRÉMIO DE HONRA — Audi 100 LS, Auto-Portuguesa, Lda.

Classe 1 — (até 850 cms. 3) — 1.º, Subaru R2, Soc. Geral de Importação, Lda.

Classe 2 — (850 a 1300 cms. 3) — 1.º, MG 1300, A. M. Almeida, Lda.; 2.º — Vauxha. Viva SL 90, Auto-Industrial, S. A. R. L.; 3.º, Datsun 1200 Coupé, Entreposto Comercial de Automóveis, S.A.R.L.

Classe 3 — (1300 a 2000 cms. 3) — 1.º, Audi 100 LS, Auto-Portuguesa, Lda.; 2.º, Opel Manta Sorel, S.A.R.L.; 3.º, Opel Manta, Licar S. A. R. L.

CATEGORIA II

Automóveis de turismo de quatro portas

PRÉMIO DE HONRA — Jaguar X J6-4.2, Stampor, S. A. R. L.

Classe 6 — (1000 a 1300 cms 3) — 1.º, Triumph 1300 TC, Stampor, S.A.R.L.; 2.º, Citroen GS Automóveis Citroen, S.A.R.L.; 3.º, Wolseley 1300, A. M. Almeida, Lda.; 4.º Morris 1300 GT, A. M. Almeida, Lda.; 5.º, Peugeot 204, Maria Teresa de Assunção Ferreira da Cruz.

Classe 7 — (1300 a 2000 cms. 3) — 1.º, Triumph 2.000 MK2, Stampor, S. A. R. L.; 2.º, Aud. 100 LS, Auto-Portuguesa, Lda.; 3.º Saab 99, Cimpomóvel, S. A. R. L.; 4.º, Opel 1604S, Sorel, S. A. R. L.; 5.º, Renault R16-TS, UTIC.

Classe 8 — (2000 a 3500 cms. 3) — 1.º, Mercedes 300 SEL-3.5 C Santos, S. A. R. L.; 2.º, Mercedes 280 SE, C. Santos, S. A. R. L.

Classe 9 — (acima de 3500 cms. 3) — 1.º, Jaguar XJ6-4.2, Stampor, S. A. R. L.; 2.º, Mercedes 300 SEL-6.3, C. Santos, S. A. R. L.

CATEGORIA III

Automóveis de grande turismo e «sport» e automóveis transformáveis de todos os grupos

PRÉMIO DE HONRA — Citroen SM, Automóveis Citroen, S. A. R. L.

Classe 10 — (até 2000 cms. 3) — 1.º, Audi 100 «Coupé», Auto-Portuguesa, Lda.; 2.º, Opel GT 1900, Licad, S. A. R. L.

Classe 11 — (acima de 2000 cms. 3) — 1.º, Citroen SM, Automóveis Citroen, S. A. R. L.; 2.º Jaguar E, Stampor, S. A. R. L.

Classe 12 — (Transformáveis até 1600 cms. 3) — 1.º, Triumph Spitfire MK3, Stampor, S. A. R. L.; 2.º, Triumph Herald conv., Stampor, S. A. R. L.

Classe 13 — (Transformáveis acima de 1600 cms. 3) — 1.º, Triumph Stag, Stampor, S. A. R. L.; 2.º, Triumph TR6, Stampor, S. A. R. L.

CATEGORIA IV

Viaturas mistas

PRÉMIO DE HONRA — Triumph 2000ST, Stampor, S. A. R. L.

Classe 14 — (até 1600 cms. 3) — 1.º «ex aequos» — Opel 1604S-Voyage, Sorel, S. A. R. L.; Opel 1604S-Voyage, Licar, S. A. R. L.; 3.º, Vauxhall Victor 1600ST, Auto-Industrial, S. A. R. L.; 4.º Morris 1300 Traveller, A. M. Almeida, Lda.; 5.º, Renault R6-TL, UTIC.

Classe 15 — (acima de 1600 cms. 3) — 1.º, Triumph 2000 ST, Stampor, S. A. R. L.; 2.º Datsun Wagon-Six, Entreposto Comercial de Automóveis, S. A. R. L.; 3.º, Vauxhall Victor 2000 ST, Auto-Industrial S. A. R. L.

PRÉMIO DO JÚRI para o automóvel montado em Portugal com maior pontuação

Mercedes 280 SE, C. Santos, S. A. R. L.

PRÉMIO para a marca com maior representação no concurso: Triumph, Stampor, S. A. R. L.

Ao fim da tarde, com o publico consideràvelmente aumentado, os automóveis concorrentes desfilaram por uma «passerelle» montada, para o efeito, no parque privativo do Casino. Este desfile foi valorizado com a presença de elegantes manequins que exibiram os ultimos modelos de alta costura. Neste aspecto do certame, colaboraram a Boutique Ayer, Laura Sobral (chapéus), «A Mariazinha» (sapatos) e o Instituto Harriet Hubbard Ayer (penteados e maquilhagem). À medida que os carros iam sendo apresentados, o juri procedia á entrega dos prémios, constituídos por 40 taças «Estoril-Sol», três do Grémio dos Importadores de Automóveis, uma do A. C. P., uma da «SohWeppes» e outra da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Os premios de honra foram entregues á noite, após o jantar que foi servido no Salão Restaurante do Casino e no qual se reuniram quase todos os participantes neste certame.

Elegância, conforto... e beleza

Ontem no Aeroporto da Portela, registou-se assinalável movimento de futebolistas — com a partida para Lille da equipa do Vitória de Setúbal (que lá vai realizar dois encontros, hoje e depois de amanhã) e a chegada da selecção portuguesa de juniores (que trouxe da Checoslováquia o título de vice-campeã da Europa). Na gravura, os nossos juniores momentos após o desembarque.

PEYROTEO NO GIRONDINOS DE LISBOA

O Clube Girondinos de Lisboa, á Rua Barão de Sabrosa, empenhado na realização duma série de colóquios sobre temas desportivos, recebe amanhã, pelas 22 e 30, a visita do antigo «internacional» do Sporting, Fernando Peyroteo. Futebol é naturalmente o tema da palestra-conversa que terá, em Peyroteo, o seu ponto de apoio.

Agostinho volta às estradas de França, desta feita para tomar parte na «clássica» Midi Libre que vai disputar-se de 3 a 6 deste mês. Apontado como um dos favoritos, Joaquim Agostinho prepara-se para mais uma vez corresponder a expectativa que a sua presença sempre provoca nas grandes provas internacionais. Entretanto, o superfavorito chama-se Merckx...

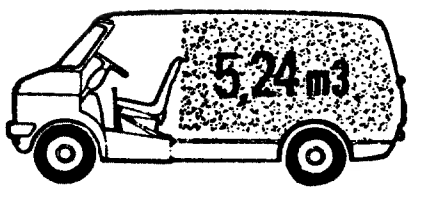
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

FURGÕES BEDFORD CF

- cargas úteis até 1270 kg.
- modelos a gasolina e a gasóleo
- travões assistidos por servo-freio
- distância do solo ao estrado de carga 54 cm.

consulte a

SOREL



Rua Tomás Ribeiro, 97-A
Rua Filipe Folque, 12 — Telef. ppca 56 34 41
Rua D. Luiz I, 28 — Telef. 66 27 55 — LISBOA

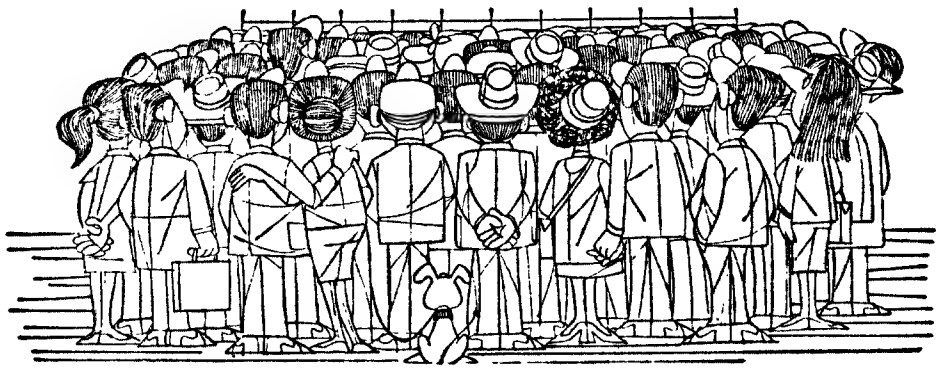
POIS... POIS!
J. PIMENTA
S.A.R.L.

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS
DESDE 140 CONTOS

na Amadora, Paço de Arcos e Cascais
com esplêndida vista de mar

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

compre também propriedades e o seu capital valorizar-se-á ao mesmo tempo que lhe proporciona um óptimo rendimento



Consulte: J. PIMENTA, SARL

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 45843/47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
PAÇO DE ARCOS: B.º Com. Joaquim Matias — Telef. 2433511
REBOLEIRA — AMADORA — edifício OEIRAS — Telef. 93670
CASCAIS — Conj. Turístico da Pampilheira — Telef. 283988
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 590, 3.º Dt.º
COIMBRA: Aven. Fernão de Magalhães, 470, 1.º Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela R. da Figueira) Telef. 1004
LUANDA: Henrique L. Castendo, Apartado 1224

Bolsa de Lisboa

	Vdas	Compra	Venda
Consol dupl 3 3/4%	479$	—	479$
Consol dupl 4%	480$	—	480$
Consol dupl 4 1/2%	596$	—	596$
Defesa 4%	—	—	1.400$
Port Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externa 1933	—	590$	600$
Externa 1935	607$	607$	610$
Externa $ 1936	—	700$	750$
Externa $ 1937	—	—	—
Caminhos F	—	150$	175$
OBRIGAÇÕES			
Agua Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 36	—	—	—
A P I 5% 38	—	—	830$
C P 4 1/2% 45	—	—	820$
C P 4 1/2% 47	930$	925$	935$
C P 5%	—	—	—
C P 5% 55	—	930$	—
Sec Electr 4% 48	—	—	—
Sec Electr 4 1/2% 51	—	850$	—
Sec Electr 5% 52	—	—	—
Sec Electr 5% 53	—	—	—
Sec Electr 5% 54	—	950$	—
Sec Electr 5% 55	—	950$	—
Sec Electr 5% 56	—	—	—
Sec Electr 5% 57	—	—	—
T L A Alentejo 5%	—	—	810$
T L Douro 5%	—	710$	780$
T L Douro 5%	965$	960$	970$
T L Douro 5%	—	770$	—
T L Norte Port 5%	—	955$	970$
T L S Estreito 5%	935$	930$	940$
T L Zêzere 5% 55	—	770$	—
T L Zêzere 5% 57	—	770$	—
Unidade 5%	—	950$	—
Metropol Fom 4%	—	890$	900$
Metropol Fom 3 3/4%	—	935$	—
Vidraria 5%	—	600$	660$
Nac Electr 5%	770$	765$	775$
Vidraros 5%	—	—	750$
Vidraros 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	850$	—
Port Celu 5%	—	—	—
Tabaco 5% 54	—	—	—
Tabaco 5% 60	—	—	—
Tabaco 5%	—	830$	835$
Tabaco 5% 62	—	725$	—
Tabaco 5% 63	—	720$	—
Tabaco 5% 64	—	720$	—
Sonefe 5%	—	—	—
I A P 5%	—	770$	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
C U P 3 3/4%	—	—	—
C U P 4%	—	—	—
C U P 4 1/2%	—	—	—
C U P 5%	73$	725$	—
C U P 5% 60	—	—	—
C U P 5% 63	—	—	—

	Vdas	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	195$	210$
Borel	—	—	—
Cuz	—	—	—
Cabinda	—	68$	70$
Comunitas Angola	—	—	202$
T L Revue	2 50$	2 50$	2 60$
Nac de Príncipe	610$	610$	620$
Vidracamara	—	—	—
Vonete A	98$	96$	98$
Vonete B	—	—	425$
Zambeze	430$	428$	435$
Diversas			
Radio	—	6 750$	—
Sem Telef	—	4 500$	4 650$
Sc Navegação	—	—	—
Sul	—	1 505$	1 540$
Ind Alentejo	—	1 350$	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	3.850$	4 000$
Port e Colónias	1.250$	1.210$	1.280$
Port Celulose	—	—	1 000$
Port Pesca	3 910$	3 900$	3 920$
Port Tabacos	—	1 200$	1 240$
Vidraca	600$	599$	60 $
Seguranca Nac	—	3 800$	3 830$
Vidraria	—	—	2 400$
Tabacos de Portugal	3 280$	3.270$	3.290$
Tabacaria	—	480$	500$
T L Azore	6.150$	6 30$	6 80$
	—	640$	—
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa A	—	—	—
Aguas Lisboa 34	—	390$	—
Aguas Lisboa 36	—	400$	—
Electricidade	—	390$	—
Electricidade A	1. 84$	1.184$	185$
Electricidade 969	—	1.175$	185$
Electr de Ca	177$	176$5	177$
Sec Electr	—	226$	230$
T L Alto Alentejo	—	—	—
T L Norte Portugal	—	—	—
T L S Estreito	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	200$	199$	200$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlantico	—	203$9	210$
C I D E S	—	28$	3 $8

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro 52-56 — LISBOA — Tel 366066 7
Telex ALMEIRO — Telex 47 ALAP P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.345$	2.340$	2.350$
Alentejo	1.145$	1.145$	1. 5u$
Angola	—	4.100$	4.350$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	7.050$	7.000$	7.050$
Fomento	6.550$	6.530$	6 550$
Fomento A	—	—	—
Fomento B	—	26 900$	27 500$
Fomento	2.820$	2 820$	2.850$
Inv Açores B	—	—	—
Inv Açores A	—	—	—
Inv Atlantico B	6 430$	6.470$	6.500$
Portugal A	3 570$	3 560$	3.580$
Portugal B	—	4. 50$	4 200$
Totta Aliança	6 950$	6.940$	6 960$
Ultramarino A	4 260$	4.260$	4.350$
Ultramarino B	4 560$	4 560$	4.580$
Seguros			
Alentejo	143$	42$5	143$5
Douro	—	2.450$	—
Mundial	1.015$	.0 0$	1.020$
Sagres	—	2.900$	—
Tranquilidade	—	70.000$	88.000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açucar de Angola	—	—	—
Ag Lasceuve	760$	758$	761$
Ag Incomati	—	—	1.900$
Ag Neves	—	—	390$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	25/5/71	31/5/71	1/6/71
GERAL	154,8	154,3	153,7
METROPOL.	151,8	150,1	149,4
ULTRAM	177,2	185,1	184,9

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$90	8$25
America		
— Dollars de 1 a 5	27$80	28$30
— de 5 a 20	28$ 0	28$60
— de 20 a 1 000	28$20	28$70
Argentina — Peso Novo	4$50	6$00
Austria — Schilling	$ 4	$ 9
Belgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$30	5$60
Canadá — Dolar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$65	3$95
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$90	8$25
Inglaterra — Libra	68$00	10$00
Itália — Lira	$044	$047
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$90	7$15
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro Fino — Barra	37$50	39$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Papeis de credito
Notas estrangeiras
Tel 231278

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS — DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«AMBOIM» a sair em 4 de Junho — Directo para: LOBITO, LUANDA e CABINDA. (Carrega até 2 de Junho).

«PORTO» a sair em 9 de Junho — Com escala prévia por LEIXÕES para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário) Carrega até 7 de Junho

«PATRIA» a sair em 14 de Junho às 12 horas — Com escala prévia por LEIXÕES, para FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA

«GANDA» a sair em 18 de Junho — Com escala por LEIXÕES para: PRINCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega até 16 de Junho

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 7 de Junho e 10 de Julho às 18 horas — Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telf 2 33 42

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDENCIA

COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES DO EXÉRCITO

CONCURSO PÚBLICO

Faz-se público que na Comissão do Plano de Aquisições do Exercito, na Avenida de Berna, n.º 9-5.º, em Lisboa, se encontra aberto o seguinte Concurso Público:

Designação do Concurso	Aquisição de:	Caução provisória	Data e hora de abertura das propostas	
			Data	Hora
34/PAE/70	CONTENTORES	3% s/ o valor da proposta	25 Junho 71	16 horas

O respectivo Caderno de Encargos pode ser consultado todos os dias úteis, excepto aos sábados, das 15 às 18 horas.

As propostas devem ser entregues até às 17 horas do dia anterior ao indicado para a abertura das mesmas.

O PRESIDENTE DA COMPAE
José R. Palma Vaz
Coronel do SAM

CARTAZ DOS CINEMAS *

* SÃO JORGE

(Adultos) Tel. 54153
As 15.15 18.15. 21.30 h.
3.ª SEMANA
Para o mais importante filme do ano!
PAIXÃO
de Ingmar Bergman

* VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Um filme onde a crítica, a análise o quotidiano e a malandrice andam à solta... e de que maneira!
UM MARIDO INFIEL
Atrevida comedia colorida com Jean Yanne e Françoise Fabian
(Junto à Av. de Roma)

* EUROPA

(M. 12 anos) T. 661016
As 15.15 e 21.30 h.
Seja testemunha de um caso empolgante e estranho!
Georges Bennedf, Anne Jackson, Eli Wallach
FALSA TESTEMUNHA
Metrocolor Panavision

* EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15. 18.30 e 21.30
Multidões que ocorreis aos estádios: vinde conheccer o maior fenómeno do desporto rei!
ALBERTO SORDI e
O PRESIDENTE DO GLORIOSO FUTEBOL CLUBE
Colorido

* ESTUDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095
3 SESSÕES DIARIAS
As 15.30 18.30 e 21.45
Para o maravilhoso e triunfante filme de Truffaut
O MENINO SELVAGEM
O melhor filme estrangeiro apresentado nos E. U. em 1970
3.ª SEMANA DE ÊXITO

* CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
20 000 DÓLARES POR UM GRINGO
O MAIS FELIZ MILIONÁRIO

* POLITEAMA

(Adultos) Tel. 426305
As 15.15 e 18.15 e 21.30
HOJE E AMANHÃ: ÚLTIMAS de «suspense»... mistério... crime e indomável desejo...
ANTES DO CREPÚSCULO
com Pamela Franklin, Michele Dotrice e Sandor Ellès
(Technicolor)

* ODEON

(M. 12 anos) Tel 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM SENSACIONAL ÊXITO
ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA
com Libertad Lamarque, Eusébia Cosme e Roberta
(Eastmancolor)
ATENÇÃO — Em todas as sessões serão oferecidas rosas às senhoras, por gentileza de «Gunnar Granström» — Óbidos

* ROMA

(Adultos) Tel. 78778
As 15.30 e 21.45
A maior criação de Marcello Mastroiani
O BELO ANTÓNIO
1.º Prémio do XIII Festival de Locarno
Claudia Cardinali e Pierre Brasseur
ASSOMBROSOS

* AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
A divertida comédia, com os impagáveis Ove Sprogoe e Marten Grunwald
CHEGA-LHE AGORA!
Humor louco e hilariante!
Eastmancolor

* IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45923
Às 21 horas
ZINGARA, CANÇÃO CIGANA
O VINGADOR ATIRA À ESQUERDA

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
CIDADE VIOLENTA
com Charles Bronson

* MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
HOJE — ESTREIA — Às 21.30
Aventura! Acção! Espectáculo!
O TESOURO DE «EL CONDOR»
com Jim Brown, Lee Van Cleef, Marina Hill e Patrick O'Neal
No «écran»-gigante de 70 mm

* SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562632
As 15.30, 18.30 e 21.45
14.ª SEMANA
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

* BERNA

(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
Candice Bergen e Peter Strauss, no empolgante e inesquecível filme de Ralph Welson, rodado nas pradarias do México
SOLDADO AZUL
(TRÁGICA VITÓRIA)
Em Panavision e Technicolor
(À Av. Marquês de Tomar)

* CONDES

(Adultos) Tel 322523 326710
As 14.15 18 e 21.45
15.ª SEMANA
Um filme de David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum, Trevor Howard, John Mills e Sarah Miles

* ROYAL

(Adultos) Tel. 865037
Às 21 horas
O TEMPO DOS LOBOS
A PÉ ATÉ PARIS

* CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 261621
As 17 e 21.30
CROMWELL
com Alec Guiness, Richard Harris Robert Morley

* LUMIAR

(Adultos) Às 21 horas
MAPERLING
VIDA SOLITÁRIA

* IMPÉRIO

(Adultos) Tels 555134/5
2.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30
Um filme de Claude Sautet
O ESTRANHO CASO DO INSPECTOR MAX
(Max et les ferrailleur)
com Romy Schneider, Michel Piccoli e François Perier
Eastmancolor

* ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
2.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
Finalmente uma das mais famosas obras de Jean Luc Godard
ALPHAVILLE
com Anna Karina, Eddie Constantine e Akim Tamirof

* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Uma das melhores comédias do ano!
LUA DE MEL COM URTIGAS
com Gig Young, Bonnie Bedelia e Michael Brandon

* SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
4.ª SEMANA
As 15.15. 18.15 e 21.30
Dois jovens lutando contra as exigências de uma sociedade: Michael Sarrazin e Barbara Hershey em
EM BUSCA DA FELICIDADE
(The Pursuit of Happiness)
Colorido
Um filme de Robert Mulligan

* ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
Multidões que acorreis aos estádios vinde conhecer o fenómeno do desporto-rei!
ALBERTO SORDI e
O PRESIDENTE DO GLORIOSO FUTEBOL CLUBE
Colorido

* LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
DOMICÍLIO CONJUGAL
PERSEGUIÇÃO A SANGUE-FRIO

* MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
2.ª SEMANA
As 15.15 18.30 e 21.45
O MALANDRO DA BATA BRANCA
com Alberto Sordi e Evelyn Stewart

APOLO 70

CINEMA ESTÚDIO
Rua Júlio Dinis
(M. 12 anos) Tel. 763319
Às 14.30, 16.45 e 21.45
Uma obra-prima do cinema americano
O VALE DO FUGITIVO
com Robert Redford e Katharine Ross
(Scope-Technicolor)

Às 19 h. — (Adultos)
Filmes em Retrospectiva
CICLO MINNELLI
DUAS SEMANAS NOUTRA CIDADE

* LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um êxito extraordinário de Jean-Paul Belmond e de Jean Seberg
O ACOSSADO
Uma realização de Jean-Luc Godard

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Jogos de Sociedade» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e às 23 h.: «A Capital» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A Cozinha» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Tepepa» (17 anos)
JARDIM-CINEMA — Às 21: «O Criado» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Fishman contra o homem invisível»
ARCO IRIS — Às 21: «O rebelde aventureiro» (12 anos).
ENCARNAÇÃO—Às 21: «O grande industrial» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «No Reino do Bikini» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «A Internacional do crime» (12 anos).

● PORTO

TEATROS

RIVOLI — Às 21 e 45: Concerto (12 anos).
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Batalha Naval» (12 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Um belíssimo Novembro!» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Patton» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Desejo louco» (17 anos)
OLIMPIA —Às 21 e 30: «Os quatro magníficos» (12 anos).
BATALHA—Às 21 e 30: «O morto era outro!» (12 anos).
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Quem se mete com rapazes» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Joe procura um sítio para morrer!» e «007 contra Goldfinger» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Beija-me, idiota» (17 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «A noite do último dia» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Amores proibidos» (17 anos)
CINEMA DO TERÇO—Às 21 e 30: «Missão na China Vermelha» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE—Às 21 e 30: «Cada casa com o seu!» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Probabilidade zero» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Joselito show», filme e espectáculo (12 anos)
SOUSA BASTOS—Às 21 e 30: «002 operação bikini» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Jogo sujo» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Um belíssimo Novembro» e «A sombra da forca» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O morto gelado» e «Assalto em Los Angeles» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Cromwell» (12 anos); PALÁCIO — Às 21 e 30: «Um homem para Ivy» (17 anos); ESPLANADA — Às 21 e 30: «Dossier 202, destino morte» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Com jeito... vai campista» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Viagem para o Inferno» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINEMA — Às 21 e 15: «Jovanka e as outras» e «Os Sedutores» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE CHABY — Às 21 e 30: «3 Degraus para a morte» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Acaba com eles e volta só» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «A amante do perseguido» (17 anos)

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calçada da Ajuda 222 (tel 638256) * **Tapada**, Calçada da Tapada 83-A (tel 634721)

ALCÂNTARA — **Ester Nogueira**, Rua de Alcântara 5-A (tel 637563)

ALFAMA — **Cruz de Malta**, Largo Chafariz de Dentro, 36 (tel 886126)

ALTO DE S. JOÃO — **Balten**, Avenida Mouzinho de Albuquerque (à Praça Paiva Couceiro), 7-A (tel 843571)

ALVALADE —**Libia**, Av da Igreja, 4-B (t 71 681) * **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (tel 710621)

AMOREIRAS — **Amoreiras**, Praça das Águas Livres, 8-D (tel 68 5 5)

ANJOS — **Antolin**, Avenida Almirante Reis, 88-B (tel 44 173 * **Magalhães**, Avenida Almirante Reis, 4-D (tel 49479)

ARCO DO CEGO — **Providência**, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (tel 770324)

AREEIRO — **Marbel**, Av de Roma, 31-A (telefone 776235) * **Lusitânia**, Avenida de Roma, 8-A (tel 725443) * **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (te 77033) * **Celta**, R Moura Girão, 3-B (telefone 71062)

BAIRRO ALTO — **Gonçalves**, Rua da Rosa 76 (te 262687)

BAIRRO DA LIBERDADE — **Zenet**, Rua A, 82 (tel 65 840)

BAIXA — **Formosinho** Praça dos Restauradores, 18 (te 30927 * **Normal**, Rua da Prata, 220 (tels 32 342-325553)

BELÉM — **Botânica**, R da Junqueira, 38 (telefone 638 32)

BENFICA —**Macedo**, Estrada do Poço do Chão, 69-C (t 703697) * **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444-A (tel 782606) * **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (telefone 78084)

CAMPOLIDE — **Nova**, Rua de Campolide, 297-C (tel 687475) * **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (tel 683438)

CAMPO DE OURIQUE— **Findor**, Rua Maria Pia, 514 (tel 687949)

CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (te 553308)

CASTELO — **Santa Luzia**, Rua da Saudade 2-B (te 86983)

CONDE BARÃO —**Açoriano**, Largo do Conde Barão, 2 (tel 66 330)

ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas lote 66 (Bairro da Encarnação) (tel 3 0 72)

ESTEFÂNIA — **Délia**, Rua Açores, 32 (t 52388)

ESTRADA DA DAMAIA — **Progresso**, Estrada da Damaia, 64-C (t 702226)

ESTRELA — **Linalde**, R Ferreira Borges, 30 (telefone 660955) * **Neves**, R do Belo Vista, 35 (telefone 661251)

LUMIAR — **Patuleia**, R do Lumiar 122 (t 190332) * **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (t 991 3)

MADRE DE DEUS —**Madre de Deus**, Rua do Margem, 5-B (ao Bairro do Grilo) (tel 382470)

OLIVAIS — **Simão**, Rua Cidade de Cabinda, 6-A (junto à piscina) (telefone 3 058)

PEDROUÇOS — **Higilux**, Rua de Pedrouços, 50 (telefone 610280)

PENHA DE FRANÇA — **Europa**, Avenida General Roçadas, 21-A (t 843880) **Fonseca**, Rua Carvalho Araujo 46-B (tel 841708) * **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (telefone 844361) * **Zema**, Rua General Justiniano Padrel, 41 (à Calçada dos Barbadinhos) (tel 832580)

PICHELEIRA — **Marluz**, Calçada do Picheleira, 40-B (t 720703-728395)

SANTA MARTA — **Morais Sarmento**, R de Santa Marta, 5-A-B (telefone 46490)

S. BENTO — **Micael**, R de S. Bento, 380 (telefone 662 62)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Berna**, Avenida de Berna, 44-A (telefone 773568 * **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (telefones 41961-54672) * **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (tels 48966-553601)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Miraflores** — R. António Granjo, 2 (Tel 213161)

CAXIAS — **Nova** — R Bernardim Ribeiro ..A (Telef 242839)

PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R Costa Pinto, 86 (telf 2432034)

OEIRAS — **Godinho** — R Candido dos Reis, 98 (Telef 2430090)

PAREDE — **Alzir**, Bairro das Caixas de Previdência, bloco A (Tel 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL S. Pedro (Tel 2630521

ESTORIL — **Marques dos Santos** — R Ferreira, 1-A, 15 (Tel 2601 6)

CASCAIS — **Marginal** — Av Marginal (Tel 280078) * **A. Costa** — R Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Melo** — P D João I — Lote 46 — Bairro Janeiro (Telefone 932756) * **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210) * **Igreja** — P. da Igreja, 22 (Tel. 937740) * **Jardim** — Av Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira (tel. 938424).

DAMAIA — **D João V** — Av. Gorgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461).

QUELUZ — **Zeller**, Rua da Republica, 83 (Telefone 950045 * **Correia**, L do Mercado, 3 (Tel 950905)

CACÉM — **Garcia** — Av dos Missionários, 2 (Telef 2942 8)

MEM MARTINS — **Química**, Est Mem Martins 285 (Tel 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** — (Tel 980456).

SINTRA — **Misericórdia**, L. Dr Gregório de Almeida, 21 (Tel. 980391).

COLARES — **Colares** — Abreu (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS — **Portugal** — Av do Belo Rosa, 8 (Tel 224250)

ALMADA — **Galeno** — Rua Capitão Leitão, 85-B (Tel 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA— **Nova Fátima** — Estrada Nacional, 221-B (telefone 224141)

BARREIRO — **Soares** — Av da Republica, 1 (Tel. 2273023)

COVA DA PIEDADE — **Cerqueira Afonso**, P 5 de Outubro, 8 (T 270254)

MOITA — **União Moitense** — Av Dr Teófilo Braga (tel. 239025).

MONTIJO — **Giraldes**, R Almirante Reis, 45 (Tel 230008)

SESIMBRA — **Lopes**, R Candido dos Reis, 67 (Tel 229028)

SETÚBAL — **Bocagiana**— R. do Romeu (Tel 23425) * **Bairros** — B. Santos Nicolau (Tel 23330)

SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja, 51 (Telefone 221 85 80).

PORTO

Alírio de Barros, Rua Costa Cabral 240 (T 40593) * **Boavista** Rua da Boavista 60 (Tel 25443) * **Botelho**, Rua da Alegria, 863 (Tel 40069) * **Central**, Rua de Santo António 203 (Tel 2 684) * **Contumil**, Rua de Contumil 540 (Tel 45755) * **Coruleira** R. S. R. do Lameiro 473 (Tel 51928) * **Garantia**, Rua Fernandes Tomás 696 (T 24645) * **Lemos & Filhos, Lda.**, P Carlos Alberto, 31 (Telefone 2 309) * **Maia**, R do Campo Alegre, 192 (Telefone 64450) * **Peninsular**, R Chã, 100-02 (Tel 20707) * **Pinheiro Manso**, R S João de Brito 25-29 (Tel, 60692) * **Sá** Rua Vale Formoso 181 (Tel 40427 * **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel 48697) * **Foz**, Rua Senhora da Luz, 382-Foz (Tel 630127)

● COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michaelis (tel. 33120) * **Nazaré** — Rua Ferreira Borges (t 22605) * **Santa Isabel** — Avenida Sá da Bandeira (tel. 24916).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco e havia nevoeiro em alguns locais

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE —Máxima: Régua, 25°,5; mínima: Penhas da Saúde, 6°.5

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15°; Penhas Douradas, -3°; Coimbra 4°; Portalegre 6°. Lisboa, 16°; Faro, 21°; Funchal, 17°

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 15°,4; na atmosfera: 17°,5

PREVISAO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHA:

Períodos de céu muito nublado, principalmente nas regiões do Norte e Centro; vento fraco ou moderado do quadrante norte; possibilidade de períodos de chuva ou chuvisco fracos, nas regiões a norte do rio Tejo.

Amanhã
Nascer ás 6 e 13
Ocaso ás 20 e 55

Amanhã Dia 9 Dia 16 Dia 22

MARES:
PREIA-MAR: **Hoje** — 10 e 41 (3,1 m); 23 e 02 (3,3 m). **Dia 2** — 11 e 50 (3,1 m). **Dia 3** — 0 e 03 (3,3 m); 12 e 43 (3,2 m)
BAIXA-MAR: **Hoje** — 3 e 57 (1,7 m); 16 e 16 (1,9 m) **Dia 2** — 5 e 10 (1,7 m); 17 e 31 (1,8 m). **Dia 3** — 6 (1,7 m); 18 e 22 (1,7 m).

A FEIRA POPULAR REABRE AO FIM DA TARDE

Reabre ao fim da tarde, e ficará a funcionar até 30 de Setembro, a Feira Popular, simpática iniciativa do nosso prezado colega «O Século», a favor da sua Colónia Balnear Infantil.

Instalada, como nos anos anteriores, em Entrecampos, no vasto recinto que serviu para o Mercado Geral do Gado e passou, depois, a ser destinado à construção da Central de Camionagem, a Feira Popular de Lisboa entrou de há muito nos hábitos da cidade. E na verdade, o certame tudo reúne para atrair o lisboeta (e não só), que poucos recintos tem para se distrair.

A Feira Popular realizou-se pela primeira vez em 1943 e, desde logo, despertou o interesse da população, que ao longo dos anos lhe vem devotando o maior apreço

NASCIMENTO ACELERADO — Darren Ireland nasceu duas semanas antes do tempo previsto devido a um acidente que levou o carro em que seguia a mãe a embater numa parede. No hospital, a mãe deu á luz prematuramente por causa do estado de choque. Seis dias depois a pequena Darren ja podia ir para o colo da mãe. Lorraine Ireland, a mãe, chegou a pensar que ia perder a filha

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Ainda não foi identificado o corpo de Audie Murphy

ROANOKE (Virginia), 1 — (R.) — Os restos carbonizados de Audie Murphye, o heroi da segunda guerra que se tornou estrela de cinema, estão no hospital desta cidade, juntamente com os de mais cinco pessoas que morreram com ele num desastre de aviação, mas os corpos encontram-se tão queimados que, por enquanto, não foi possível identificá-los.

Os médicos tencionam proceder a autópsias e a várias análises e radiografias para tentarem apurar a quem pertence cada um dos corpos.

Murphy, acompanhado por quatro amigos e pelo piloto, tinha partido na sexta-feira, de Atlanta, num avião bimotor ligeiro para uma viagem de negócios. Os destroços do aparelho só ontem foram encontrados no topo de uma montanha e habitantes da região, que o viram passar antes do desastre, disseram á Polícia que o avião oscilava violentamente.

Livre actuação dos partidos na Argentina

BUENOS AIRES, 1 — (F. P.) — O Governo vai permitir, depois de 1 de Julho, a livre actuação dos partidos políticos — anunciou ontem Arturo Mor Roig, ministro argentino do Interior.

O ministro fez esta revelação durante a cerimónia de encerramento dos trabalhos da comissão encarregada do estudo da reforma da constituição e da lei eleitoral.

O documento final sobre a reforma da Constituição nacional argentina terá ainda de ser aprovado pelo general Alejandro Lanusse, presidente da Republica.

REPARTIÇÃO DE FINANÇAS DA AMADORA

Informa-nos a Repartição de Finanças da Amadora, do concelho de Oeiras, que abriu hoje ao publico as suas novas instalações, na Reboleira, Amadora, Rua Correia Teles, 1, r/c. e caves — Edifício Oeiras.

Seis países estrangeiros representados na VIII Feira Nacional de Agricultura

SANTARÉM, 1 — A VIII Feira Nacional de Agricultura (e XVIII Feira do Ribatejo), que será inaugurada no próximo domingo pelo Chefe do Estado, acompanhado de alguns ministros e de membros do Corpo Diplomático, foi visitada esta manhã por representantes dos órgãos da Informação. Estes foram recebidos pelos presidente e vice-presidente do Município desta cidade, vereadores e membros das comissões de honra e executiva do certame.

O secretário-geral da Feira descreveu o que a mesma vai ser, revelando o programa, que inclui, nomeadamente, o 2.º Concurso Nacional de Ovinos e Caprinos, o 1.º Concurso Nacional de Carcaças de Ovinos, colóquios, espectáculos de folclore, corridas de toiros, etc.

Estarão representados os seguintes países: Brasil, Dinamarca, Alemanha Ocidental, Estados Unidos, França e, pela primeira vez, a Espanha.

A visita seguiu-se um almoço presidido pelo governador civil.

Ferreira de Castro parte amanhã para o Brasil

A bordo do paquete «Julio César» - a convite de amigos e admiradores, sob a égide do Elos Clube da Guanabara, o romancista Ferreira de Castro parte amanhã para o Brasil onde lhe serão prestadas significativas homenagens e á sua obra de projecção mundial.

Depois de dez anos de ausência o escritor volta áquele país onde viveu a juventude e cujas terras portentosas da Amazónia e o drama humano lhe inspiraram «A Selva», hoje um livro traduzido nas mais diversas línguas. Quarenta anos depois da permanência do prestigioso autor de «Emigrantes» no interior do Brasil, ele voltou ali e foi alvo, então, das mais expressivas homenagens

Agora, a conselho dos médicos, para lhe evitarem emoções, Ferreira de Castro não visitará, provávelmente, a Amazónia. O consagrado romancista viaja acompanhado da esposa, a artista Elena Muriel que, no Brasil, fará a solicitada exposição das suas obras cujo valor a crítica tem salientado como sugestivas do talento e dos méritos de uma pintora de vincada personalidade e com posição de relevo no panorama da arte moderna.

UM «CONTO DO VIGÁRIO» QUE RENDEU 320 CONTOS

Vindo do Canadá, onde permaneceu alguns anos, regressou ontem a Lisboa o sr Mário Belo Baptista, natural de Atonguia da Baleia, Peniche.

Após o desembarque, Mário Baptista, que viajou na companhia da esposa, foi abordado por dois indivíduos que, por conhecido processo de «conto do vigário», lhe apanharam nada menos de 10 600 dólares — cerca de 320 contos

O casal dirigiu-se á Polícia Judiciária, onde apresentou queixa contra os burlões.

ADJUNTO PARA A INFORMAÇÃO DO PRESIDENTE DO CONSELHO

Por despacho publicado no «Diário do Governo», de hoje, dia 1 de Junho, foi nomeada Adjunto do Gabinete do Senhor Presidente do Conselho para os assuntos de Informação, a sr.ª D. Maria Eugénia de Castro Pinto de Lemos.

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE
FABRICO PRÓPRIO
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 255 — Tel. 324564

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

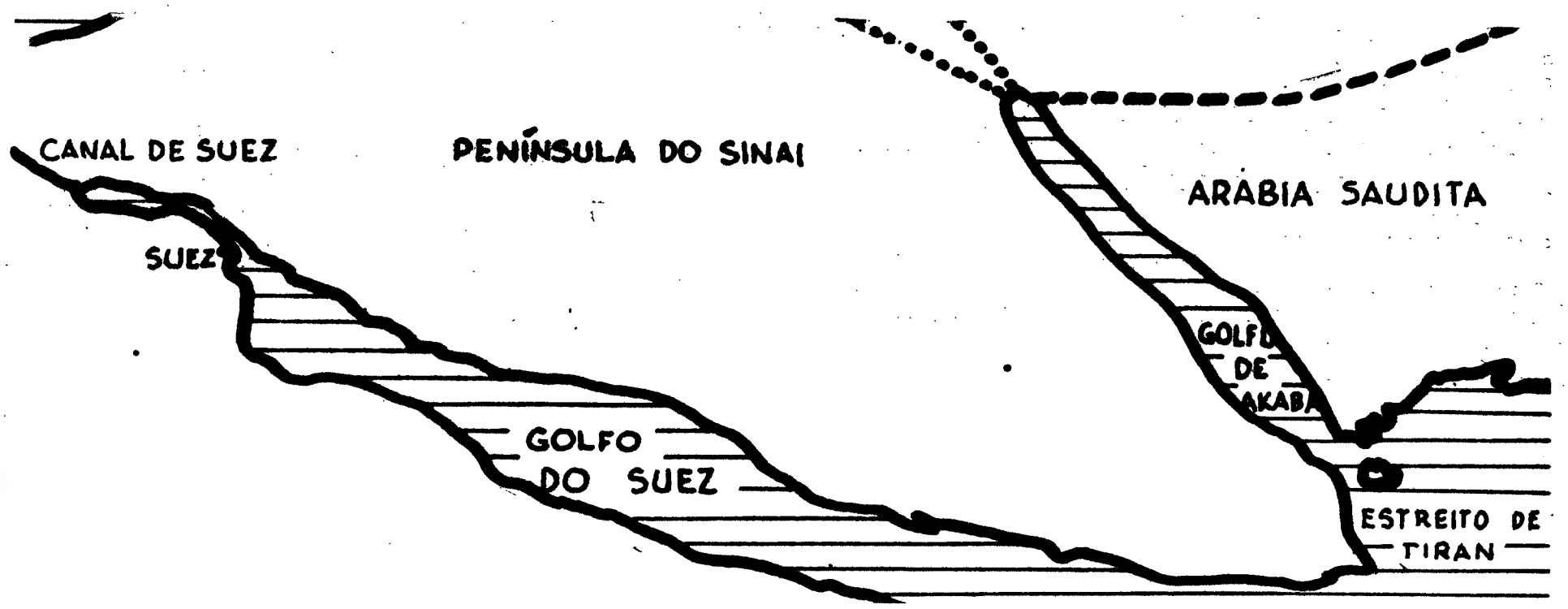
MÁXIMO GORKI
OBRA COMPLETA
Trinta volumes em versão integral aprovada oficialmente pelo Instituto Gorki da Academia de Ciências da União Soviética
À VENDA, DESDE JÁ
1 — A Mãe (4.ª edição)
2 — Infância (2.ª edição)
3 — Ganhando o Meu Pão
4 — As Minhas Universidades
5 — Correspondência (Gorki-Lenine)
6 — Correspondência (Gorki-Tchecov)
7 — Vagabundos — 1.º vol.
EDIÇÃO NORMAL E EDIÇÃO ESPECIAL
ACEITAM-SE ASSINATURAS
UM EMPREENDIMENTO DA
EDITORIAL INÍCIO
PAVILHÃO N.º 57 DA FEIRA DO LIVRO

BEETHOVEN
no
PAVILHÃO N.º 37
● Gosta de Música?
● Conhece as Sinfonias de Beethoven?
● E a sua vida, glória e tragédia?
«Lamentaram-no por ter sido um génio incompreendido. Viram nele que amava a humanidade sem a possuir — um Tristão sem Isolda?»
EDITORIAL ASTER — FEIRA DO LIVRO

PUCEL
PÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
PARA HOTÉIS E RESTAURANTES
QUE O TURISTA SABOREIA
RUA ALEXANDRE BRAGA, 2-C TEL 53 53 91

SÉRIE BÁSICA DE
ELECTRICIDADE ELECTRÓNICA
18 VOLUMES PUBLICADOS
FEIRA DO LIVRO
PAVILHAO N.º 8

Exclusivo



A REABERTURA DO CANAL DE SUEZ PERMITIRIA À EUROPA (ATÉ 1980) POUPAR 257 MILHÕES DE CONTOS

Por PAUL BALTA

No decurso da sua recente visita ao Médio Oriente, William Rogers apontou a reabertura do Canal de Suez como o primeiro marco para um regulamento global do conflito israelo-árabe. Contudo, admitiu que, a despeito de alguns progressos, os pontos de desacordo entre egípcios e israelitas continuavam a ser consideráveis. De facto, a «solução interina», segundo a expressão do Secretário de Estado americano, parece muito aleatória para numerosos observadores. A crise que agora estalou no Egipto deverá ter, no entanto, um efeito positivo na negociação referente à via de água, conforme entendem os funcionários americanos, citados pelo jornal «The Washington Post».

Por múltiplas razões (entre as quais figurava o receio da penetração soviética no Golfo Pérsico e no Oceano Índico) os E. U. A. não viram com maus olhos o encerramento do Canal do Suez, em 1967 depois da guerra dos seis dias. Quanto á Europa parece tomar o partido dos E. U. A., muito embora fosse ela a primeira vítima — ela e o Egipto, evidentemente — desta situação, uma vez que é o principal consumidor do petróleo do Médio Oriente.

Começou por sofrer a alta constante dos custos de frete para o petróleo bruto proveniente do Médio Oriente, pois este tinha de fazer o desvio, muito oneroso, pelo cabo. Depois suportou o aumento de 25 a 35 %, dos impostos sobre o petróleo bruto do Golfo Pérsico e sobre o do Mediterâneo — directamente acessível — porque os produtores desta região não queriam ser desfavorecidos em relação aos do Médio Oriente.

As consequências dos Acordos de Teerão e Tripoli — que foram respeitados por razões económicas, mas também por considerações políticas, ligadas ao conflito israelo-árabe — há que somar o facto de a construção dos *supertankens*, que fazem o desvio pela África do Sul, ser financiada pelas companhias petrolíferas, as quais fazem repercutir essas despesas sobre os consumidores.

Esta evolução da conjuntura levou os países europeus a interessarem-se, não só pela construção do oleoduto Suez-Mediterrâneo (SUMED) mas também pela reabertura do Canal de Suez. O canal, alargado e dotado de maior profundidade, ficaria a constituir uma grande via de transporte de petróleo, com a vantagem, sobre o *pipeline*, de não necessitar de transbordo da carga. A posição dos E. U. A. também evoluiu de alguns meses a esta parte, em função dos seus interesses, como o prova a viagem que Rogers fez agora ao Médio Oriente.

A passagem pelo Suez, produzindo um abaixamento dos custos de transportes favorecia as companhias americanas, maioritárias no Golfo.

OS TRABALHOS DE MODERNIZAÇÃO

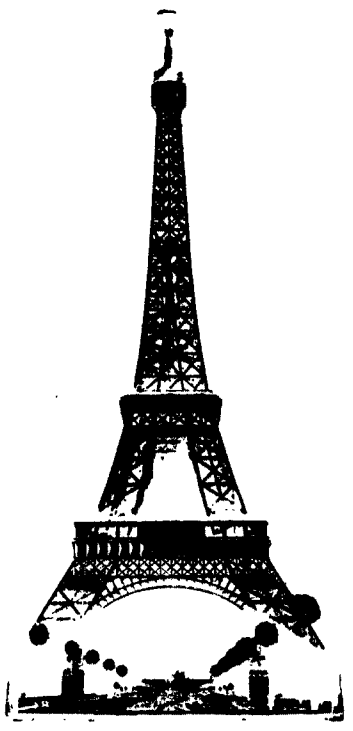
Muito antes da guerra de 1967, já a *Suez Canal Authority* (S. C. A.) tinha consciência da necessidade de modernizar a via de água (que aliás, tem sido incessantemente engrandecida e melhorada, desde a sua inauguração, em 1869) a qual impunha limites dimensionais á frota mundial dos *tankers:* os barcos não ultrapassavam as 70 000 toneladas. A partir de 1966, contudo, as companhias de transporte tinham começado a construir *tankers* de 100 000 toneladas, e depois de 150 000 toneladas. O encerramento do Canal incitara-as a lançar petroleiros de 250 000 toneladas,

Os estudos da rentabilidade provaram que é essa a capacidade óptima, embora estejam actualmente em construção barcos com mais de 300 000 toneladas.

Um navio de 250 000 toneladas fez seis viagens de ida e volta, pela rota do cabo, para transportar 1,5 milhões de toneladas de petróleo bruto por ano, enquanto que, se passar pelo canal, fará quinze viagens de ida e volta que representam 3,5 milhões de toneladas por ano. O transporte vía cabo dos 750 milhões de toneladas de que a Europa precisará em 1980 exigiria 500 *supertankers* no valor global de 17 500 milhões de dólares (cerca de 500 000 000 de contos). Em compensação, os trabalhos de modernização do canal, que serão da conta do Egipto, estão avaliados em cerca de 400 milhões de dólares (cerca de 111 428 571 de contos), a que se somaria o preço de 215 petroleiros gigantes, cuja construção ficaria por 8000 milhões de dólares (cerca de 228 571 428 de contos). Se o canal não for reaberto ou se não for aumentado de modo a permitir a passagem de barcos de 250 000 toneladas a despesa suplementar que a Europa suportará, devido á necessidade de os petroleiros contornarem a África elevar-se-ia daqui até 1980, a cerca de 9000 milhões de dólares (aproximadamente 257 142 857 contos).

A primeira fase permitiria a passagem de barcos de 150 000 toneladas, os quais transportariam de 400 a 500 milhões de tonela-

Continua na pág. seguinte



AS CONVERSAÇÕES DE PARIS COMEÇARAM HÁ 3 ANOS

Depois do começo das conversações de Paris acerca da guerra do Vietnam, muitos acontecimentos se produziram. Esses acontecimentos tiveram mais influência no curso da luta e, hipotéticamente, no seu desfecho, do que a troca de palavras entre diplomatas. Conversações ou diálogo de surdos? Entretanto vale a pena ler o balanço da estratégia seguida pelos dois contendores (pág. central).

A UNIDADE ÁRABE É O ESCUDO QUEBRAR AS COBIÇAS

A Líbia renunciou, pelo menos provisòriamente, a participar na gestão, sobre o seu território, das companhias petrolíferas, companhias, que a Argélia, por seu turno, colocou sob «contrôle». Contudo, o Governo de Tripoli continua a esforçar-se por aumentar o seu domínio sobre as companhias e por preparar pessoal líbio qualificado em actividades petrolíferas.

O ministro do Petróleo, Erredin Mabroux, anunciou, há dias, que as companhias deverão, antes do fim do ano, «líbianizar» os postos-chaves do pessoal, de formação dos empregados e das relações públicas.

Por outro lado, foi publicado, no mesmo dia em que Mabroux fez essa declaração, um decreto anunciando que as companhias que «utilizem mal» ou que «esbanjem» as reservas e os recursos petrolíferos do país serão, doravante, passíveis de muitas.

Na entrevista recolhida por Eric Rouleau, que a seguir damos em tradução integral, o presidente do Conselho da Revolução, coronel Kadhafi, traça o quadro ideológico e político no qual se insere a sua acção económica, relegando para um mesmo ostracismo o «capitalismo explorador» e o «comunismo totalitário».

O estrangeiro que vai visitar o chefe da Revolução líbia, coronel Mouammar El Kadhafi, não pode deixar de ser colhido pela bizarria da recepção. À entrada daquilo que parece ser uma caserna, dois soldados procedem com ar despreocupado à verificação da identidade do visitante. Passada a soleira, deverá atravessar um imenso pátio, totalmente deserto, para chegar, finalmente, ao edifício não guardado, onde se encontra instalada a presidência. A meio caminho, pode acontecer que se sobressalte: o pesado silêncio ali reinante é cortado por um som agudo, imperativo, do clarim que anuncia a sua chegada.

A presença de uma sombra furtiva na moldura de uma janela é o sinal de que a mensagem foi recebida. Daí a minutos, o secretário particular do presidente do Conselho Revolucionário, um jovem capitão vestido de caqui, com uma pistola bem em evidência na anca, conduz o visitante através de um interminável corredor, nu e frio, até ao gabinete do coronel Kadhafi.

A primeira impressão de austeridade marcial desaparece imediatamente perante a simplicidade e o calor da personagem e do cenário. A sala, modestamente mobilada, respira uma actividade febril. A mesa de trabalho, em forma de crescente, está atapetada de *dossiers*, papéis soltos, grandes volumes que, na sua maioria são decerto consultados simultâneamente. Reparamos em manuais de francês de nível elementar.

— *Em tempos estudei a sua língua* — diz-nos o coronel Kadhafi. — *Agora quero aprender a falá-la.*

Alto, delgado, de compleição atlética, rosto anguloso, o chefe de Estado líbio parece-se um pouco com Gregory Peck. Mas muito mais jovem, porque ainda não fez trinta anos. As suas origens beduínas — o pai vive ainda numa tenda — e, sem dúvida, também, longos anos de conspiração explicam que o coronel Kadhafi se mostre desconfiado às primeiras impressões. Parece es-

A REABERTURA DO CANAL DE SUEZ

Continuação da pág. anterior

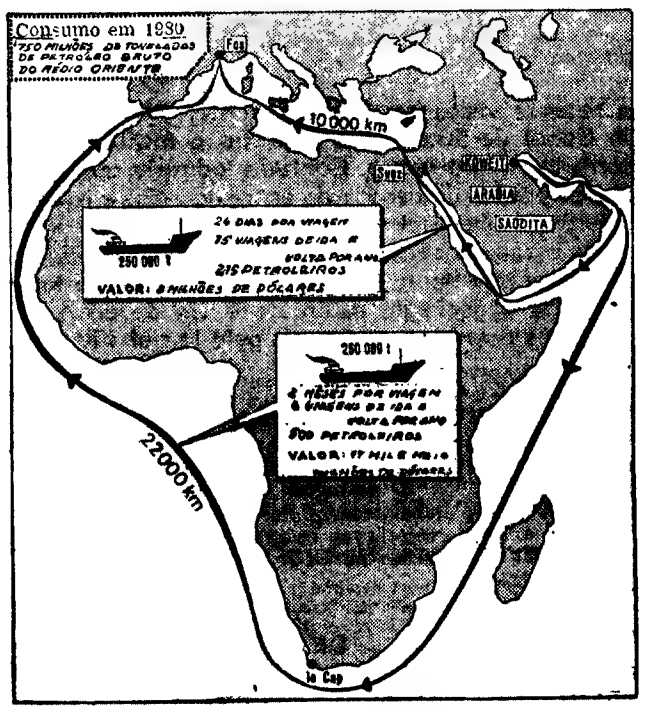
das por ano, como o preço de passagem é da ordem de 1,40 dólar (cerca de 40$60) por tonelada (contra 0,80, cerca de 23$20, em 1966) — este preço será harmonizado com o do SUMED, que, daqui a 3 anos, permitiria a saída de 60 a 80 milhões de toneladas — a operação renderia ao Egipto uns 700 milhões de dólares (cerca de 20 milhões de contos) contra 250 milhões de dólares, em 1966, e 350 a 400, se a via fosse reaberta imediatamente (respectivamente, cerca de 7 142 855, 10 000 000 e 11 428 571 contos).

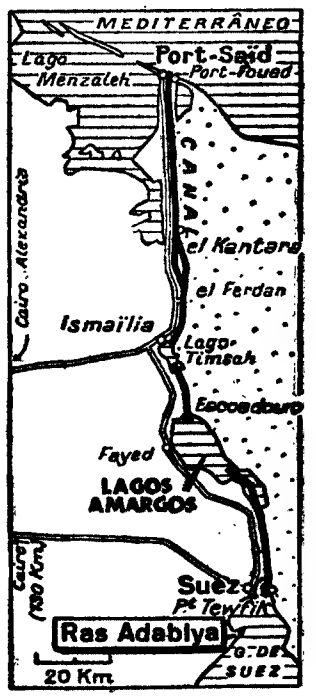
Tendo em conta as necessidades do ano 2000, seria superior em 25 % ao tráfego para a Europa, no ano de 1980. Calculada como base em 750 milhões de toneladas, a receita seria, no fim dos trabalhos, de 1 bilião de dólares, avaliada pelos preços actuais (cerca de 28 571 428 contos).

Estas duas fases serão precedidas de um período de obras de quatro a seis meses: retirada dos destroços que se encontram na via, reconstrução das estradas, equipamentos de balizagem e telecomunicações destruídas pela guerra, reapetrechamento dos estaleiros e das oficinas de reparação e serviço. O custo destes trabalhos e dos fornecimentos de material está avaliado em 66 milhões de dólares (cerca de 1 885 714 contos).

Quanto aos trabalhos de conjunto para o alargamento, calculam-se em 660 milhões de dólares (cerca de 18 857 142 contos), sendo 400 milhões em divisas repatriáveis, que seriam pedidos de empréstimo no estrangeiro, e 260 milhões, em moeda corrente.

O Koweit teria já garantido uma contribuição de 100 milhões de dólares (cerca de 285 714 contos). Isto é tanto mais plausível quanto é certo que este emirato é um dos principais países interessados na modernização da via de água para as suas exportações, e, além disso, deixaria assim de entregar a sua contribuição para compensar os danos emergentes sofridos pelo Egipto. Além disso, os acordos de Teerão vão aumentar os seus rendimentos de um meio bilião de dólares, (ou seja cerca de 14 285 714 contos).





As autoridades egípcias teriam igualmente entrado em contacto oficioso com o Banco Mundial para conseguirem uma participação de 300 milhões de dólares (cerca de 857 142 contos).

Além disso, com receitas de passagem da ordem de 500 a 700 milhões de dólares (de cerca de 14 285 714 contos a 20 000 000 de contos), o Egipto deixava de ter problemas de financiamento para a segunda fase do alargamento.

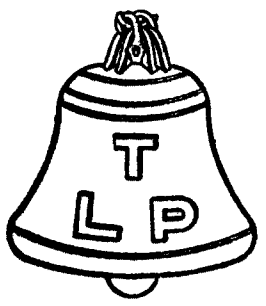
AUMENTAR A LARGURA DO CANAL

Outros meios financeiros estranhos à S. C. A. calculam, no entanto, que o Banco Mundial só em parte participará na operação e que solicitará ou recomendará uma contribuição dos estados europeus — principais beneficiários da exploração do canal — da ordem dos 150 a 200 milhões de dólares (cerca de 4 285 714 a 5 628 562 contos respectivamente) encorajada, ao que parece, pelo Governo italiano e pela sociedade de estado ENI, a qual entende que a passagem pelo cabo lhe faz perder 200 milhões de dólares (cerca de 5 628 562 contos) por ano em fretes suplementares. uma importante firma italiana tomou já a iniciativa de agrupar um certo número de sociedades belgas, holandesas e inglesas no seio de um consórcio para propor á S. C. A. a execução dos trabalhos e o seu financiamento, segundo o esquema adoptado para o oleoduto SUMED.

A S. C. A. teria no entanto acolhido esta iniciativa com certa frieza ela preferia clamar directamente no momento oportuno, apelar ás empresas europeias especializadas que tratariam com ela. Aliás, a S. C. A., antes da guerra dos seis dias, já tinha dividido em sete lotes os trabalhos destinados a aumentar a largura do canal (comprimento: 161 km; largura actual: 90 m) para 145 e depois para 190 metros e a sua profundidade, actualmente de 14 metros, para 19,50 metros e depois para 23.50 metros. A sociedade japonesa Penta-Ocean que tinha obtido dois lotes no princípio de 1967, continua na bicha, mantendo os preços unitários que então propusera para a primeira obra, sob condição de participar também na segunda.

A S. C. A. reserva-se, por seu lado, dois lotes, que ela tencionava escavar com a draga Kamsis. Mas, como esta não pode funcionar abaixo de 19 metros, a S. C. A. terá necessidade de um novo engenho, mais potente.

Por agora está tudo suspenso, aguardando-se a conclusão dum acordo político sobre a retirada das tropas israelitas. Mas logo que este se produza, as decisões serão tomadas com toda a rapidez.



«TELEFONES LISBOA E PORTO» INFORMA

Com a entrada em vigor da Lista Telefónica n.º 90 do Grupo de Redes de Lisboa, na noite de 31 de Maio para 1 de Junho proceder-se-á:

— **À alteração do prefixo numérico da Central da Trafaria de «2498» para «2458».**

— **À transferência de 273 postos da Central da Trindade (prefixos «30» e «32» a «37») para a Central do Castelo (prefixos «86» e «87»).**

— **À transferência de 1866 postos da Central do Norte (prefixos «4» e «5») para a Central da Graça (prefixos «82» e «83» e «84»).**

— **À transferência de 928 postos da Central do C. Pequeno (prefixos «76» e «77») para a Central do Areeiro (prefixos «71», «72» e «73».**

— **À alteração de alguns números de postos ligados a PPC's.**

LEMBRE-SE DESTAS ALTERAÇÕES E

CONSULTE A NOVA LISTA N.º 90

CONTRA O QUAL SE HÃO-DE ESTRANGEIRAS

TRIPOLI

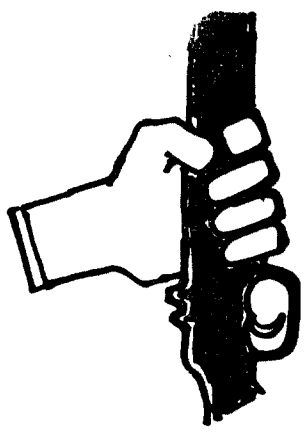
piar o interlocutor, sondá-lo com o olhar. Mas, bruscamente, o rosto ilumina-se com um sorriso juvenil, os olhos semicerram-se, a voz adquire um tom persuasivo.

— *Leia ou torne o ler o Corão* — diz-nos. — *Aí encontrará as respostas a todas as suas interrogações. A unidade árabe, o socialismo, os direitos de sucessão, o lugar que a mulher deve ocupar na sociedade, a queda inaluável do Império Romano, o destino do nosso planeta após a descoberta da bomba atómica — tudo vem lá, para quem saiba ler o Livro Santo.*

O presidente do Conselho Revolucionário procura imediatamente justificar as suas afirmações. Lê-nos passagens do Corão, bastando-lhe para tanto agarrar num dos tantos exemplares do Livro Santo que se encontram empilhados no seu escritório. Depois consulta uma obra monumental para fornecer uma interpretação aos versículos citados.

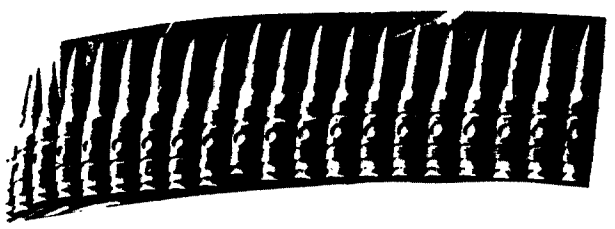
— *Acredite* — diz ele com fervor — *todos os povos (incluindo os comunistas russos) converter-se-iam ao Islão se se dessem ao trabalho de ler o Corão inteligentemente e com um espírito aberto.*

A sinceridade do homem é notória. «*Um escoteiro*» dizem dele os seus adversários. Antes da Revolução de 1 de Setembro de 1969, exigira dos seus camaradas, «os oficiais livres» que prepararam a queda da monarquia, que seguissem as regras de vida que ele próprio observava. Deviam abster-se de beber, de fumar, de se entregarem a jogos de azar, de terem férias, de frequentarem «mulheres de vida fácil», e deveriam mesmo evitar o



casamento (1). É evidente que as actividades subversivas da organização clandestina não deviam obstar a que os seus membros cumprissem as cinco orações diárias.

Depois de Deus, os conspiradores veneravam um homem muçulmano e árabe como eles e que, ainda por cima, agia de acordo com as aspirações deles: Gamal Abdel Nasser vingava-os de todas as humilhações que eles sofriam. Derrubara uma monarquia corrompida aliada da que reinava em Tripoli, desafiara os E. U. A. e a Grã-Bretanha cujos exércitos ocupavam o reino *senoussi*, nacionalizava empresas estrangeiras, primas das que «espoliavam» o povo líbio, iria,



finalmente, agrupar a nação árabe para tomar de assalto o último bastião do imperialismo ocidental na região: Israel.

O futuro coronel Kadhafi, segundo nos diz um dos seus camaradas de classe, foi um dos elementos «de ponta» do combate pró-nasseriano. Estudante em Sebha, no centro do país, chefiou as manifestações de Outubro de 1956 de protesto contra a «agressão tripartida» anglo-franco-israelita. em 1959, forma uma organização secreta que irá fornecer os principais quadros da revolução de Setembro de 1969. Os conjurados decidiram infiltrar-se nas engrenagens essenciais do Estado. Uns continuam os seus estudos superiores para ocuparem posições de responsabilidade na administração, mas, na sua maioria, por vezes contra a sua inclinação natural, escolheram a carreira militar. Em 1964 constitui-se o «comité» central dos «oficiais livres unionistas». O objectivo prioritário é o de assegurarem o contrôle do exército, principal instrumento do poder real.

Os futuros senhores da Líbia não têm ideologia clara que os guie.

— *Nenhum livro, excepto o Corão, bem entendido, teve qualquer influência determinante na minha maneira de pensar* — diz-nos o coronel Kadhafi, que logo acrescenta: — *Contudo, li os autores que foram precursores da Revolução Francesa. O «Contrato Social de Jean-Jacques Rousseau pareceu-me de grande actualidade na Líbia. Como o rei Idris tinha violado os seus compromissos para com o povo, devia ser acusado de alta traição...*

SOCIALISMO NO ISLÃO

— Nesse caso, o sr. presidente entende que a uma revolução, como a de 1789, tem um carácter «burguês», na medida em que não é dirigida contra a propriedade privada?

— *A nossa revolução foi a das massas laboriosas, de todas as classes da sociedade sem distinção, contra um regime corrompido, o domínio estrangeiro, a injustiça social e o regionalismo. O socialismo árabe que nós adoptámos situa-se a meio caminho entre o capitalismo explorador e o comunismo totalitário: vai buscar as suas origens ao Islão. Não é importado do estrangeiro, e permite que todos, ricos e pobres em conjunto, edifiquem uma sociedade de abundância e de justiça.*

Com toda a evidência, a política social de um total pragmatismo, praticada pelo regime de Tripoli, desperta menos paixão ao coronel Kadhafi, que a unidade árabe. Este é não só indispensável para «*libertar a Palestina:* diz ele, mas é também um fim em si mesmo, o coroamento natural de aspirações e lutas multisseculares. Ela «*preencherá o vácuo que os imperialistas pretendem preencher*». constituirá *o escudo contra o qual virão quebrar-se as cobiças estrangeiras.*

A adesão ardente do nosso interlocutor ao panarabismo na sua forma mais absoluta (que Nasser propugnava antes da infeliz experiência da unidade sírio-egípcia) não sofre dúvidas. Já em Outubro de 1961 o jovem Mouanmar era expulso da escola de Sebha por se ter manifestado com excessiva violência contra a saída de Damasco da República Árabe Unida.

Adivinhamos, pois, a sua alegria quando, em 17 de Abril passado, assinou com os seus «irmãos» egípcios e sírio, os presidentes Sadat e Assadum documento em que se anuncia a próxima união federal entre três países.

DIVERGÊNCIAS NÃO FUNDAMENTAIS

As divergências que suspiram entre os parceiros — diz ele — não são fundamentais. Declara-se igualmente, muito próximo do general Gaafar El Nemeiry, o chefe de Estado Sudanês. que decidiu «*por razões internas*» não aderir por agora, à Federação.

— *É certo que o general Nemeiry não é tão livre como eu na expressão das suas opiniões, porque tem que ter em atenção os comunistas que fazem parte do seu governo (2); mas estamos inteiramente de acordo com o que devemos pensar dos comunistas*

— E que pensam os senhores dos comunistas?

— *Somos conta eles, por razões religiosas, sociais, económicas, políticas, morais. O marxismo, mesmo como reação contra o imperialismo, é uma invenção que não convém aos nossos costumes nem aos nossos interesses nacionais. Em compensação consideramos a U. R. S. S. uma potência amiga.*

— O sr. presidente não deu já a entender, por mais de uma vez, que a U. R. S. S. é também uma potência imperialista?

— *A nação árabe quer-se independente; recusa-se a viver sob a influência do Leste ou do Ocidente. Por isso, qualquer potência que tentasse chamá-la a um dos dois campos visaria, em nosso entender objectivos imperialistas.*

— Afirmando isso, o sr. presidente não se coloca contra os votos dos seus aliados egípcio e sírio, quando reclama a partida das esquadras soviética e americana do Mediterrâneo, num momento em que a presença das unidades navais russas parece indispensável à defesa do mundo árabe no seu combate contra Israel?

— *Bem entendido, nós pensamos* — tal como os nossos irmãos — *que a esquadra soviética é uma força de dissuasão, cuja entrada no Mediterrâneo foi suscitada pela presença da VI Esquadra. Mas quando reclamamos a retirada das duas potências navais, defendemos uma posição de princípio a qual tem o objectivo de evitar uma confrontação que seria catastrófica para a paz mundial.*

— É verdade que o presidente Nasser recomendou que não se comprasse armamento soviético, mas sim «*Mirage*» franceses ou, na sua falta, *Phantom* americano?

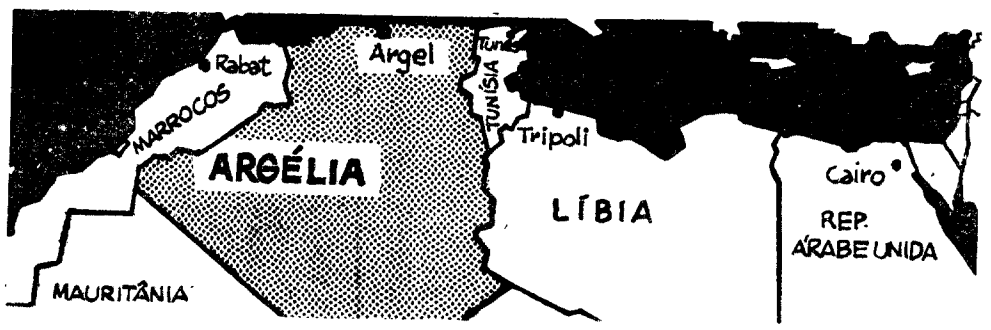
O coronel Kadhafi rompe em gargalhadas e responde:

— *Não me lembro. Antes de me responder, seria necessário que eu interrogasse a esse respeito o sr. Heykal, o redactor — chefe de «Al Ahram» que anunciou essas declarações. Seria também necessário que eu consultasse documentos relativos às conversas que tive com o presidente desaparecido..*

Quanto aos «Mirage», o Governo Francês, tal como o nosso, compreende perfeitamente bem os verdadeiros móbis dos que se agitam contra esta transacção. Israel, que ganhou a guerra de 1967, graças a esses aparelhos, pretende ser o único país da região a dispor deles. A Grã-Bretanha e os E. U. A. esperavam que nós lhes comprássemos os seus próprios aviões de combate. Também a U. R. S. S. esperava vir a ser o nosso único fornecedor, após a queda da monarquia. Isso criava muitos apetites insatisfeitos...

— Isso não obsta a que alguns contestem o ponto de vista de Paris, segundo o qual a Líbia não é um «*país do campo de batalha*»..

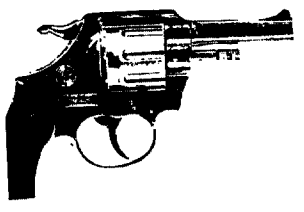
— *A definição do governo francês é perfeitamente correcta. Trata-se de uma evidência geográfica. Não temos fronteiras comuns com os territórios ocupados pelos sionistas:::*



Kadhafi: a nação árabe recusa-se a viver sob a influência do Leste ou do Ocidente

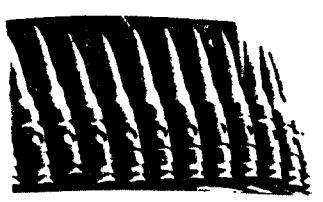
A RESOLUÇÃO 242 ESTÁ ULTRAPASSADA

— Contudo, segundo parece, o sr. presidente rejeita toda e qualquer solução pacífica do problema palestiniano, em especial a



que se baseia na Resolução 242 do Conselho de Segurança.

— *Esta resolução está completamente ultrapassada pelos acontecimentos e é curioso que o senhor me interrogue a esse respeito. O actual comportamento de Israel não responde eloquentemente à sua pergunta?*



— *Não, porque o Egipto nunca disse que concluiria um tratado de paz («solh» em árabe) mas apenas um acordo de paz («salam»). Esta distinção é fundamental.*

— Supondo que Israel retira para as fronteiras de 1967 e que o Cairo aceita, em troca, concluir um regulamento nos termos da Resolução 242, a Líbia aceitaria aliar-se a esse acordo?

— *O Egipto é livre de fazer o que quiser. Quanto a nós, Allah é grande...*

Antes de encerrarmos a entrevista, o coronel Kadhafi entrega-nos um exemplar do Corão, recomendando-nos que lessemos a surata 17 intitulada «a viagem nocturna ou os filhos de Israel». Deus declara a estes últimos: «*Vós semeareis de certo o escândalo, duas vezes sobre a Terra, e sereis de uma grande soberba.*» Contudo, chegaria o dia em que o Senhor enviasse os seus servidores *para que eles vos dêem aflição, para que eles entrem no Templo como aí entraram, pela primeira vez, e para que eles destruam inteiramente o que é soberbo*». E a surata acrescenta:

«*Talvez Nosso Senhor vos faça misericórdia. Se vós reincidirdes, nós reincidiremos e faremos do inferno uma prisão para os infiéis*».

A mensagem do chefe do Estado Líbio não podia ser mais clara

---

(1) Depois da Revolução, o celibato deixou de ser de rigor. Dois membros do Conselho da Revolução são polígamos; a religião muçulmana autoriza os seus adeptos a terem quatro esposas, no máximo.

(2) Trate-se de comunistas dissidentes que aceitam ainda colaborar com o reino do general Nemeiry. O P.C., por seu lado, está proibido, e vários dos seus dirigentes, entre os quais o secretário-geral, Abdel Khalek Hassouna, foram internados ou exilados no Inverno passado.

(Entrevista recolhida por Eric Roulcau)

NOVA YORK

O PAPA DO «POP» EXPÕE NO WHITNEY

Por JERRY PARKER

Andy Warhol — Uma espécie de homenagem

Cá está o Papa do «Pop», o rei do «underground», o homem que fez pelas latas de sopa Campbell o mesmo que Miguel Angelo pela Capela Sixtina — Andy Warhol, rodeado pelas suas «superstars»: Ultra Violet, Brigid Polk e Candy Darling. Todos, por sua vez, rodeados, pela enorme galeria no quarto andar do «Whitney Museum of American Art», forrada, de alto a baixo, com papel de parede Andy Warhol: cabeças de vaca, cor-de-rosa, sobre um fundo amarelo.

A retrospectiva de Andy Warhol ocupará o quarto andar do museu até meados do corrente mês.

Deve ser a primeira vez que um museu nova-iorquino com o prestígio do Whitney dedica tão vasto espaço a um artista tão jovem como Andy Warhol (ele nunca diz a idade que tem, mas pensa-se que nasceu nos princípios dos anos 30) ou de fama tão recente (a lata de sopa apareceu em cena em 1962, e quem é que tinha ouvido falar de Andy Warhol, antes disso?)

É uma espécie de homenagem. O artista, no entanto, não dá mostras de qualquer emoção especial. Olha para tudo com o mesmo ar com que encara todas as situações: indiferente.

Cá está ele, pálido, sério e frágil, com o seu ar de Peter Pan, a responder ás perguntas dos jornalistas, num tom tão baixo que mal o percebem os que estão afastados dele, coisa de um metro. Surgem, por vezes, perguntas tão indiscretas, que Andy Warhol, chocado, volve os olhos para Brigid ou Ultra ou Candy, pedindo-lhes, que o socorram, respondendo por ele.

O MAIOR ARTISTA AMERICANO

A exposição do Whitney, que já foi vista na Califórnia, Chicago, Paris, Londres e Holanda, inclui 240 trabalhos, mas limita-se, a pedido do artista, a cinco dos seus temas favoritos: latas de sopa, caixas de «Brillo», retratos (Marilyn Monroe, Liz Taylor, Elvis Presley, Warhol, etc.), «desastres» (choques de automóveis, assassínios) e flores.

— Porque é que você limitou a exposição a estes cinco temas?

—Bem .. hum... porque queríamos mostrar mais vacas — responde, de olhos no papel de parede, sobre o qual os quadros estão pendurados

— Mas vacas, porquê?

—Hum... porque gosto delas

— É porque o novo filme de Andy se chama «Porcos» — esclarece Ultra Violeta — e ele pensa que as vacas têm muito a ver com os porcos.

— Não, não —atalha Brigid Polk — O filme chama-se «Carne de porco» e não «Porcos».

—Hum... sim! — admite Andy Warhol, com um sorriso amarelo.

A não ser um ou outro retrato dos amigos, especialmente dos que entram com dinheiro para os seus filmes, Warhol já não pinta desde 1966. Muitas das produções de agora são variações sobre temas de Warhol, executadas por colaboradores como Ultra e Brigid.

— É verdade que cortou com a «Pop Art», o movimento iniciado por si ao lado de Roy Lichtenstein, Claes Oldenburg, James Rosenquist e outros?

— Hum... sim... é porque tenho estado muito ocupado a fazer filmes.

— É o maior artista americano e não tenho a menor duvida a esse respeito — afirma James K. Monte, responsável pelo museu e organizador da exposição — Warhol e mais uns três ou quatro pintores mudaram, completamente, o modo como olhamos para um quadro. Quando a arte estava profundamente mergulhada no expressionismo abstracto, Warhol e um punhado de pintores começaram a pintar objectos de todos os dias, coisas vulgares. Warhol escolheu um género diferente de abstraccionismo para exprimir os seus sentimentos.

MUDAR DE NOME

— E o que é que você tem a dizer a quem afirme que ninguém tem o direito de reproduzir uma lata de sopa e chamar-lhe obra de arte?

Peço a esses senhores — responde James K. Monte — que me mostrem um trabalho com o interesse dos de Andy Warhol.

Perguntaram a Andy Warhol o que é que sentiu ao ver as suas obras expostas no Whitney

— Fiquei surpreendido.

— E porque é que se decidiu a pintar uma lata de sopa?

— Ora, aconteceu.

O ano passado, num leilão em Parke-Bernet, houve quem pagasse 60.000 dólares por um desses quadros com a tal lata de sopa. Aconteceu.

O seu ultimo filme chama-se «Blonde on a bum trip». A protagonista, Candy Darling, conta, toda «salerosa», a história desta nova produção warholiana.

— É sobre uma rapariga muito linda que se encontra com duas lésbicas e sobre o modo como elas a seduziram.

Candy, que se dá um ar de Lana Turner, nos anos 40, interpreta o papel dessa tal linda rapariga. Jackie Curtis e Holly Woodlawn fazem as duas lésbicas. A piada está em que Candy, Jackie e Holly são, afinal, três rapazes. É, pelo menos, o que se diz

Andy Warhol, farto de Andy Warhol, pintor «pop» metamorfoseou-se em Andy Warhol, realizador cinematográfico.

— É verdade que está farto de se chamar Andy Warhol e vai mudar o nome para John Doe (João Ninguém)?

— Sim... Hum... Tenho andado a pensar nisso.

Mas, como se torna evidente pela exposição agora montada no Whitney, o mundo da arte é que não parece farto de Andy Warhol.

Associando-se à Chambre de Commerce Belge au Portugal, entidade organizadora da Feira de Amostras de Produtos Portugueses, o Banco Português do Atlântico está presente nesse importante certame com um stand destinado a prestar informações e a dar apoio aos expositores e exportadores portugueses em geral.
Dando o nosso patrocínio a esta iniciativa, prosseguimos na política de apoio firme às actividades económicas nacionais.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO 1919

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

diese • ALIMENTAÇÃO RACIONAL AV. DA REPÚBLICA, 46 LISBOA 1

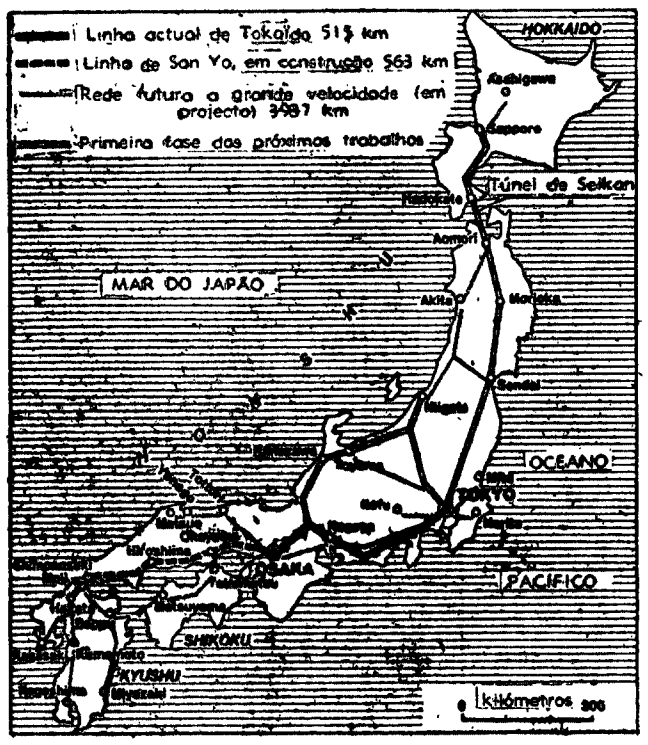
JAPÃO: UMA REDE COMPLETA DE VIAS FÉRREAS DE GRANDE VELOCIDADE

Por ROBERT GUILLAIN

TÓQUIO

Depois de sete anos de experiência das novas vias férreas a grande velocidade, nos 515 quilómetros do trajecto de Tóquio a Osaka, o Japão lança-se agora na renovação do conjunto da sua rede, por meio dos novos caminhos-de-ferro da «segunda geração». Foi evidentemente o êxito desta primeira experiência que o levou a estender o sistema a todo o país.

O ministro dos Transportes anunciou, recentemente, que no próximo ano fiscal (1972-73) começar-se-ão, em simultâneo, os trabalhos em três grandes direcções. Para o Norte, com uma nova linha de «super-express» que ligará Tóquio a Sapporo, capital de Hokkaido, a grande ilha do Norte, e uma outra, de Tóquio a Niigata. Em direcção à costa, até agora mal servida, do Mar do Japão, com uma linha que chegará a Osaka, no Japão Central, por essa vertente do país. Finalmente, em direcção ao Japão Sul, onde o prolongamento já em curso da linha Tóquio-Osaka (chamada linha de Tokaido) até Kinshu, a grande ilha do Sul, para chegar a Kagoshima, a mais meridional das grandes cidades do arquipélago.



Está-se ainda apenas na primeira fase da execução de planos a longo prazo, os quais prevêem que, em 1986, a rede nacional das vias-férreas a grande velocidade (a «Shinkansen», segundo a denominação japonesa) cobrirá cerca de 5000 km. As duas cidades-gigantes de Tóquio e de Osaka ficarão a três ou quatro horas a partir dos outros pontos-chaves do território. Por sua vez, estes ficarão a mais de uma ou duas horas das localidades de importância secundária. A partir de quase todos os pontos do Japão será possível fazer a ida e volta até Tóquio ou Osaka no mesmo dia.

Lembremos que a rede dos «trains-obus», como os japoneses lhes chamam, vem juntar-se à rede antiga, que continua a funcionar. Os novos comboios são dotados dos últimos aperfeiçoamentos técnicos e rolam a velocidades de 200 a 250 quilómetros horários. As novas vias comportam uma grande quantidade de obras de engenharia, pontes, túneis, etc., com uma largura normal, enquanto a antiga rede é de via reduzida. São quase totalmente desprovidas de agulhas, não têm passagens de nível e são exclusivamente reservadas aos comboios de passageiros. O tráfego é regulado por calculadores electrónicos. Desde o começo da exploração que não se registou ainda nenhum acidente que tivesse causado mortes ou ferimentos.

Elevada rentabilidade

Servindo a região mais activa e populosa do Japão, a linha no coração do país, a linha dos «super-express» Tóquio-Osaka tomou rápido incremento que se mede pelos números surpreendentes do tráfego. Sessenta mil passageiros por dia, em média, era ainda um número modesto para o Japão, em 1964. Em 1968, esse número subiu para 180 000. Em 1970, para a Exposição Universal de Osaka, oscilava-se entre 250 000 e 300 000 passageiros por dia, e mais ainda, visto que, em Agosto, a média quotidiana se elevou a 353 000. O dia «record» desde a fundação foi o dia 5 de Maio de 1969, quando, em menos de 24 horas, a linha transportou 520 000 passageiros.

Isso pressupõe um número de comboios que não é menos impressionante. De trinta que circulavam (em ida e volta) a princípio, passou-se a cem, em Outubro de 1969 (isto é, diàriamente cem num sentido e cem noutro). Durante a Exposição, a gare de Tóquio via partir três superexpressos por hora (apenas com duas paragens no trajecto) e seis semidirectos (com uma dezena de paragens no percurso).

Criticada a princípio devido às somas enormes que custou, a linha de Tóquio depressa se tornou a mais rentável de toda a rede nacional. Não só reembolsou já o seu custo, como, antes do fim do ano de 1970, proporcionou um lucro de mais de 100 mil milhões de yen (cerca de 7 500 000 escudos), compensando, deste modo, parte do grave «deficit» que pesa sobre as linhas da antiga rede.

A linha era lucrativa desde 1966. Tendo em conta uma elevação dos preços dos bilhetes, as receitas quotidianas, que foram de 240 milhões de yen nesse ano (cerca de 18 mil contos) passaram para mais do dobro, em 1970, atingindo os 550 milhões de yen (cerca de 41 250 contos).

Os investimentos foram, pois, de elevada rentabilidade. A sua rentabilidade seria ainda mais evidente, se se pudesse calcular o enorme benefício que representa para o país, não só o tempo ganho pelos milhões de passageiros que utilizam a linha, mas também pela enorme contribuição que esta fornece ao movimento comercial e industrial e à actividade económica em geral. A nova linha acelera a transformação e a modernização das regiões que atravessa. Ao longo de todo o seu percurso há um verdadeiro desabrochar de novas fábricas e empresas. Depois de Tóquio, Osaka é o segundo pólo económico do país. Entre esses dois pólos, milhares de passageiros fazem, diàriamente, as suas viagens de ida e volta.

Ensinamentos úteis

Os comboios compõem-se de 16 carruagens, no máximo, transportando o número limite de 1407 viajantes, em composições de 400 metros de comprimento: os maiores comboios do mundo. Têm apenas 2 ou 3 vagões de 1.ª classe, porque a clientela se recruta em todas as camadas da população e viaja, sobretudo, em 2.ª: os superexpressos são os comboios de toda a gente e não constituem, de modo nenhum, comboios de luxo reservados a uma clientela rica. O carácter social e popular do novo sistema ferroviário é notável. A antiga linha Tóquio-Osaka foi pràticamente abandonada pelos passageiros, que a aproveitam apenas para pequenos trajectos; além disso, a linha é aproveitada para o tráfego de mercadorias, que lhe está reservado.

Os japoneses pensam que a sua experiência poderá fornecer ensinamentos úteis aos caminhos-de-ferro europeus. É certo que a densidade de população da Europa é mínima, e não poderá fornecer uma clientela tão abundante, mas, em compensação, a saturação dos eixos rodoviários e aéreos é mais acentuada: daí a utilidade de uma rede ferroviária a grande velocidade. Como no caso da linha Tóquio-Osaka, também uma nova linha de grande velocidade no trajecto Paris-Lyon, por exemplo, poderia ser o início da progressiva remodelação da rede francesa e até mesmo europeia. Finalmente, insiste-se no facto de o sistema comportar «resultados subsidiários» muito proveitosos, na medida em que a renovação ou a reinvenção da estrutura de base arrasta consigo um desenvolvimento técnico, que, a princípio, não se previa.

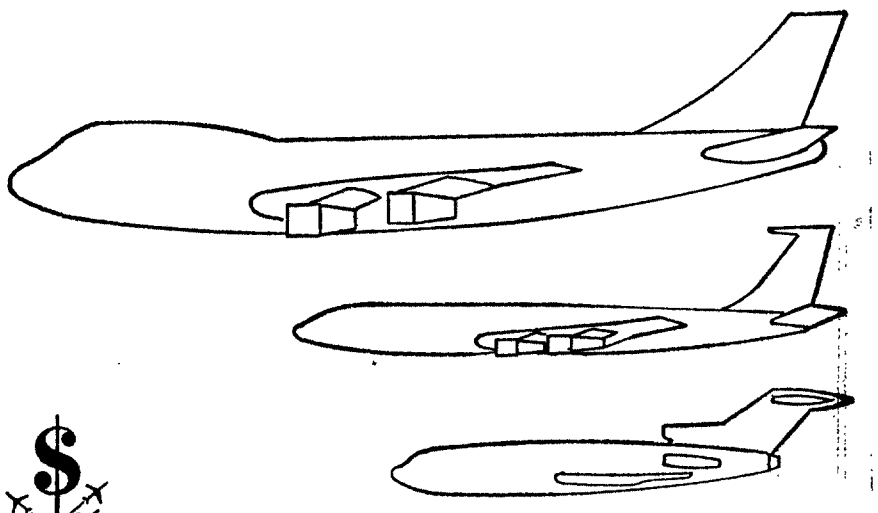
Foi com base em considerandos desta ordem que as autoridades japonesas decidiram agora promover não só o prolongamento da linha de Tokaido, mas também a construção de uma rede completa de vias de grande velocidade. Ao longo dos 63 quilómetros do novo percurso Osaka-Okayama, a inaugurar em 1972, e depois nos de Okayama-Hiroshima (1973) e Hiroshima-Hakata (1975), aparecerão numerosos melhoramentos e inovações técnicas no material rolante e nas instalações fixas, e a velocidade será aumentada. Trinta e cinco por cento do percurso até Okayama é feito por túnel, e entre Osaka e Kobe foi escavado um túnel de mais de 16 quilómetros, o terceiro mais longo do mundo, segundo dizem os japoneses.

No Norte, a escavação do túnel submarino entre a ilha principal e a de Hokkaido prossegue a ritmo acelerado. O túnel permitirá evitar o «ferry-boat» e, combinado com a via a grande velocidade, ligará Sapporo a 5 horas e 40 minutos de Tóquio, em vez das 17 horas de hoje. Com os seus 54 quilómetros previstos pelos últimos planos, o túnel terá mais 1400 metros que o túnel sob a Mancha. O percurso submarino será de mais de 23 quilómetros, a 100 metros abaixo do nível da água. As obras deverão estar terminadas em 1977.

Comboios volantes para breve

Os planificadores japoneses não ficam ainda por aí. Sempre preocupados com o futuro, sempre apaixonados pela prospecção, calculam que terão necessidade de sobrepor ainda a este sistema de dois «andares» — rede lenta das vias antigas e nova rede das vias a grande velocidade — um terceiro sistema de «comboios-bólides» ou comboios volantes. Em vias sem carris, comboios sem rodas voarão literalmente, a 30 centímetros acima do solo, por uma força magnética, e impulsionados por um motor linear a uma velocidade que poderá alcançar os 450 quilómetros horários.

Estão já em curso estudos e experiências, com vista a esta nova etapa do progresso dos transportes ultramodernos. Segundo os planos oficialmente anunciados, desde o Outono passado, esta fase preparatória ficará concluída em 1975, seguindo-se logo a construção da via dos «comboios voadores», no trajecto Tóquio-Osaka, a qual estará pronta em 1980.



$

AUMENTO DE CAPITAL

250 000 contos de aumento de capital

Acções em subscrição pública de

3 a 9 de Junho

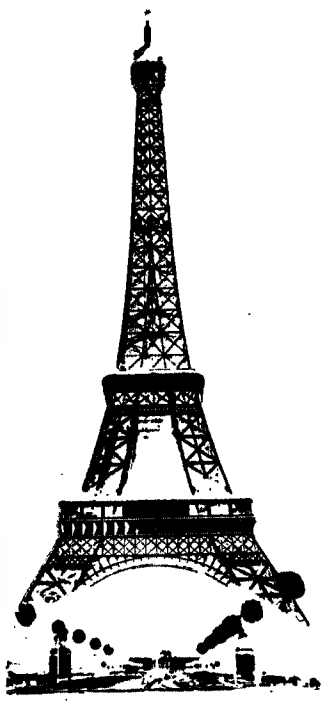
Informe-se no seu Banco

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

AS CONVERSAÇÕES DE PARIS COMEÇARAM HÁ TRÊS ANOS

UM REFLEXO DAS ONDAS PROVOCADAS



As conversações de paz iniciaram-se, há três anos, em Paris, quando ninguém ainda tinha ouvido falar em My Lai, em «incursões» pelo Camboja e o Laos, em «reacções protectivas», em «forças residuais» ou em gritos, alternando com obscenidades, em que se esconde um amargo «Embora e já».

Por sinal, havia, então, no ar fumos de gases lacrimogéneos, como aconteceu, há semanas, em Washington. Os estudantes, naquela Primavera de 1968, estavam empenhados numa revolta e o cheiro a revolução era autêntico, não apenas simbólico — mas isso passava-se em Paris e não em Washington.

Os diplomatas de Washington e Hanói que deram os primeiros e tão auspiciosos passos, ao saírem dos carros que até ali os tinham conduzido esqueceram deliberada e oficialmente os tumultos que campeavam no BairroLatino, contra o Governo do general De Gaulle. Os diplomatas iam reunir-se para se baterem contra o conflito no Vietnam e irradiavam esperança.

Após anos de expectativa, meses de manobras e, por fim, semanas de debates sobre o local a escolher, os Estados Unidos e o Vietnam do Norte encontravam-se, pela primeira vez, numa tentativa para desbravar o caminho da paz, enquanto, lá longe, a luta prosseguia.

Na grande sala de baile do antigo Hotel Majestic, o chefe da delegação dos Estados Unidos, Averell Harriman, de 76 anos, de idade, olhou para a delegação norte-vitnamita, cujos elementos lhe era possível reconhecer, graças a fotografias. Tendo-o identificado, Harriman deu deliberadamente o primeiro passo, atravessando a sala para se dirigir a «Mr Thuy».

O ministro norte-vietnamiano, Xuan Thuy, tal como Harriman, sorria quando o americano lhe apertou a mão. Só no dia seguinte se soube que Thuy mantinha, constantemente, o ar de quem sorri. Um tique, talvez. Mas naquele dia 13 de Maio de 1968 o sorriso deveria ser autêntico.

E tinha razão para isso. Hanói obtivera, pouco antes, uma vantagem inesperada, que poderia ser tida como um êxito espantoso: conseguir impor-se ao presidente americano.

QUESTÃO VITAL

Um país subdesenvolvido, uma potência mundial de quarta ou quinta ordem tinha forçado o chefe da mais poderosa nação do mundo a anunciar em 31 de Março de 1968, que desistia de se apresentar como candidato à reeleição porque umas «divisões de resistentes» se tinham conseguido impor. O presidente Lyndon B. Johnson afirmara aos seus aturdidos concidadãos que iria dedicar os seus últimos meses no Poder a um firme esforço no sentido de converter a paragem parcial dos bombardeamentos americanos sobre o Vietnam do Norte por ele anunciada nessa mesma noite, num acordo de paz «honroso»

Hanói insistira, desde o início da primeira fase das conversações, tendo apenas como participantes americanos e norte-vietnamianos, em que o único propósito daquelas era obter uma paragem «incondicional» dos bombardeamentos americanos sobre o Vietnam do Norte. Só depois disso seria possível empreender negociações no sentido de pôr termo à guerra.

No entanto, tinham-se estabelecido os passos a dar para um acordo de paz, passos esses que foram discutidos desde o início das reuniões de Paris: o Vietnam do Norte exigia que se pusesse termo aos «actos de guerra» contra ele, a completa retirada das forças americanas e o estabelecimento de um Governo de coligação no Vietnam do Sul — significando isto um Governo em que os comunistas, ou os seus agentes, pudessem, ao fim e ao cabo, recorrer ao veto. A posição americana, em resumo, era acabar com o conflito e criar condições para a «autodeterminação» do povo sul-vietnamiano.

A «autodeterminação», sob o ponto de vista americano, centrar-se-ia em eleições. Mas para os norte-vietnamianos, para muitos sul-vietnamianos, e para quase todos os países do Sueste Asiático as eleições derivavam dum conceito estrangeiro, de concepções ocidentais. As eleições na Asia são um processo de confirmação, um meio de aplicar a chancela democrática a um poder préviamente partilhado graças a arranjos particulares. Ninguém iria arriscar o «controle» do poder, num tudo-ou-nada eleitoral, á maneira do Ocidente

A Frente Nacional de Libertação fala em eleições livres no Vietnam do Sul, o mesmo constando nos projectos de paz do Vietnam do Norte ou do Governo provisório revolucionário da Republica do Vietnam do Sul, estabelecido, em Junho de 1969, como representante formal daquilo que os ocidentais daquilo que os ocidentais designam por eleições continua a ser a mesma: a validação da já existentes, ou preestabelecida, partilha do poder. Reside aqui uma das questões vitais, numa guerra psicológica em que uma e outra parte maneja concepções diferentes do mesmo termo: «eleições».

Os norte-vienamianos e o vietcong de um lado, o regime de Saigão e os Estados Unidos do outro, exploram todos essa diferença de significado. É de notar a posição do Vietnam do Sul, que sempre aproveitara esse duplo sentido, contra os Estados Unidos Entretanto, o Governo de Saigão passou a defender o conceito ocidental, para resistir ás pressões que poderiam induzir os seus aliados a admitir o estabelecimento de uma coligação, para substituir o Governo actual — exigência básica do lado comunista.

DUPLO VENCIDO

Os norte-vietnamianos e os vietcongs entendem por Governo de coligação aquele em que os pró-comunistas de veto. É precisamente o poderiam, de facto, dispor que o actual regime de Saigão pretende evitar a todo o custo. Assenta aí uma das razões do conflito, o saber-se quem governará o Vietnam do Sul

Na realidade, não havia apenas duas partes nas conversações de Paris, mas três. Os Estados Unidos acabaram por se ver entre duas correntes — de um lado, os pró-comunistas, do outro, os anticomunistas, com os Estados Unidos no meio, na situação de duplo vencido.

As delongas, ao fim e ao cabo, acabaram por constituir uma vitória diplomática do Governo do presidente Nguyen Ven Thieu e de quantos se mostraram adversários das negociações. O presidente Thieu e o vice-presidente Nguyen Cao Ky poderiam ter agido assim por uma questão de sobrevivência no Poder ou por contarem com o apoio do embaixador Ellsworth Bunker, o único participante americano de relevo cujos serviços passaram da administração do presidente Johnson para a de Nixon.

Em 1968, o próprio Governo de Johnson se mostrou dividido quanto á estratégia a seguir em Paris, e o regime de Saigão jogou com esses desentendimentos. A posição do Governo de Nixon mostrou-se mais de acordo com o ponto de vista do de Saigão, porque este, em meados de 1969, passou a constituir a base da retirada militar dos Estados Unidos, que se mostram, portanto, interessados em refender a estabilidade do Governo Thieu-Ky. Mas o mais forte apoio, em Paris, á estratégia de Saigão veio, paradoxalmente, dos norte-vietnamianos e vietcongs.

É que os estrategas de Saigão conhecem bem os seus adversários marxistas-leninistas, conhecimento esse que ja vem dos tempos da Administração francesa. Os políticos de Saigão contaram, astutamente, com a inflexibilidade do lado comunista, a fim de evitarem qualquer acordo feito em seu detrimento — desde que a política americana continuasse a ser dominada por

Averell Harriman (à direita). O primeiro passo

A GUERRA NO LAOS E O CALVÁRIO DO POVO MEO

Por JEAN-CLAUDE POMONTI

«Desta vez, estão esgotados». Como nota ainda um observador, os meos do general Vang-Pao «parecem ter renunciado a conservar a sua região». Durante mais de uma dezena de anos, bateram-se sob a chefia de um antigo oficial subalterno do exército colonial e da C. I. A. Mas, hoje em dia, o pequeno povo das montanhas do Nordeste laociano parece ter atingido o limite da resistência. Desencorajados, as fileiras dizimadas, arrastando-se de um campo de refugiados para outro, descendo cada vez mais aos vales que sempre consideraram inóspitos, os meos do antigo «exército secreto» continuam, muito simplesmente, explicava já o ano passado um oficial americano, «a fugir e a morrer, a morrer e a fugir»

Há umas semanas, algumas dezenas de milhares deles abandonaram as redondezas da planície dos Jarros, para se dirigirem para Oeste, em direcção a Louang-Prabang, Van-Vieng e Vientiane. Escoltadas pelos seus homens em armas, reabastecidas pelos americanos, cerca de cinquenta mil pessoas abandonaram, assim, colinas e montanhas, fugindo á guerra, com a esperança de que esta nunca mais as perseguirá. Uma vez a longa marcha terminada, os soldados do general Vang-Pao regressaram ás suas posições.

O êxodo deste ano não teve, no entanto, a envergadura do do ano passado. Em Fevereiro de 1970, os americanos e o general Vang-Pao decidiram abandonar a planície dos Jarros, que ocupavam há cinco meses. A população foi reunida e evacuada, primeiro, de avião, e, depois, a pé, para os campos de refugiados, préviamente preparados. Desta vez, os meos partiram por sua própria iniciativa, sem esperar autorização ou ordem. Apanhados, sem dúvida, de surpresa, os americanos conseguiram, entretanto, organizar, a tempo, o reabastecimento aéreo das colunas em marcha. Os meos parecem ter partido sem esperança de regresso.

A VIRAGEM DE 1960

Durante séculos, o velho povo meo, expulso do Norte, espalhou-se pelas montanhas do subcontinente, do Vietnam do Norte á Birmânia. Foi vivendo nas florestas serranas, levando uma vida nómada, praticando uma agricultura itinerante, depois de fazer queimadas, para semear dormideiras. No Laos, os meos chegaram a ser uns quatrocentos mil. Hoje em dia, calcula-se que andam pelos 150 a 300 mil. Dez anos de guerra teriam feito 50% de vítimas nas suas fileiras, se acreditarmos no relatório publicado, em 1970, pelo senador Edward Kennedy.

No fim da segunda guerra mundial, parte dos meos do Laos revoltou-se, aquando do regresso dos franceses e tomou o partido do príncipe Souphannouvong. O seu dirigente, Faydang, é, hoje, membro da Comissão Central do Neo-Lao-Haksat. Mas a maioria alheou-se do conflito e os restantes, seguindo o exemplo de Touby Lyfoung, o «rei dos meos», aceitou colaborar ou viver ao lado de Vientiane e dos franceses.

Os meos entraram, verdadeiramente, na dança — e iniciaram, assim, o que viria a ser o seu calvário — a partir de 1960, quando a C. I. A. os utilizou para montar as primeiras forças de resistência nas províncias de Sam-Neua e Xieng-Khouang, controladas, na altura, pelo Pathet-Lao e os neutralistas. Aquando do cessar fogo de 1961, entre as três facções laocianas, mais de dez mil homens, inteiramente reabastecidos pelo ar, operavam, assim, por detrás das linhas do capitão Kong-Lé e do príncipe Souphannouvong.

Com a cumplicidade do general Phoumi, que era, então, o homem forte de Vientiane, os americanos tinham constituído o seu famoso «exército secreto», posto sob o comando de Vang-Pao, oficial meo do exército realista. Promovido a coronel — e dirigente dos meos graças ao apoio americano — Vang-Pao dispunha, aquando da assinatura dos acordos de Genebra, de dezoito mil homens, enquadrados, treinados e equipados pela C. I. A. O seu exército meo chegaria a contar, mais tarde, com trinta e seis mil homens, isto antes de se iniciar o seu declínio. Os franceses tinham considerado os meos demasiado individualistas para se preocuparem com eles. Os americanos decidiram as coisas de maneira diferente.

VÍTIMAS DE UM ERRO

Tudo os levava a isso: a fraqueza do Exército real e o seu escasso entusiasmo em combater nas montanhas, a impossibilidade, cada vez maior, de se baterem directa e abertamente no Laos, a necessidade de estarem presentes nas fronteiras do Norte e, eventualmente, a vontade de reduzir a zona de influência do Pathet-Lao. O auxílio americano aos refugiados, fará notar, mais tarde, o Congresso, foi, essencialmente, uma «cobertura» para as actividades paramilitares da C. I. A. O fim principal daquele auxílio, acrescentará o relatório do Congresso «foi militar e estratégico, e não social e económico». Os meos foram discretamente recrutados para constituir «forças especiais», enquadradas por antigos «boinas verdes» americanos. A operação foi dirigida da base de Udorn, situada no Nordeste da Tailândia. O Governo de Vientiane adoptou uma atitude bastante realista: não abriu boca.

DAS PELO CONFLITO

WASHINGTON &

Por MURRAY MURDER

«falcões», decididos a exigir um alto preço por aquilo que consideram uma paz «honrosa». Tais esperanças não estavam mal fundadas. O resultado das conversações de Paris, afirma muita gente, poderia ter sido diferente do caso das «pombas» dominarem a política americana. Mas já nem a história lhes pode dar resposta, pois não se pode provar, agora, se sim ou não isso resultaria.

RESULTADO TANGÍVEL

O secretário de Estado, Dean Rusk, foi uma das personalidades oficiais a exprimir, particularmente, a convicção, antes das conversações de Paris, de que delas não surgiria a paz.

O obstáculo posto ao acordo, segundo Rusk, era simples e absoluto: «Eles (os comunistas) querem o Vietnam do Sul e nós não o consentimos». A guerra, por outras palavras, terá de continuar. Outros, como Harriman, defendiam uma posição muito diferente. Os Estados Unidos comprometeram-se num conflito em que empenham vidas e fazenda e devem, em nome dos seus interesses internos e internacionais, procurar desvincular-se dele, pondo termo ao seu confronto com o Vietnam do Norte, por meio de um acordo político, cuja concretização caberia aos dois Vietnames.

Entretanto, Dean Rusk e Walt W. Roston, conselheiro do presidente para a Segurança Nacional, impediram que se levassem a cabo as «aberturas» preconizadas por Harriman. Segundo este e outros especialistas as conversações de Paris não foram positivas porque não se soube superar os momentos críticos de Outubro de 1968 e Janeiro de 1969, cortando-se o fio da continuidade — acontecimento cujas culpas Harriman assaca a Saigão.

O unico resultado tangível de três anos de negociações, em Paris, foi o pôr-se cobro aos bombardeamentos do Vietnam do Norte. E isto conseguiu-se graças a conversações secretas entre os Estados Unidos e Hanói, fora do ambito das conferências oficiais.

A fim de contrabalançar a recusa de Hanói em admitir «condições» para a interrupção dos bombardeamentos sobre o seu território, os Estados Unidos avisaram o Vietnam do Norte de que o acordo seria posto imediatamente de lado se as tropas comunistas fizessem fogo de artilharia sobre as principais cidades sul-vietnamitas — como Saigão, Hué ou Danang — ou «violassem» a área desmilitarizada, com seis milhas de largura, que separa os dois territórios.

KISSINGER FAVORÁVEL

Foi em 31 de Outubro de 1968 que o presidente Johnson anunciou o termo de «todos os bombardeamentos aéreos, navais e de artilharia sobre o Vietnam do Norte» «O que esperamos agora — afirmou o presidente — são imediatas, produtivas, sérias e intensivas negociações, numa atmosfera que pode conduzir a bons resultados». Anunciou, então, que as conversações de Paris se reatariam em 6 de Novembro, nelas tomando parte a F. N. L. e Saigão.

O Vietnam do Sul, anunciou, logo a seguir, que não estaria presente porque os termos propostos eram inaceitáveis. Esta recusa, afirmaram os partidários de Hubert H. Humphrey, destruía a ultima esperança dos democratas em vencerem as eleições presidenciais desse ano.

Saigão atrasou o envio de uma delegação até 8 de Dezmbro. O Vietnam do Sul manobrou de modo a protelar a abertura da conferência por mais umas seis semanas, com problemas à volta do feitio da mesa, enquanto a vida da Administração Johnson ia expirando, lentamente, como os estrategos de Saigão pretendiam, pois estavam convencidos de que os seus interesses seriam melhor defendidos sob o governo de Nixno.

Em Janeiro de 1969, reataram-se as conversações de Paris, agora já sob a Administração de Nixon, tendo como chefe dos delegados americanos Henry Cabot Lodge, substituto de Harriman.

A passagem de Johnson para Nixon, assim como a substituição de Harriman por Lodge, produziu significativas alterações na estratégia americana. A ansia de Harriman em conseguir um acordo de paz era objecto das desconfianças de Saigão. Lodge, pelo contrário, tinha sido embaixador naquela cidade e trabalhado com Cao Ky. Além disso, sabia-se que não acreditava em que a guerra pudesse terminar por meio de tais negociações. Saigão saudou Lodge como «um velho amigo».

Uma das figuras de maior relevo era agora Henry A. Kissinger, conselheiro de Nixon para a Segurança Nacional, que acreditava nas negociações e até tinha trabalhado, particularmente, para a sua consecussão. Mas Kissinger também estava convencido de que o maior risco que os Estados Unidos poderiam correr seria o de imporem um Governo de coligação, o que, a seu ver, contribuiria para «a destruição das estruturas políticas existentes no Vietnam do Sul e conduziria á conquista do poder pelos comunistas».

«Os Estados Unidos», escreveu Kissinger, em Janeiro de 1969 «devem concentrar-se em remover as forças estranhas e recusar-se, tanto quanto for possível, a negociações sobre a estrutura interna do Vietnam do Sul».

«Ainda que um governo de coligação seja desejável» afirmou Kissinger, «pode ser util o estabelecimento de uma comissão que supervisará a reintegração política do País, incluindo eleições livres. E deve estar presente uma força internacional para se reforçar a boa-fé... Pôr um termo «honroso» ao conflito é essencial á paz no Mundo».

Kissinger, mais tarde, referiu-se a um reforço do exército sul-vietnamiano a fim de se permitir a retirada gradual de algumas tropas americanas, além de encorajar Saigão «a alargar as suas bases de modo a fortalecer-se para um enfrentamento político com os comunistas, que, mais tarde ou mais cedo, acabaria por ter lugar».

O PREÇO DE HANÓI

Kissinger acredita que a Administração Nixon não precisa de estar á espera de novas propostas, coisa de que Harriman se mostrava sempre tão sequioso. A Administração precisa de tempo para examinar, com cuidado, as novas opções — não tem necessidade de ser precipitada como o Governo de Johnson, pois ainda tem muito tempo á sua frente.

Este ponto de vista, que tem o apoio do presidente, converteu-se na política do Governo, acrescido da retirada gradual das tropas americanas, movimento este sob a orientação do secretário da Defesa, Melvin R. Laird. O secretário de Estado, William Rogers, apoia, com entusiasmo, essa retirada «irreversível».

Em Paris, Lodge, no cumprimento de instruções e por inclinação pessoal, procura não se mostrar demasiado ansioso por se encontrar com os diplomatas comunistas, seus adversários.

O que contribuiu para firmar esta posição do Governo de Nixon contra qualquar compromisso foi o fracasso de um plano, tentado secretamente, na Primavera e principios do Verão de 1969, a fim de se ver se seria possível negociar-se um compromisso político entre o Vietcong e o Governo de Saigão, compromisso esse que seria, depois, confirmado, publicamente, por meio de eleições, eleições estas que satisfariam a exigência americana de um acordo «honroso», em termos ocidentais.

Pensa-se no interior da Administração Nixon que o plano não passaria de uma «folha de parra» — que mal encobriria a «honra» — e que se correria o risco de os comunistas, uma vez dentro das estruturas de Saigão, acabarem por controlar toda a política.

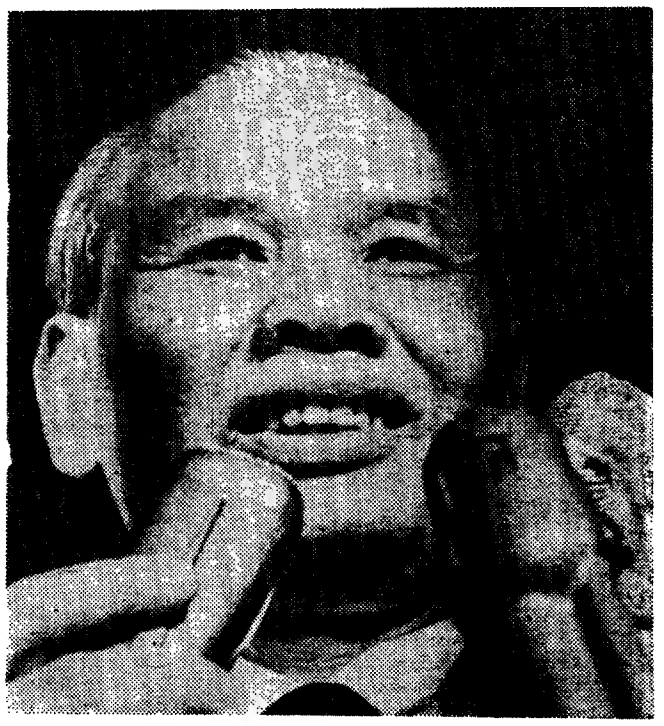
Os diplomatas soviéticos estabelecidos em Paris, participaram, secretamente, nas negociações, transmitindo aquela «abertura» aos norte-vietnamianos. Os pormenores deste esforço frustrado nunca foram tornados publicos, mas os resultados estão á vista. Hanói não foi «comprada». O seu preço é a cabeça dos actuais dirigentes de Saigão, especialmente Thieu e Ky, o que repugna ao conceito americano de «honra».

Tem sido a isto afinal, que levam a malograr-se todas as tentativas diplomáticas para se encontrar uma saída. Ambas as partes apresentam as suas propostas de paz, mas não se passa daí. Desde a morte de Ho Chi Minh, em Setembro de 1969, que as conversações de Paris não passam de uma estéril batalha de propaganda.

Uma vez que os Estados Unidos lançaram o seu projecto de retirada das tropas americanas e de reforço das do Vietnam do Sul, ficaram vinculados á estabilidade do Governo actual.

Quando a estratégia comunista impunha a retirada completa de todas as forças americanas na Indochina, seria porque não teria contado, a princípio, com o reforço das forças militares sul-vietnamianas. Embora tenha sido batido no Laos, o exército de Saigão, constituído por um milhão de homens, não pode sed destruído por Hanói e pelo Vietcong, nem estes estão em condições de evitar que o mesmo estenda o seu «contrôle» a todo o País.

Na conferência de Paris apenas se reflectem as ondas provocadas pelo conflito. A verdadeira batalha estendeu-se ao Camboja e ao Laos.



Xuan Thuy, delegado norte-americano. O ar constante de quem sorri

Os americanos pensavam ter encontrado, á escala laociana, uma resposta ás suas dificuldades no Vietnam do Sul. As colinas e montanhas do Laos estavam ao abrigo dos olhos demasiado curiosos.

O general Vang-Pao não tem, hoje, mais de oito a nove mil meos sob as suas ordens, e a respectiva média de idades, segundo fontes oficiais e americanas, é de quinze anos. Habituados a percorrer os trilhos da montanha, vêem-se, agora, acantonados nas colinas que circundam a planície dos Jarros e, sobretudo, em Long-Cheng, o seu quartel-general, a oeste daquela planície. Vang-Pao prometeu-lhes a reconquista das suas montanhas e o regresso das famílias. Tanto de dia como de noite, estão ameaçados pelos foguetões dos adversários. Foram mesmo vítimas, em Fevereiro último, de um erro dos bombardeiros americanos. Dois deles atiraram bombas sobre Long-Cheng, fazendo, de início, poucas vítimas. Mas também tinham lançado bombas de efeito retardado. Os americanos que se encontravam em terra foram avisados, a tempo, pela rádio e deixaram-se estar nas trincheiras. Os meos não o foram e as bombas mataram mais de duzentas pessoas.

Há dezoito meses que o exército meo não deixa de sofrer reveses, e o general Vang-Pao passa, parece, por períodos sucessivos de euforia e depressão. No princípio do ano, bastante desanimado, reuniu os chefes de tribo e falou-lhes em procurar um verdadeiro refúgio para os meos, longe do conflito. Ganhou, depois, coragem com a chegadas de reforços — elementos tailandeses assim como três batalhões do exército real. Mas as tropas sob o seu comando só em metade são constituídas por meos. Avalia-se em sete mil o número de homens e crianças do exército meo abatidos desde o início da guerra. Conta, nesta altura, com gente muito nova ou muito velha. Aos dez anos, os meos aprendem a servir-se de uma espingarda, sonhando com a grande aventura. Aos doze ou treze sobem para um avião, para se irem juntar aos mais velhos. Parecem até mais pequenos do que a espingarda.

«CAMPAINHA DE ALARME» OU «TAMPÃO»?

Um relatório da missão americana em Vientiane indicava que, desde o ano passado, «os meos deixaram de ser o instrumento militar que haviam sido, especialmente se se levar em conta quanto custa o seu apoio em material e todos os problemas psicológicos, sociais e humanos decorrentes do modo como são utilizados. Por outras palavras, foram utilizados até ao máximo da tensão e muitos deles não se coibem de afirmar que já não podem mais».

A seguir á evacuação da planície dos Jarros, em Fevereiro de 1970, numerosos meos foram reagrupados em Ban-Son, a uns trinta quilómetros de Long-Cheng. A partir deste centro, que estabeleceram e administram, os americanos fornecem auxílio a cerca de 100 mil refugiados da província de Xieng-Khouang. Em princípios de Março deste ano, o Pathet-Lao atacou as instalações americanas de Ban-Son, destruindo tudo quanto pôde. Foram mortos quatro soldados e seis civis. O Pathet-Lao tinha avisado a população, três semanas antes, e seis a sete mil meos refugiaram-se, á noite, na floresta, só voltando ao centro durante o dia.

Foi, portanto, decidido, deslocar uma parte destes refugiados, cerca de oito mil, para Muong-Tia, a uns sessenta quilómetros de Paksane. Haveria, entre eles, uns quinhentos inválidos. Estabeleceram-se «controles» na estrada de Vientiane, para onde muitos desejariam dirigir-se. Muong-Tia é um sector mais ou menos controlado pelo Pathet-Lao. Os americanos esperam, portanto, que uma vez estabelecido aquele grupo de meos, formado apenas por civis, acabará por conseguir um entendimento com o Pathet-Lao. Em todo o caso, segundo afirmam alguns americanos, o grupo acabará por servir de «campainha de alarme» se o Pathet-Lao ameaçar de novo, Ban-Son. Edgar «Pop» Buell, chefe do auxílio aos refugiados, não escondeu a um jornalista que os utilizariam como «tampão».

VIDA DEBILITANTE

Os meos tornaram-se um grande problema e um alvo para o Pathet-Lao, em 1960, quando começaram a operar por detrás das suas linhas, com conselheiros americanos. Uns anos mais tarde, tornaram-se um autêntico perigo, até para Hanói, quando ajudaram os americanos a montar radares ao longo da fronteira norte-vietnamiana, especialmente no cume de Pati, na província de Sam-Neua. Hoje em dia, alguns deles, refugiados pela décima ou vigésima vez, terão, tudo o indica, de descobrir uma plataforma de entendimento com o Pathet-Lao, tendo de renunciar ao auxílio americano em géneros e medicamentos. Será este, talvez, o caso dos de Muong-Tia.

Segundo o relatório Kennedy, quase toda a população meo se encontra refugiada, e cada estação pode significar o momento de um novo êxodo. Algumas famílias, que conseguiram sobreviver a esta vida debilitante, foram deslocadas dezoito vezes. A guerra, a desnutrição e as doenças resultantes destas deslocações têm efeitos incalculáveis e explicam as elevadas taxas de mortalidade. Segundo os cálculos oficiais americanos, aquando da evacuação da planície dos Jarros, em 1970, uma pessoa em cinco morreu no caminho. O relatório Kennedy acrescenta: «O «controle» da população, e as suas deslocações estratégicas foram utilizadas de maneira extensiva no Laos. «Entre as razões justificativas dessas deslocações, o relatório da missão americana em Vientiane citava, com efeito, a vontade de impedir que o inimigo controlasse uma população muito importante.

Para os meos do Laos, a guerra tornou-se uma fuga sem fim. Habituados ás suas montanhas e colinas, adaptam-se mal ao clima e á vida nos vales. Ao deixarem os seus carreiros na floresta, abandonam também um estilo de vida. Os mais novos já lá não se encontram, mortos ou evacuados para os hospitais onde são, frequentemente, muito bem tratados. E, quanto mais os meos recuam para o Oeste ou para o Sul mais se embrenham nos vales. «Meu pai», terla dito, recentemente, o general Vang-Pao a Edgar Buell, já não há mais montanhas, e quando não houver mais montanhas, não haverá mais meos».

RIO DE JANEIRO

A LITERATURA NA EUROPA MORREU

Por CHIANCA DE GARCIA

Estive ontem com ele. Num grupo onde havia algumas mulheres de letras, bastantes jornalistas, e meia duzia de escritores em estado de justa euforia. Porque foi aqui no Rio de Janeiro que o homem gritou bem alto a sua frase-bomba.

— A literatura na Europa morreu. Nós, os latinos-americanos, estamos totalmente recriando o romance.

Houve um largo momento de aplausos:

— Mete o Brasil nessa! — gritou alguém.

Então ele, o argentino Manuel Puig, maior, vacinado, explicou que, com Jorge Luís Borges e Julio Cortazar, os três podiam ser considerados as maiores figuras da literatura no mundo...

— E Gabriel Garcia Marquez?

— Está na mesma linha.

Uma romancista concedido, já de certa idade (pelo menos três operações plásticas) indagou, curiosa:

— Porque há no seu livro demasiado ódio? Demasiado desprezo pelo ser humano?

— Minhas obras são marcadas por aquele sentimento de frustração que é característica da classe média argentina...

— Defina a sua maneira...

— O romance moderno tem de ser popular, isto é, acessível ao povo, sem deixar de ser renovador. O meu êxito, sem baixar de nível poético e literário, embora desprezando a perfeição do estilo, consiste em saber atingir a massa geral dos leitores.

— Mas na Europa o seu êxito é total?

— Talvez não. Ainda há muita gente que considera o sul-americano como sub-raça.

Consegui, por fim, chegar junto dele. Pedi-lhe que assinasse o volume *Bonequinhas pintadas* que acabara de comprar. Sorriu, e assinou.

Perguntei-lhe então:

— Conhece a literatura portuguesa contemporanea?

Mostrou-se surpreso. Lembrei meia duzia de nomes. Ouviu-os em branca nuvem.

— Sabe que Portugal faz parte da Europa?

Mas já uma jovem repórter interferia pedindo-lhe que falasse dos brasileiros. Ele, aí, citou João Guimarães Rosa.

— E pró Autran Dourado, nada? — indagou uma voz.

— Sim, talvez.

— Talvez o quê?

— Talvez possa ingressar connosco neste grupo latino-americano que é hoje, repito, dono e senhor do romance no mundo.

Eis os factos. E vocês, amigos, como aceitam as declarações de Manuel Puig?

OS DOIS SÍMBOLOS

— Você que tanto se interessa pela Lisboa de hoje pode compará-la com a Lisboa do seu tempo?

Esta pergunta é feita pela segunda vez, pelo mesmo leitor. À primeira não respondi. Cadê coragem?

De Lisboa estou afastado há longos anos. Sei do seu progresso e dela tenho visto mil e uma fotografias. Todas lindas. Também a conheço por cartas dos meus leitores. No fundo há centenas de Lisboas. Cada pessoa a vê a seu modo. O turista diverte-se. O habitante comum orgulha-se. Mas os alfacinhas, no fundo do coração, desconfiam uns dos outros, assaz pinamaniquemente. Todos se fecham nos seus pontos de vista. E a diferença desses pontos de vista cria fronteiras eriçadas de dogmas, de preconceitos, de desconfianças.

Isto, porém, não é de hoje, nem de ontem. São males que se reproduzem há séculos. Quando eu era criança tinha acabado a monarquia e implantara-se a Republica. Havia ódios mutuos. Depois eram os republicanos a devorarem-se entre si. No tempo da minha avó ela sabia recordar as lutas ferozes entre miguelistas e liberais, que sentira e vivera no próprio seio da família. Penso mesmo que sempre foi assim. Há velhos rancores que subsistem de geração em geração...

Quando eu saí de Lisboa, o castelo de São Jorge era um monte de ruínas. Hoje, pelo que sei, e pelo que vejo nas fotos, ergue-se, espectacular, compondo cenográfica e turísticamente uma imagem gloriosa do passado.

Muito bonitas, sem duvida, as muralhas do Castelo. Tanto que as considero como um símbolo. Porque eu inventei dois símbolos de Lisboa. Um deles é o Castelo. O outro é a Torre de Belém. Essa, eu conheço desde «bambino». Muito brinquei por lá quando uma fábrica de gaz, com suas fornalhas do inferno, a enfarruscava e humilhava. Na Torre sempre encontrei o símbolo de Lisboa, recebendo, á entrada da barra, o vento de todos os progressos do mundo. Quando a olho agora nas fotos, vejo-a como uma gaivota, branca e linda, mas com as antenas desligadas.

Por sua vez, o Castelo, com as suas altas muralhas, é, para mim, o símbolo daqueles que, por detrás delas (como escreveu há dias um outro leitor destas crónicas) se juntam vigilantes, para defender as estruturas do passado.

Eis a verdade. Lisboa sempre foi assim. um velho hábito transformou o desacordo em maldição. E assim se vai mantendo entre estes dois símbolos até que chegue a hora em que se abra entre o Castelo e a Torre um largo campo de fraternidade. Difícil ás pampas. Porque, depois de tantos séculos, eu sinto que em Lisboa se não em Portugal, a intransigência parece também ser feita de granito.

UM POETA E OS SEUS LIVROS

Eu sou, talvez, o que José Gomes Ferreira enjeitou de si próprio. Fomos companheiros inseparáveis. Levei-o para muitas das minhas aventuras. Mas em nenhuma delas ele deixou de ser o que era; o Poeta. Eu vivia indócil, ora querendo isto, ora aquilo. Arrastei-o para várias loucuras. Ele ia. Mas continuava intocável. Deixava-me em liberdade. Eu podia descer onde quisesse. Ele ficava sempre lá no alto. Gozando, por certo, os meus desatinos. No entanto, se há dois seres humanos diferentes, mas que se sentiam como irmãos, éramos nós dois.

Isto durou anos. Depois eu vim para o Brasil. Raras vezes, ou nunca, nos correspondemos. Mas ambos sabíamos que existíamos. Ele tinha vagas notícias a meu respeito. Dele diziam-me, num sorriso: — Lá está, poeta como sempre.

DOIS

Até que um dia começaram a chegar ás minhas mãos os seus livros definitivos, a que ele ia acrescentando, nas páginas liminares, extensas e autografadas lembranças da nossa convivência. Agora, ao receber de novo, em quarta edição, o volume *Poesia III* fui á estante e, por curiosidade, procurei as edições anteriores. Então, de cada uma delas, resolvi colher um ou outro trecho dos seus desabafos.

Para quê? Para que vocês, leitores, vejam, como, com o pasasr dos anos, José Gomes Ferreira foi tomando consciência de si mesmo.

Eis algumas tas suas palavras, na primeira edição de *Poesia III*.

— Penso muitas vezes em você e nesta tristeza de lhe não escrever. Mas de vez em quando fujo por essas ruas como nos velhos tempos. Lembrase?

E na segunda edição quando eu já colaborava neste nosso jornal:

— Querido ressuscitado da Pátria! Sinto-me feliz por encontrar no «Diário de Lisboa» o velho companheiro da minha juventude com toda a garra da juventude e a experiência amadurecida de um homem vivido. Eu também por cá ando. Continuo a ser o mesmo apenas com o nome um pouco mais divulgado. Continuo presente nos meus sonhos, e na minha furia de não me render.

Já na terceira edição escreve assim:

— Você está longe e quando me aborreço e preciso desabafar lembro muitas vezes de si e atiro mágoas para o mar que nos separa. O Drummond mandou-me algumas palavras que verdadeiramente me comoveram. Dizem que ele é frio. Nas cartas, não. Aquece.

E nesta quarta edição, recebida agora:

— Como vê, os meus livros não são abandonados pelo publico. Quem nos diria, na nossa juventude, que eu teria, aqui, quatro edições de três mil exemplares do mesmo livro de versos? Amanhã deve sair a 2.ª edição da «Poesia IV» cuja primeira se vendeu em quinze dias.

E mais adiante:

— E por aqui me fico, hoje, querido amigo que leio todas as semanas, sempre com esta raiva: — porque é que este malandro não se resignou á pátria? A esta hora estaria aqui a nosso lado a escrever e a sonhar.

TRÊS

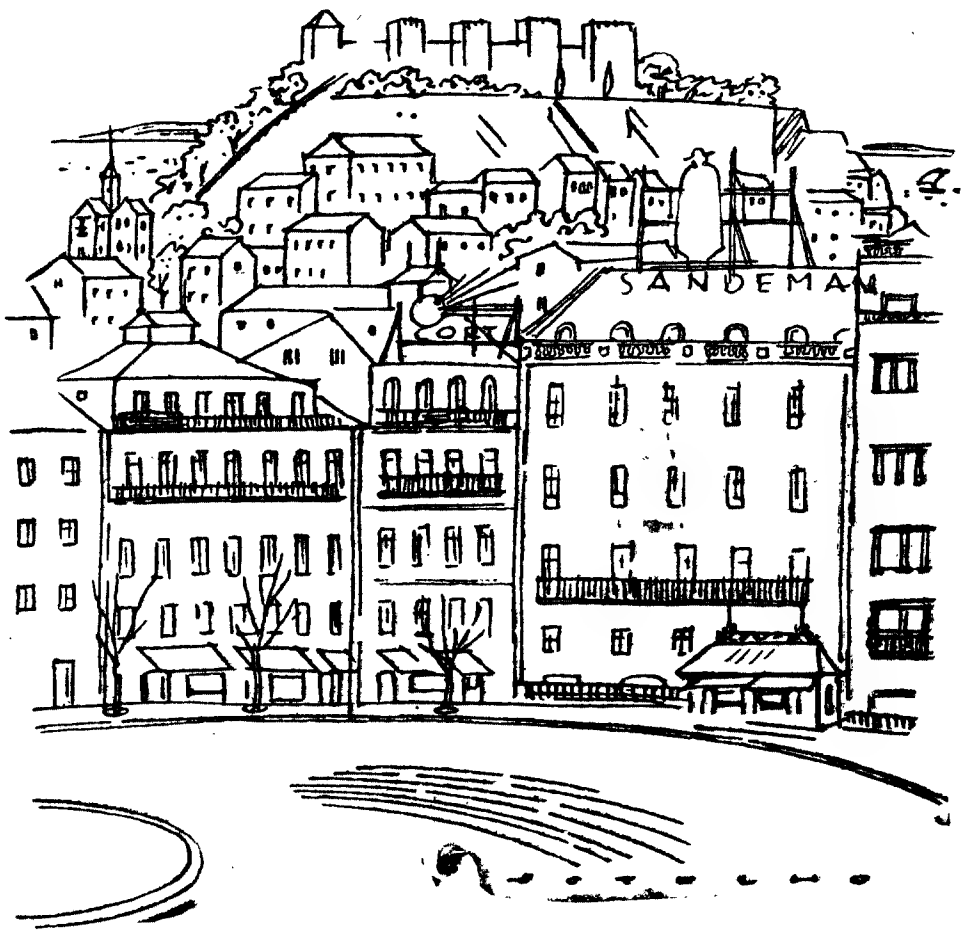
Não, Zé Gomes, não estaria com vocês escrevendo, nem sonhando. De longe sinto melhor Portugal, no que vocês escrevem. E depois eu gosto destes mundos novos, ás vezes errados, mas tumultuosos e cheios de contrastes.

UM SUJEITO IMPORTANTE

Sim, eu sei da existência de Arnaldo Saraiva. Já ouvira falar da sua inteligência, já sabia há muito que ele trabalhara numa obra (inexplicávelmente inédita) sobre Carlos Drummond de Andrade. Tão depressa está, como não está em Portugal. Sei que andou por estes Brasis. Que entra por um volume numa biblioteca de Madrid e sai de dentro de outro volume numa biblioteca de Munique. É alguém de quem se fala e nunca se sabe onde está, porque, afinal, está em toda a parte onde haja um pedaço da sua prosa. Há autores assim. Que se encontram vivos nos seus textos. Presentes e lucidos como nestes dois pequenos volumes que me enviou recentemente, embora, como autor, dele sejam apenas os belos prefácios, as selecções e as notas. Ouço-o ler Brecht que traduziu para nós, leitores, de forma que todos julgamos saber alemão. Ouço-o falar de erotismo, e encanto-me com a acuidade do seu julgamento, eu que estou cansado de ler tudo que diáriamente se vende e se escreve, e se fala, e se vê, no Brasil, sobre o assunto. Uma grande figura este Arnaldo Saraiva. Terá os amigos e o ambiente que merece?

Não sei. No entanto, quando quer também desce ao quotidiano (como no folheto *Um nome para o seu filho*). Mas aí dá-me o prazer de concorrer comigo na futilidade e no efémero.

Copa, Maio de 71



PAQUISTÃO: EMINENTE A QUEDA DO PRESIDENTE YAKYA KHAN?

Por WILLIAM COUGHLIN

O facto de o valor da rupia paquistanesa ter caído regularmente leva numerosos observadores diplomáticos estrangeiros a pensar que o agravamento da situação económica do Paquistão seria susceptível de procurar, em breve, a queda do presidente Yahya Khan.

Com efeito, o Governo paquistanês encontra-se disposto a admitir que a guerra civil na província oriental do Paquistão tem graves repercussões sobre a economia do país.

Os observadores de Karachi estão convencidos de que as classes no poder não hesitariam em sacrificar o general Yahya Khan, a fim de obter o auxílio ocidental necessário para enfrentar as consequências materiais e financeiras da guerra civil. Ao tornarem o presidente Yahya Khan responsável pelos acontecimentos do Paquistão Oriental, os homens que dirigem o país poderiam, efectivamente dizer: desembaraçamo-nos da terrível personagem que é responsável pela efusão de sangue. Agora que ela partiu, venham ajudar-nos a restabelecer a situação.

É curioso notar que o general Yahya Khan foi, efectivamente, um dos homens mais moderados do grupo de dirigentes paquistaneses durante a última crise, e certos observadores estrangeiros crêem que ele foi obrigado a recorrer ao uso da força mais extrema sob as pressões dos membros mais militantes das classes dirigentes paquistanesas. Estes homens, proprietários de terrenos, industriais e militares, à frente dos quais se encontram os representantes das 22 famílias mais ricas do Paquistão, mostraram a sua força, há dois anos, ao imporem a destituição do presidente Ayub Khan e a lei marcial.

Pensa-se que o Governo paquistanês necessitará de um auxílio em alimentos, este ano e durante grande parte do próximo, como a subida vertiginosa dos preços indica. A rupia, que, normalmente, é trocada na proporção de 4,5 para um dólar, não chegava a valer um terço desta importância ainda recentemente, no mercado negro. O quanto que os bancos dos aeroportos as adquirem a 10 para um dólar.

O auxílio dos Estados Unidos encontra-se, pràticamente, em ponto-morto desde o começo da rebelião da província oriental, em 25 de Março último. As expedições de juta e de chá do leste do Paquistão cessaram igualmente, após o início da luta. Os portos de Chittagong e de Khulna sofreram estragos durante os combates dos últimos meses e grande parte da mão-de-obra fugiu.

COMPREENDER A ESPANHA (2)

PRESERVAR A PAZ INTERIOR

Por JEAN GREACH

O caudilho e o «sucessor»

«O senhor acredita que em Praga ou Varsóvia se pode falar como falamos aqui? Discutir o regime, ver antigos ministros atacar, pùblicamente, o Governo?... E nós, que nos opomos ao regime, jantar com o sucessor do actual chefe de Estado, sem termos de nos esconder?... Pois olhe, se eu tivesse de escolher entre o comunismo, mesmo polaco, e o franquismo, mesmo o franquismo duro dos anos 50, não hesitava: fazia-me franquista!»

É um dos amigos dos anos difíceis, um dos dirigentes do que os chama em Madrid a «oposição democrática», um autêntico socialista, que, dantes não via saída para a ditadura fora do bloqueio das grandes democracias e da intervenção do Exército...

Presuntos e mantas de entrecosto pendem das traves desta «tasca» galega de Madrid — «El Lacon», o toucinho. Não se vê aqui um estrangeiro. Os «chatos», copos de vinho, deslizam de uma ponta à outra do balcão, destramente expedidos até às mãos dos clientes. Respeita-se o ritual — primeiro, uns «chatos» e depois a refeição típica — «caldo gallego», que é uma espessa sopa de couves, e «fabada», um guisado asturiano. E escorripicha-se um valdepenas, um palhe manchego, de reflexos escarlates e sabor a pedras.

«As consequências do julgamento de Burgos?... Uma situação completamente nova... Antes de tudo, um exército atento... Não em estado de alerta, como pensam no estrangeiro: o seu nacionalismo foi reforçado. Sente-se a Grande Vestal da Pátria... Depois, houve as manifestações de 17 de Dezembro, em Madrid, Barcelona, e em todas as províncias. Os oficiais não estavam sós: em Madrid são, no máximo, uns 400 ou 500... No dia 17, na Praça do Oriente, havia 300 mil pessoas e não eram apenas burgueses... Os reflexos nacionalistas tiveram o seu papel: a ETA não é, a nossos olhos, apenas a possível violência nas ruas, que não desejamos. É o risco do separatismo, do desmembramento da Espanha... A opinião pública francesa deu a impressão de fazer causa comum com gente que pretende desmembrar o país: se hoje apoiamos o Exército é porque ela defende a integridade da Espanha».

No dia seguinte, em Palomeras, nos confins dos arrabaldes madrilenos e das barracas que descem até junto às linhas da Andaluzia, encontrei-me com elementos de uma comunidade cristã, pedreiros, mecânicos, médicos, empregados... Média daidades: trinta anos. Cor política: entre o socialismo cristão e o marxismo. Paraíso sonhado: a União Soviética.

«Então... e Burgos?»

Resposta sem rodeios:

«Como é que queres que estejamos de acordo com esses, com os da ETA? Que eles atirem, de acordo! Mas arrancar-nos um pedaço da Mãe-Pátria? Não, isso nunca!»

E um dos rapazes saiu-se com esta.

«Aliás o Exército é da nossa opinião».

Ordem nas ruas. Integridade do território nacional: hoje em dia, para ser viável, qualquer programa político espanhol tem de se submeter a estes dois imperativos de segurança. Burgos não fez mais do que reavivar tal sentimento. Num país em que, de há trinta anos para cá, a política oposicionista se manifestava apenas por minúsculos movimentos «broWianos», numa atmosfera rarefeita, a sacudidela do julgamento, seguindo-se ao escândalo Matesa e às paixões que este desencadeou, depois da designação do príncipe Juan Carlos como sucessor do general Franco, levou todos os campos a reflectir. Agitam-se ideias novas aos mais altos níveis, esboçam-se, pùblicamente, certos reagrupamentos partidários, os homens revelam-se através de uma actividade política impensável há poucos meses atrás: é caso para perguntar se, em parte por consentimento dos novos homens do regime, e, outro tanto, graças ao dinamismo da nova sociedade, a autêntica condição de segurança, não estará a ganhar corpo a aprovação, pelos espanhóis, das suas instituições.

A SUCESSÃO DO CAUDILHO

Não se pode compreender a situação e as novas condições de esgurança interna da Espanha sem conhecer as que permitiram, em 1969, o estabelecimento da sucessão e do novo gabinete.

Nos primeiros dias de 1970, um grande humanista espanhol, Pedro Saenz Rodriguez, que tinha sido o primeiro ministro da Educação Nacional de Franco, abandonou o seu exílio em Lisboa. Saenz Rodriguez manteve-se, durante 30 anos, fiel ao conde de Barcelona — pai de Juan Carlos. Regressava a Madrid e à Universidade. Fora, até aí, um encarniçado inimigo do Caudilho. O seu regresso não significava, apenas, a paz entre a monarquia dos Bourbons e o Chefe de Estado espanhol.

Seis meses antes, em 22 de Julho de 1969, o general Franco tinha anunciado, nas Cortes, que escolhera para seu sucessor o filho mais velho do conde de Barcelona, o príncipe Juan Carlos. O Caudilho sentara-se e o príncipe, pusera-se de pé, diante dos microfones, enfiado na farda caqui de capitão de infantaria. Num curto discurso, desprovido de retórica — ninguém lhe tinha dado a mão para o elaborar e o general havia-se recusado a tomar dele conhecimento antecipado — o príncipe aceitou a designação. Franco olhou para ele, de lágrimas nos olhos. É preciso ter visto a cena para compreender as modificações que o regime acaba de empreender. Os homens que tinham preparado, para o general, um momento como aquele, mereceram, durante muito tempo, a sua confiança.

O conde de Barcelona tinha, até então, proclamado, constantemente, a sua recusa em renunciar aos direitos que lhe vinham do pai. Afonso XIII. Mas, aí por 1968, os partidários de tal recusa começaram, na sua maior parte, a dar mostras de cansaço; como muitos outros, acabaram por se convencer de que só uma «instauração», na pessoa de Juan Carlos, e realizada, em vida, pelo Caudilho, poderia conciliar o interesse da dinastia legítima e a reserva de muitos militares a seu respeito. Ao mesmo tempo, a autoridade do conde de Barcelona, nem sempre bem rodeado, foi enfraquecendo, no meio de intrigas a que sempre fora alheio. Quando Juan Carlos foi designado, impeliram-no a desautorizá-lo. Ouviu os mais lúcidos dos seus conselheiros e limitou-se a afirmar, num manifesto, que «se considerava como espectador» do acontecimento. Era encaminhar-se para o reconhecimento. Em 21 de Julho já ele tinha dissolvido o seu secretariado político bem como o conselho privado. Seria tudo ignorar do afecto e da confiança que unem pai e filho, que se exprimiram, logo em 23 de Julho, por duas conversas telefónicas entre Madrid e o Estoril, assim como o carácter do conde de Barcelona, incapaz de maquiavelismo, o pensar que a sua aceitação pudesse assentar fosse em que reserva fosse. Uma fórmula oficial virá, um dia, exaltar o sacrifício do conde de Barcelona, selando pùblicamente, o seu consentimento. Por mais íntimo e familiar que este tenha sido, o certo é que era fundamental: passava-se, assim, sobre a legalidade franquista uma unção de legitimidade. Esta fusão iria provocar o degelo de uma vida política há trinta anos congelada e dar lugar a aproximações essenciais.

A «OPUS DEI», GRUPO DE PRESSÃO OU BODE EXPIATÓRIO?

Ao designar o seu sucessor, Franco criava a primeira condição para uma sucessão pacífica. Faltavam duas ainda: o enraizamento desta solução no corpo do país e que o Exército «adoptasse» o príncipe. Para que o «enxerto» pegasse, o general Franco tinha confiado o governo, em Outubro de 1969, a uma equipa que vinha, há dezoito anos, a preparar a «instauração» do príncipe: a do almirante Carrero Blanco, vice-presidente do Conselho, e de Laureano Lopez Rodó, ministro-comissário do Plano. A equipa mostrava-se desprovida de qualquer base política, mesmo no seio do regime. De todas as forças que o apoiavam, de há trinta anos para cá (Acção Católica, Falange, tradicionalistas, sindicatos oficiais, Exército) só couberam pastas ministeriais aos homens ligados, sem reservas, a Juan Carlos. Dentre os militantes da Acção Católica apenas ficava um, Silva Muñoz, advogado, que poucos meses depois, reservando-se, talvez, para um outro momento do seu país, abandonaria a pasta, que entregaria a Fernandez Mora, um dos autores da «instauração». Castiella, ministro dos Negócios Estrangeiros, gasto por doze anos de governo, fora posto de lado, em parte, talvez, pela sua firmeza em face dos Estados Unidos.

A falta de base política deste Governo iria permitir nos ultras da Falange e à direita da Acção Católica tentarem contra ele uma dupla ofensiva, explorando o caso Matesa e a impopularidade da «Opus Dei».

Num país como a Espanha, será sempre difícil dizer, com verdade e com justiça, em que medida se justifica ou não a impopularidade da *Opus Dei*. Instituição católica, a obra é acusada de agir como «grupo de pressão». Esta ideia não é apenas apoiada, hoje em dia, pelos indivíduos afastados do Governo, mas, também, por personalidades cujo juízo está acima de qualquer suspeita:

1) Quanto à «influência da «Opus Dei» sobre o Estado», sondagens recentes estabeleceram que a participação dos seus membros no Governo seria de três ministros: Lopez Bravo (Negócios Estrangeiros), Lopez Rodo (Plano), Vicente Mortès — por sinal, falangista — (Habitação). A alto nível administrativo, há um membro da «Opus» no Ministério do Interior, um na Informação, quatro no Plano, enfim, uma dezena nas Cortes; nenhum, nas forças armadas, na carreira diplomática, no Conselho Nacional ou no Conselho do Reino.

Conhecemos ministérios e presidentes de júris de concursos que excluem, por princípio, por fobia à «Opus», os candidatos membros daquela organização.

2) Vêem-se membros da «Opus» a chefiar ou integrados em instituições como a Universidade de Pamplona (confiada, pelo Vaticano, à «Opus Dei», do mesmo modo que a Deustona, na Biscaia, foi, outrora, confiada aos jesuítas), o Banco Atlântico, o diário «Madrid» (oposição liberal), o semanário «Actualidad Española», a agência «Europa Press», as edições Rialp, as cadeias privadas de Rádio-Madrid.

Os militantes da Acção Católica, os jesuítas, os franciscanos e a maior parte das ordens religiosas de Espanha instalaram-se, de há trinta anos para cá, no seio de organizações mais amplas e poderosas, que procuram conquistar, para essas ordens, maiores vantagens e poder temporal. Esta atitude triunfalista do catolicismo espanhol, é a causa do anticlericalismo crónico do país, e dos banhos de sangue que a Igreja tem sofrido. A «Opus Dei», em geral, esforçou-se por evitar o triunfalismo, mas tal como os militantes da Acção Católica, quando se achavam no poder, acontece que alguns dos seus membros, quando lá chegam, se põem a «recomendar» obras ou empresas que consideram espiritualmente «úteis», ou a praticar processos de aliciamento em que o Exército vê uma «captação insidiosa».

3) O princípio da pobreza individual obriga os membros da «Opus» a destinar-lhe a totalidade dos seus ganhos e a viver com as importâncias que lhes são reservadas, segundo o mínimo julgado, pela obra, como indispensável à vida profissional e familiar. As somas assim constituídas, declara a «Opus», servem para subvencionar os estabelecimentos de ensino e as organizações sociais da obra.

Ninguém contesta, em Espanha, o ascetismo pessoal dos seus membros, solteiros ou casados — mas dá-se o caso de o homem da rua se sentir surpreendido com o conforto dessas colectividades. Acontece, também, que sendo as «sociedades de perfeição» povoadas de seres humanos, as tentações mundanas mostram-se, por vezes, mais fortes do que a santidade. Esses casos são raros e sujeitam-se a sanções.

4) Aos reparos que lhe são feitos a «Opus» responde: «Só em Espanha, o Instituto conta com 30 mil membros. Há ministros — três —, engenheiros, professores, operários, etc. Há gente das direitas e gente das esquerdas. O papel da obra não é intervir na vida temporal, como é o caso de outros organismos católicos, mas fortificar a sua vida espiritual e permitir a cada um, ao viver os princípios do cristianismo e, se possível, uma vida de perfeição, desenvolver, livremente, a sua liberdade.»

Acrescenta-se: Lopez Rodó passará. A «Opus Dei» há-de continuar.»

5) Em 1969, o inquérito sobre o escândalo Matesa estabeleceu que o seu autor, antigo aluno de uma escola da «Opus», tinha feito a esta um donativo de dois milhões de pesetas e que o desvio de 10 mil milhões tinha sido possível graças à «complacência administrativa — e não remunerada — de dois ministros e do governador do Banco de Espanha, todos os três ligados à «Opus». Anunciou-se em Madrid, em Fevereiro último, que o julgamento poderia só ter lugar dentro de dois anos, sendo a demora necessária para transmitir o processo a todas as pessoas relacionadas com o inquérito. Embora o «código de processo» possa justificar tais delongas, o Exército levou a mal o adiamento. Este via, à volta de um caso em que estava implicada gente da «Opus», a turva auréola que os inimigos da ordem lhe imputam.

UMA TRANSFERÊNCIA DO PODER

Têm-se realizado, ùltimamente, encontros entre o chefe do Estado-Maior, general Diez Alegria, e Lopez Bravo, ministro dos Negócios Estrangeiros. Terão tido como objecto iniciar o Exército na diplomacia da abertura a Leste? Não terão permitido evocar as relações entre os ministros da «Opus»? Terão tais conversações estabelecido tréguas ou preparado a paz? Contribuirão elas, ao mesmo tempo que a publicação, este ano e em Roma, de um novo estatuto da obra e de um anuário dos seus membros, em Espanha, para desanuviar uma atmosfera ainda muito pesada? Um tal desanuviamento, restabelecendo a obra no domínio que lhe compete e os seus membros naquele que lhes respeita, teria como primeiro efeito dissipar os equívocos entre o Governo e o Exército, única força e único apoio indispensável ao gabinete.

O abalo de Burgos propiciou a meditação e as tréguas. Deseja-se, num lado e no outro, que estas durem, apesar dos gritos de «Os militares ao poder!», que, no dia 1 de Abril — aniversário do fim da guerra civil — foram soltos, sob as janelas do capitão-general de Madrid, pelo chefe dos ultras, Blas Pinar, e das inscrições, no melhor estilo mussoliniano, com que este e os seus sequazes sujam as paredes da capital espanhola, actos que apenas servem para arreigar, no espírito dos militares, tanto o gabinete ministerial como a sua política.

No entanto, no coração mesmo desta calmaria, todos os espíritos lúcidos de Espanha admitem uma única certeza: se o Governo não conhece ainda nenhuma oposição séria nas Cortes, no Conselho Nacional, não é porque a censura ou a baixeza calem as bocas — basta seguir os trabalhos das comissões das Cortes para nos convencermos do contrário — mas porque o Governo recebeu a sua autoridade de Franco, única fonte, por agora, do poder. Se a transferência deste para a sociedade espanhola não for empreendida antes do desaparecimento do Caudilho, sejam quais forem as instituições, mesmo plebiscitadas, por maior habilidade que tenha havido nas medidas tomadas para a sucessão, a paz interna arriscar-se-á, a ver-se, ràpidamente, em perigo.

PRÉDIOS
COMPRAM-SE
SÓ TRATAMOS COM O PRÓPRIO.
Resposta a este jornal ao n.º 827

A PROIBIÇÃO DO DDT EQUI MILHÕES DE

O mundo não pode permitir se passar sem o DDT — afirma a F. A. O. num novo relatório que deve ser em breve publicado; dezenas de milhão de pessoas seriam ameaçadas pela fome no caso de este insecticida ser proibido em todo o mundo

Efectivamente os especialistas da F. A. O. fazem notar que a proibição do DDT no Ceilão permitiu verificar até que ponto este insecticida era essencial na luta contra a malária, a qual voltou a ser epidémica nesta ilha.

Os especialistas da F. A. O. afirmam, ainda, que todos os programas biológicos — compreendendo a esterilização dos insectos machos — e os substitutos mais caros e mais tóxicos do DDT não são suficientes, a despeito da sua magia para fazer face á actual situação.

Estas conclusões levam duas das agências especializadas das Nações Unidas — a F. A. O. e a O. M. S. — a opor-se ás campanhas das organizações de protecção da natureza que pretendem a interdição imediata e total do DDT.

«É preciso dizer que uma

grande parte da agitação a favor de restrições rigorosas ao emprego do DDT, ou mesmo da sua interdição, se baseia em temores que não têm fundamento» — afirma o relatório da F. A. O.

UTILIZAÇÃO MÍNIMA

Enquanto aguardam mais dados sobre a matéria, a F. A. O. e a O. M. S. prendem-se a uma política que data de 1969: estas organizações continuam a recomendar o uso do DDT, mas limitando o seu emprego ao mínimo.

A segurança e a eficácia foram os dois principais temas de uma conferência organizada, este mês, pela F. A. O., em São Paulo, no Brasil, á qual 11 dos principais fabricantes mundiais de insecticidas enviaram representantes para apresentarem os seus programas de luta contra os efeitos secundários nocivos dos insecticidas.

Contudo, na principal intervenção desta conferência foi acentuado que ainda não havia solução de substituição nos programas actuais de «contrôle»

«Seria, com efeito, prestar um mau serviço á sociedade encorajar os agricultores a não utilizarem mais os métodos actuais para a protecção das culturas mesmo que isso seja feito de maneira incorrecta em numerosos países, para recorrer a métodos novos e sedutores mas que ainda não foram postos á prova»—declarou o dr. Ruy Smith, entomologista da Universidade da Califórnia, de Berkeley.

UM MAL CONHECIDO

Certos especialistas não escondem a sua preocupação perante o possível êxito de uma campanha contra o DDT nos Estados Unidos, que poderia afectar um dos principais produtores mundiais de produtos agrícolas.

Os especialistas da F. A. O. são os primeiros a reconhecer que os insecticidas, incluindo o DDT, têm sido mal utilizados e criado problemas. A vida da natureza sofreu por isso. Encontraram-se elevados níveis de resíduos nos seres humanos e nos animais.

Um numero cada vez maior de espécies animais e

VALERIA À FOME PARA HOMENS

Por LOUIS FLEMING

vegetais desenvolveram uma resistência aos agentes químicos. Espécies nocivas foram substituídas por espécies ainda mais vorazes. Numerosos agricultores não compreenderam o fenómeno e julgaram encontrar um remédio utilizando doses cada vez mais elevadas de DDT.

Todavia, não foi possível atribuir qualquer anormalidade nos seres humanos ao emprego do DDT. «Sabemos mais acerca do DDT do que acerca de qualquer outro produto químico» — declara um especialista da F. A. O. «Estamos numa fase em que vale mais enfrentar um mal que conhecemo do que um mal que ignoramos».

INGLATERRA E ESCÓCIA

VIAGENS ESPECIAIS

LISBOA-INGLATERRA-LISBOA, em avião
EXCURSÕES EM AUTOCARRO PELO REINO UNIDO
(Tudo incluído)

ABERDEEN, LAGO NESS (Lock Ness) e GLENCOE	10 dias	6990$00
PITLOCHRY, LAGO NESS e MONTANHAS	10 dias	6990$00
ESCÓCIA DOS GRAMPIOS e ILHA DE SKYE	11 dias	7620$00
GRANDE TOUR DAS MONTANHAS	10 dias	7310$00
NORTE DA ESCÓCIA e AVIEMORE	12 dias	7980$00
INGLATERRA e ESCÓCIA	14 dias	9320$00

PEÇA-NOS O PROGRAMA DETALHADO

Informações e reservas:

BELOS Turismo

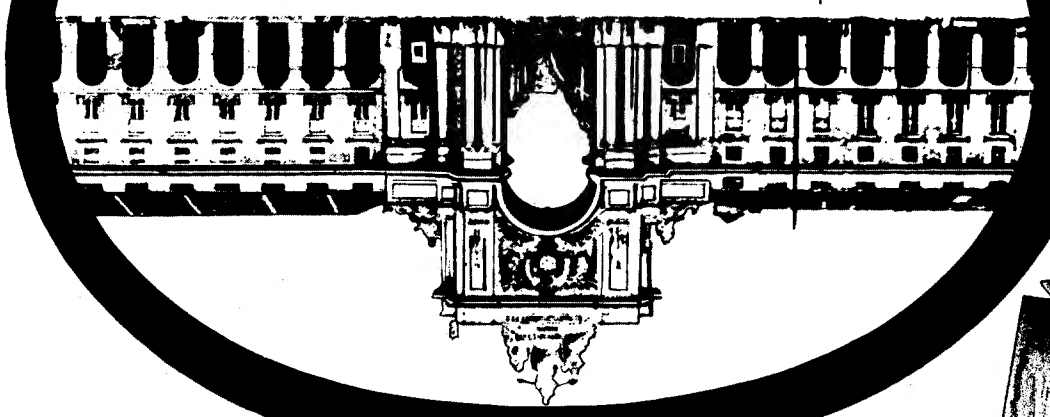
SETUBAL—Avenida 5 de Outubro — Telef 23291

ÉVORA — Rua da República — Telef 24254

COMPRE...
...RECEBENDO
DINHEIRO!

VIRE LISBOA DE CIMA PARA BAIXO
QUE NÃO ENCONTRARÁ NADA
QUE SE COMPARE A ESTA

FANTÁSTICA NOTÍCIA!



Damos autênticas notas de Banco
e pomos à sua disposição
as melhores marcas de

FRIGORÍFICOS • MÁQ. DE LAVAR ROUPA E LOUÇA • TELEVISORES • FOGÕES • ESQUENTADORES • ETC.

visite qualquer das lojas

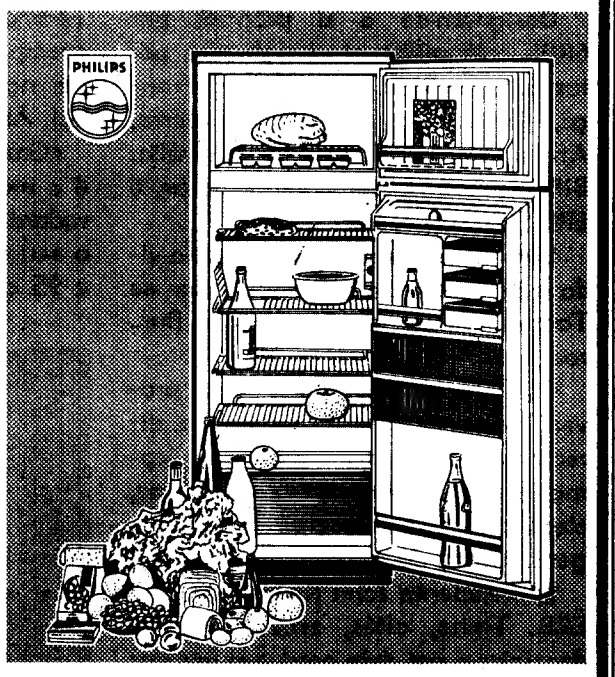
Dardo

E LEVE PARA CASA UMA NOTA DE 1000$00

QUEM COMPRA NA DARDO ACERTA NO ALVO!

LOJAS DARDO:
Av. da Liberdade, 131 ■ Rua S. Bento, 55 ■ Av. Almirante Reis, 124
P. de Londres, 7 ■ Rua D. Estefania, 193 ■ Rua 1º de Maio, 146 - A
R. Gonçalves Crespo, 26 - A

no espaço desejado o frio apetecido



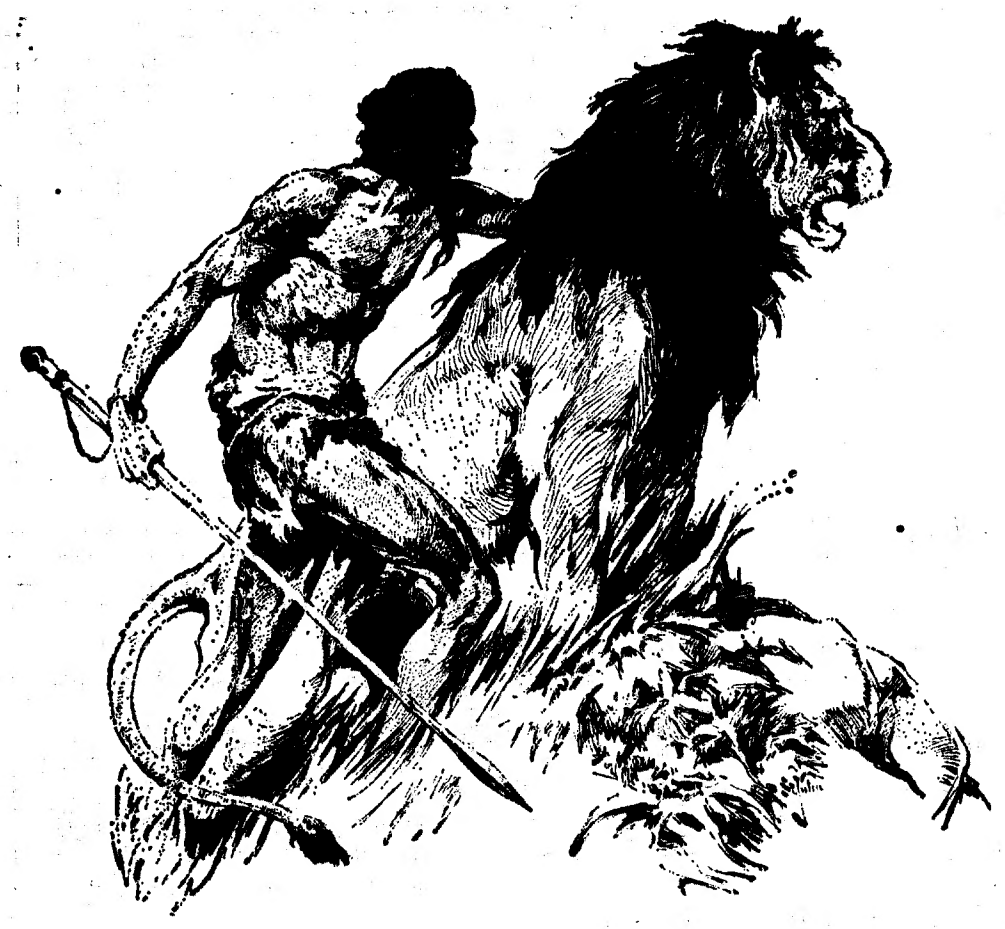
faça num só dia as compras para toda a semana

Agora pode escolher o dia e o momento para fazer as suas compras. É possível que não ocupe todo o espaço que o frigorífico Philips lhe oferece, mas pode ocupar de outra forma o tempo precioso que perdia nas suas compras diárias.

TORNE MAIS ÚTEIS OS SEUS DIAS ÚTEIS

tenha em sua casa um frigorífico

PHILIPS



O «HERÓI» TARZAN CONSTITUI AINDA UM BELO NEGÓCIO

YUBA CITY (Califórnia)

Por CHARLES HILLINGER

Designam-se a si próprios por ERBS. Há milhares, espalhados pelas Sete Partidas — Américas, França, Alemanha, Itália, Inglaterra, África, Japão, Rússia e Austrália. Bill Dutcher, solteiro, de 34 anos, é ERB desde os treze.

Um ERB é um apaixonado pela vida e pela obra do autor e criador de Tarzan, o falecido Edgar Rice Burroughs.

Os ERBS têm as mais diversas proveniências — acrobatas de circo, directores de empresa, escritores (como Ray Bradbury), contabilistas, electricistas, professores, p a d r e s, gente nova, de meia-idade e velhos.

O presidente John Kennedy foi um ERB. Tinha, aliás, excelentes credenciais: o pai dele produziu um dos 42 filmes de Tarzan.

Quando Bill Dutcher não está a preparar «hamburgers» no «grill» do café de que é proprietário, é porque está a trabalhar na publicação de uma revista ERB, chamada «Jasoomian».

Durante a entrevista que com ele tivemos no seu apartamento, atulhado de recordações do Homem Macaco e de Edgar Rice Burroughs, Bill Dutcher ia roendo umas batatas fritas avinagradas, feitas em Quebec, e de marca Tarzan. E o nosso homem foi-nos explicando porque é que a sua revista tinha aquele nome:

«O primeiro romance de Burroughs, «A Princesa de Marte», encetou uma série de dez livros de ficção científica, escritos pelo autor, sobre aquele planeta. Edgar Rice Burroughs escreveu, ao todo, 90 romances, 29 da série Tarzan. Nos seus livros aparecem 18 idiomas inventados por ele, incluindo a língua dos marcianos. «Jasoomian» é uma das palavras marcianas imaginadas por Burroughs e significa «habitante da Terra».

35 MILHÕES DE LIVROS SOBRE TARZAN

A revista de Bill Dutcher tem 32 páginas, ilustradas, e custa 1 dólar. Tem uma tiragem superior a 2000 exemplares, contando com assinantes na Europa, África, América do Sul, Ásia e Austrália.

«Gosto de pensar que «Jasoomian» é a modos que a «Time» dos admiradores de Tarzan», confidencia-nos o seu editor, um homem de 1,55 m e 95 quilos.

«Jasoomian» está cheia de gravuras, histórias aos quadradinhos e de notícias sobre Tarzan e a actividade dos ERBS.

Bill Dutcher avalia em 50 000 dólares a sua colecção Tarzan-Burroughs. Esta inclui as primeiras edições dos livros daquele autor. Os coleccionadores pagam entre 50 cêntimos a 1 dólar por fotografias de Tarzan, tiradas dos filmes, e Bill Butchers possui umas 10 000. Os primeiros «comics» inspirados no Homem Macaco estão avaliados em 50 dólares cada exemplar. A primeira edição de «Tarzan dos Macacos» foi de mil exemplares e os compradores de livros raros pagam, agora, 600 dólares por cada um.

Bill Dutcher no seu apartamento, atulhado de recordações de Tarzan. É um dos milhares de ERBS existentes em todo o Mundo, apaixonados pela vida e obra de Edgar Rice Burroughs

Bill Dutcher tem cópias dos folhetins radiofónicos, inspirados em Tarzan, que foram para o ar em 1930: uma série em que Joan, filha de Burroughs, fazia de Jane, e Jim Price, seu marido, de Tarzan. Além disso, tem filmes mudos e sonoros sobre o seu herói e os originais dos «scripts».

O apartamento de Bill Dutcher está cheio de armários com embalagens de «chewing-gum», cigarros, pão, sorvetes e batatas fritas, além de camisas, discos, cartazes, quadros — tudo relacionado com o Homem Macaco.

Foram publicados, em todo o Mundo, para cima de 35 milhões de exemplares dos livros de Tarzan. Dutcher, que está empenhado numa campanha para levar os Correios dos Estados Unidos a emitirem um selo comemorativo de Edgar Rice Burroughs, sabe tudo sobre o Homem Macaco e o seu autor:

UM GRUPO COM 2500 MEMBROS

«Os primeiros filmes de Tarzan apareceram em 1918, e ainda hoje se continuam a fazer. É a série mais longa de todos os tempos. «Tarzan dos Macacos», com Elma Lincoln, o primeiro Tarzan, também foi o primeiro filme a custar e a render uma fortuna».

«Burroughs nasceu, em Chicago, no dia 1 de Setembro de 1875 e morreu, em 19 de Março de 1950, na sua casa de Tarzana, na Califórnia, sem nunca ter posto os pés em Africa. Foi o mais velho correspondente de guerra, durante o segundo conflito mundial».

Bill Dutcher, cujo Homem Macaco favorito é Gordon Scott, diz que em certas parte do Mundo se está agora a descobrir o Tarzan. Em França, por exemplo, os livros sobre aquele herói estão a tornar-se um belo negócio editorial, graças à publicação da série completa de Tarzan, em tiragens de 250 000 exemplares por título.

Bill Dutcher pensa em mandar os «hamburgers» para as urtigas se a sua revista alcançar uma tiragem de 5000 exemplares. Há dez anos que pertence ao grupo de bibliófilos interessados na obra de Edgar Rice Burroughs. Os 2500 membros do grupo pagam uma quota anual de 5 dólares e reunem-se, todos os anos, num congresso.